

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

ANDERSON DOS SANTOS GUERREIRO

DISSIDÊNCIAS NA BASE BOLSONARISTA NO FACEBOOK:
sentidos de embates no grupo *Bolsonaro - Eu apoio* e na página *SOMOSTODOSBOLSONARO*

São Leopoldo, RS.

2022

ANDERSON DOS SANTOS GUERREIRO

**DISSIDÊNCIAS NA BASE BOLSONARISTA NO FACEBOOK:
sentidos de embates no grupo *Bolsonaro - Eu apoio* e na página *SOMOSTODOSBOLSONARO***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Clara Aquino

São Leopoldo, RS.

2022

G934d Guerreiro, Anderson dos Santos.

Dissidências na base bolsonarista no Facebook : sentidos de embates no grupo Bolsonaro - Eu apoio e na página SOMOSTODOSBOLSONARO / por Anderson dos Santos Guerreiro. – 2022.

97 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2022.

“Orientadora: Dra. Maria Clara Aquino”.

1. Bolsonarismo. 2. Plataformas. 3. Democracia. 4. Comunicação. 5. Desinformação. I. Título.

CDU: 659.3:32

ANDERSON DOS SANTOS GUERREIRO

**DISSIDÊNCIAS NA BASE BOLSONARISTA NO FACEBOOK: SENTIDOS DE
EMBATES NO GRUPO BOLSONARO - EU APOIO E NA PÁGINA
SOMOSTODOSBOLSONARO**

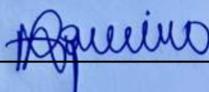
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 28 DE MARÇO DE 2022.

BANCA EXAMINADORA

**PROF. DR. MARCELO ALVES DOS SANTOS JÚNIOR - PUC-Rio
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. RONALDO CÉSAR HENN – UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. MARIA CLARA JOBST DE AQUINO - UNISINOS

A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco morre um dia.
(Carolina Maria de Jesus em *O Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* - 1960)

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste mestrado, materializada nesta dissertação, tem uma representação muito forte para mim e para minha família. Não lembro quando me veio a vontade de entrar no mestrado - possivelmente ocorreu durante a graduação, mais para o final, quando já fazia Iniciação Científica. Não lembro quando veio a vontade de fazer graduação. Deve ter sido na mesma época dos outros colegas do ensino médio.

Falo da *vontade* porque entre ela e a concretização uma série de barreiras sempre se colocaram no caminho. Talvez não apenas barreiras, mas condições que, digamos, nunca jogaram a favor.

Sou um filho da zona rural, do interior de uma cidade de nove mil habitantes chamada Pantano Grande, a 120 quilômetros de Porto Alegre. Sou o caçula de quatro filhos de uma dona de casa e um aposentado da indústria do calcário, minério importante na economia local. Meu pai e minha mãe somam oito anos de escola e fui o primeiro dos irmãos a entrar e concluir um curso superior.

O ensino médio sempre foi uma possibilidade e um caminho natural, ainda que exigisse uma viagem diária para a cidade, que iniciava antes das 6h. A faculdade, não. Já no terceiro ano do ensino médio, colegas começaram a decidir que profissão teriam, a maioria deles com famílias que poderiam custear sua graduação independente do preço. Eu torcia para que não me perguntassem, pois além da difícil decisão sobre a profissão, o que mais pegava para mim era a viabilidade do ensino superior.

Com uma mudança para a capital em 2011, sem nenhuma referência mais próxima, entrei na Unisinos em 2012, concluindo o curso de jornalismo em 2018 e retornando em 2020, para o mestrado em Ciências da Comunicação.

O resumo que fiz acima não tem o objetivo de ganhar contornos meritocráticos. Meu objetivo é apenas pontuar a partir de onde pesquiso, produzo e entendo o mundo. Durante o ensino médio, a graduação e o mestrado, a rotina de trabalho sempre se colocou como obstáculo. A necessidade de sobrevivência financeira ia, mês a mês, sepultando melhores produções, novas leituras, participação em eventos durante o dia, aprimoramento de idiomas, etc.

Porém, aqui estamos. A etapa, que se conclui agora, marca um período de muito aprendizado. Foi realmente um momento de iniciação à pesquisa de maneira mais intensa, permitindo, também, o amadurecimento necessário para que os próximos passos sejam dados. A pesquisa, das páginas a seguir, talvez não seja a dissertação dos sonhos, para mim e para a academia. Porém, me orgulho dela. Com um mestrado totalmente on-line e em meio a uma pandemia, fazer pesquisa e concluir este

trabalho com a sanidade mental em dia é motivo suficiente para me deixar tranquilo quanto aos resultados que apresento aqui.

Creio que esta dissertação representa, também, a importância do acesso da classe trabalhadora aos espaços de pensamento e produção do conhecimento. Possivelmente esta pesquisa teria outros contornos caso fosse possível uma dedicação exclusiva a ela, mas, na verdade, nunca foi objetivo. Trabalhadores fazendo ciência paralelamente às suas rotinas de trabalho fora da academia também podem, a meu ver, contribuir com pesquisas que não desconheçam o caráter subjetivo em função de quem a conduz.

Os agradecimentos que faço abaixo são uma singela forma de lembrar de pessoas que foram importantes na minha jornada, não apenas nos dois anos de mestrado, mas antes também.

Início pela sociedade brasileira, que durante 24 meses, através da Capes, financiou minha pesquisa e me isentou de qualquer pagamento por ela, inclusive eventos dos quais pude participar.

À minha orientadora, professora Maria Clara Aquino, o mais sincero e carinhoso obrigado. A liberdade dada para a construção da pesquisa e os incentivos rotineiros, somados a puxões de orelha necessários, permitiram que chegássemos até aqui.

À minha família - Odison e Elisabete, pai e mãe, Josiane, Clebson e Gisele, irmãs e irmão, Nikolli, Brayan, Valentina e Maria Clara, sobrinhas e sobrinho, Jailson e Gizeli, cunhado e cunhada -, obrigado por todo apoio e torcida. Vocês, ainda que a distância, são suporte importante nesta vida.

À grande e insubstituível amiga Rita Garrido, que também agora está concluindo seu mestrado em Ciência Política, meu carinho imensurável. Nossas trocas acadêmicas foram incontáveis durante estes dois anos, desde as cervejas para comemorar a aprovação nos processos seletivos até as conclusões de que precisamos ocupar estes espaços, ainda que não consigamos seguir cartilhas pré-definidas de *como é ser um mestrando*.

Ao Daniel, meu namorado, que durante incontáveis vezes me ouviu falar do mestrado, em situações de euforia e animação, e em momentos de reclamação e desânimo. Obrigado por tudo.

À Vitorya, amiga e companheira de moradia em Porto Alegre e, agora em São Paulo, obrigado de igual forma por todo apoio e conversas diárias.

A amiga Fernanda Salla, por todo apoio nesta pesquisa e pela amizade de alguns anos, também muito obrigado.

Aos demais professores do PPG de Ciências da Comunicação da Unisinos, em especial Ronaldo Henn e Rafael Grohmann e a professora Marcia Veiga, obrigado por tudo, sempre. Aos

professores da graduação que sempre foram fonte de inspiração, um fraterno agradecimento: Pedro Osório, Sérgio Endler, Felipe Boff e Luciana Kraemer.

À professora e amiga Caroline Salgueiro, que durante todo o ensino médio me deu aulas de português, em Pantano Grande/RS, um carinhoso obrigado pelo incentivo naqueles anos e nos atuais.

A todos os colegas com quem pude estabelecer trocas durante estes dois anos de mestrado: Leonardo Francisco, Fabricio Barilli e colegas da Representação Discente 2020/2021 - Leticia Rossa, Rafael Krambeck, Alison Soares e Amanda Vic -, um super obrigado.

Aos amigos que acompanharam esta jornada e também sabem do seu significado, obrigado por toda a torcida: Gabriel Coimbra, Renan Louritan, Artur Colombo, Everton Cardoso, Silvia Lasek, Bruno Pancot, André Machado e Felipe Dias.

Aos meus gatos, Gabo e Sia, já referenciados no TCC de 2018, novamente obrigado por estarem sempre comigo.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu saia desta jornada um pouco melhor do que entrei, enquanto pesquisador, jornalista e ser humano.

RESUMO

Esta pesquisa analisa dois meses de publicações e comentários da página *SOMOSTODOSBOLSONARO* e do grupo *Bolsonaro – Eu Apoio*, do Facebook. Entre 17 de março e 17 de maio de 2021, foram mapeadas 1.240 publicações nos dois espaços, que tiveram 1,1 milhão de comentários. Uma análise inicial mostrou que havia dissidências na base digital bolsonarista organizada nesta página e neste grupo, o que passou a ser nosso foco. Desta forma, ao analisarmos as publicações e, mais especificamente, os 100 comentários mais relevantes de parte delas, buscamos responder o seguinte problema de pesquisa: que sentidos emergem das dissidências na base bolsonarista organizada através do Facebook? Para isso, estruturamos a pesquisa em dois capítulos teóricos – sobre comunicação política, plataformas, desinformação, democracia e bolsonarismo – e outros dois com o detalhamento do método e as inferências, feitas a partir do método de Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais. Nossos resultados indicam que as deserções percebidas na base bolsonarista são heterogêneas e, apesar de indicarem a falta de adesão plena às ações do presidente e do governo, não compõem a maioria daqueles que publicam e comentam na página e grupo observados. Integram o grupo dos dissidentes, em especial, radicais de extrema direita descontentes com uma alegada “ponderação” de Bolsonaro, descontentes principalmente pela crise econômica e o tratamento da pandemia e infiltrados, possivelmente eleitores identificados com a esquerda, mas que publicam e comentam em grupos e páginas bolsonaristas.

Palavras-chave: bolsonarismo; plataformas; democracia; comunicação; desinformação.

Sumário

1. Introdução	11
2. Plataformas digitais e comunicação política.....	16
2.1. Plataformas digitais: qual a saída?	16
2.2. Desinformação nas plataformas	19
3. Bolsonarismo e plataformização da política.....	26
3.1. O bolsonarismo em consolidação.....	26
3.2. A eleição de 2018 e o populismo digital como estratégia.....	33
3.3. “Eu autorizo, presidente”: o bolsonarismo como base para aspirações antidemocráticas	38
4. Objeto e método	44
4.1. “Aqui é só quem apoia o mito”: sobre estar nestes grupos	48
4.2. Método.....	48
4.3. “Tem petista infiltrado”: elementos éticos e escolhas na pesquisa em grupos do Facebook ..	50
5. Categorização e análise.....	53
5.1. Primeiras inferências e estabelecimento de categorias.....	53
5.2. Identificando, cruzando e analisando comentários e interações.....	56
5.3. O que têm em comum os <i>posts</i> com mais comentários?	76
5.4. Dissidências heterogêneas e a importância dos infiltrados	79
6. Discussão e análise das hipóteses	82
7. Considerações finais.....	88
Referências.....	91

Lista de figuras

Figura 1 - Print de comentário em publicação da página SOMOSTODOSBOLSONARO, no Facebook.....	67
Figura 2 - Print de publicação de 17 de março de 2021 da página SOMOSTODOSBOLSONARO	70
Figura 3 - Print de publicação de 13 de maio de 2021 da página SOMOSTODOSBOLSONARO..	71
Figura 4 - Imagens de comentários com referências religiosas.	76
Figura 5 - Prints de 17/3/21 e 18/3/21.....	77
Figura 6 - Prints de 2/4/21 e 15/4/21.....	78
Figura 7 - Montagem sobre a família de Lula.....	86

Lista de tabelas

Tabela 1 - Dados quantitativos da captação feita entre 17 de março e 17 de maio, com separação por mês.	47
Tabela 2 - Dados quantitativos da captação somados.	47
Tabela 3 - Categorias a partir de publicações e comentários do grupo e da página.	54
Tabela 4 - Subcategorias a partir das críticas ao presidente e ao governo.	57
Tabela 5 - Percentual de críticas e apoios na página e no grupo a partir da análise de quatro posts.	68

1. Introdução

Às 19h18 do dia 28 de outubro de 2018 o Brasil teve a certeza de que estava diante de algo diferente. Quando os números do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)¹ deram a vitória matemática a Jair Bolsonaro para a presidência da República, pudemos perceber que a estratégia bolsonarista de campanha havia dado certo. Analistas políticos e pesquisadores de toda ordem tratam, desde então, compreender o fenômeno Bolsonaro em 2018, tudo o que ele significou e que aspectos do bolsonarismo e das estratégias daquela campanha ainda se perpetuam, podendo ou não significar nova vitória nas eleições de 2022.

Na última pesquisa Ipec², divulgada no dia 14 de dezembro de 2021, Bolsonaro apareceu com 21% de intenções de voto no primeiro turno (Lula lidera com 48%)³. O *Datafolha* de dois dias depois ratificou o cenário: 48% para Lula, 22% para Bolsonaro⁴⁵.

Nossa inquietação, porém, se reforça ao percebermos que Bolsonaro mantém uma fiel base de apoio que nos convida a uma investigação. Como podemos, por exemplo, assistir às atitudes e aos posicionamentos do presidente diante da pandemia da Covid-19 e acreditarmos que cerca de um quarto da população está de acordo? Aqui inclui-se flertes muito diretos com uma nova ruptura democrática, 57 anos depois e novamente liderada por um militar - mas este eleito pelo voto.

Para o campo da comunicação, a campanha de Jair Bolsonaro em 2018 traz elementos instigantes e fora da curva, até então. Se as suas pautas soavam abomináveis para parte da sociedade - como o conservadorismo nos costumes, a defesa do armamento e da ditadura militar -, elas também ecoaram em grupos diversos que aproveitaram o ‘fator Bolsonaro’ para assumirem seus ideais conservadores e alinhados à extrema direita.

Bolsonaro também desafiou o *modus operandi* das eleições dos últimos 24 anos no Brasil. Tratamos de, conforme pontuam Piaia e Alves (2020, p. 138), “um candidato das franjas políticas de

¹ Fonte: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/presidente-do-tse-anuncia-eleicao-de-jair-bolsonaro-para-presidente-da-republica> Acesso em 29 jun. 21.

² Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/25/lula-tem-49percent-bolsonaro-23percent-ciro-7percent-doria-5percent-e-mandetta-3percent-no-1o-turno-aponta-pesquisa-ipeec.ghtml> Acesso em 29 jun. 21.

³ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/12/14/lula-tem-48percent-das-intencoes-de-voto-para-presidente-bolsonaro-tem-21percent-diz-ipeec.ghtml> Acesso em 6 fev. 22.

⁴ Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/datafolha-lula-tem-48-das-intencoes-de-votos-bolsonaro-22-e-moro-9/> Acesso em 15 fev. 22.

⁵ Novas pesquisas foram divulgadas, por outros institutos, entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, antes da conclusão desta pesquisa. Porém, preferimos, aqui, utilizar dados do Ipec e do Datafolha.

discurso intolerante que adotou um partido de aluguel meses antes do pleito, sem estrutura organizacional nos estados e sem uma aliança partidária que garantisse tempo de televisão para propaganda eleitoral”.

Agora, com mais de três quartos concluídos de seu governo, fica evidente que diversas estratégias da campanha bolsonarista em 2018 ainda se perpetuam, entre elas o uso das plataformas digitais como ferramenta de comunicação direta com o público. Diversas pesquisas já publicadas, como de Fernanda Bruno e Rafael Evangelista (2020) e Letícia Cesarino (2019a, 2019b, 2020a, 2020b), apontam a centralidade das plataformas na campanha de Jair Bolsonaro em 2018, com maior destaque para os disparos em massa de mensagens através do WhatsApp. Mas não só.

Uma primeira imersão em grupos e páginas bolsonaristas, especialmente no Facebook, nos mostrou diversos sentidos inicialmente acionados a partir do acompanhamento de publicações e comentários. Essa entrada nos grupos se deu na metade de 2020 e, especialmente a partir da virada para 2021, percebemos um elemento novo nas observações desses grupos e páginas: as dissidências. De bolsonaristas arrependidos a infiltrados, passamos a identificar ruídos na base digital de apoio ao presidente Jair Bolsonaro.

O foco, para este trabalho, será analisar dois meses de publicações e comentários da página [SOMOSTODOSBOLSONARO](#) e do grupo [Bolsonaro - Eu apoio](#), ambos do Facebook, englobando o período de 17 de março a 17 de maio de 2021. As razões para esta escolha estão explicitadas no capítulo de material e métodos.

Entre tantas opções – como notícias, grupos de movimentos de oposição, páginas e grupos estruturados em outras plataformas -, preferimos focar na circulação de publicações e comentários em dois espaços de organização da base bolsonarista no Facebook. Isso por entendermos que, para tentarmos responder nossa inquietação inicial, eles nos dariam a base necessária para a análise sobre proposta a seguir. Além disso, com maiores possibilidades de mapeamento e captura dos conteúdos.

A partir deste cenário, formulamos o seguinte problema de pesquisa: que sentidos emergem das dissidências na base bolsonarista organizada através do Facebook?

Nosso objetivo geral é aferir os sentidos das dissidências percebidas na página [SOMOSTODOSBOLSONARO](#) e no grupo [Bolsonaro - Eu apoio](#). Para isso, focamos em aspectos como personagens, discursos, frequências, conversações geradas e assuntos tratados.

Como objetivos específicos, elencamos:

- identificar as principais estratégias de comunicação do grupo e página analisados.

- analisar de que forma o bolsonarismo se constitui através desta página e deste grupo, especialmente a partir das pautas abordadas.
- identificar elementos de desinformação nas publicações originais, buscando verificar se são ou não estratégias previamente planejadas e deliberadas.

Os objetivos específicos dialogam com o geral na medida em que nos dão suporte para compreender algumas especificidades do grupo e da página aqui analisados. As dissidências, em muitos casos, são mais evidentes dependendo da estratégia utilizada, ou seja, das publicações que são feitas, especialmente pelos moderadores do grupo e administradores da página.

O problema de pesquisa se originou na percepção de aumento das dissidências na base de Jair Bolsonaro organizada nas plataformas digitais. O acompanhamento praticamente diário de grupos e páginas, especialmente no Facebook e no Telegram, mostrou que as críticas ao presidente, à condução do governo e a algumas figuras do seu entorno, como filhos e ministros mais fiéis, aumentavam. Junto a isso, múltiplas estratégias de ativismo digital, permanentes ou em mutação.

A partir disso, a presente pesquisa buscará analisar algumas hipóteses, formuladas com base em análise preliminar dos conteúdos recortados para este trabalho:

- a) mensagens críticas a Bolsonaro, ao governo e/ou a figuras publicamente identificadas como apoiadoras do presidente, não formam a maioria das publicações e comentários na página e grupo observados, mas indicam a quebra de uma possível continuidade anterior de plena adesão ao bolsonarismo;
- b) curtidores e comentaristas da página e membros do grupo agem de maneira diferente nos dois espaços. O primeiro, sabidamente público, ensejando mínima cautela sobre alguns aspectos. O segundo, teoricamente fechado, no qual comentários podem adotar um tom mais radical;
- c) assim como age o próprio presidente, sua base, no grupo e página observados, também oscila quando da eleição de “inimigos”, antagonizando com figuras já consolidadas, como o ex-presidente Lula e o PT, e com desafetos mais recentes e, em geral, ex-apoiadores de Bolsonaro;
- d) conteúdos desinformativos circulam em ambos os espaços, com preponderância de notícias posicionadas, oriundas de sites da mídia hiperpartidarizada.

Alguns temas mais ligados à Ciência Política - como democracia e populismo - farão parte desta pesquisa pois há inerência ao que nos propomos a investigar. Entendemos que esses pontos dialogam com questões como desinformação e plataformização da política, na medida em que é nas plataformas digitais que se centram a criação e a propagação de conteúdos que, por exemplo, defendam uma ruptura democrática no Brasil.

Na esfera comunicacional, trazemos autores e autoras que têm pensado principalmente sobre a circulação de conteúdos nas plataformas digitais, especialmente a partir da ascensão das plataformas em si, estruturadas através de aplicativos para smartphones e tablets. A década que vai de 2011 a 2020 nos leva para o caminho das plataformas, com usos através de dispositivos móveis e não restritamente em computadores e notebooks.

Como “infraestruturas digitais (re)programáveis” (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020, p. 3), as plataformas digitais nos desafiam por apresentarem possibilidades outras não apenas de interações, mas também de disseminação de conteúdos em rede e de, a cada dia, permitirem a ampliação do alcance daquilo que se quer falar. Junto a isso, uma crescente discussão sobre a regulação do serviço das grandes plataformas, como o Facebook, dado o alcance que conteúdos desinformativos têm e cujo freio das plataformas não é suficiente.

Adentramos, também, na discussão sobre desinformação e *fake news*. Se no inglês os termos *misinformation* e *disinformation* tratam de separar conceitualmente o que é desinformação causada por erros de construção de uma notícia ou mesmo por exageros e omissões (o primeiro) e o conteúdo que, de maneira deliberada, foi criado com o intuito de desinformar (o segundo), no português ainda nos perdemos em meio a essas diferenciações do ponto de vista de nominá-las conceitualmente. A imersão que fizemos em grupos de apoio ao presidente Jair Bolsonaro nos permite identificarmos as duas situações, ora de maneira clara, ora percebendo elementos interseccionados entre essas práticas.

A dissertação está organizada em quatro capítulos, sendo dois teóricos e dois de método, objeto e análise. Os teóricos debatem os aspectos comunicacional e político que norteiam esta pesquisa. Os dois últimos trazem a abordagem prática dos elementos problematizados na parte inicial, com o percurso metodológico, os dados coletados e as inferências possíveis a partir disso.

No primeiro capítulo teórico, passamos pelo conceito de plataformização e pela organização das plataformas e sua presença no nosso cotidiano. Adentramos, depois, na discussão sobre desinformação no contexto das plataformas, tentando direcionar o debate para o contexto político. No segundo capítulo, discutimos a constituição de Bolsonaro e do bolsonarismo, o papel da imprensa

nesta sustentação e os principais fatores que nos guiaram, principalmente entre 2011 e 2018, para a guinada democrática representada pelo atual presidente (AVRITZER, 2019).

A seguir, detalhamos as escolhas feitas para a delimitação do *corpus* de análise e os métodos utilizados. Também passamos, rapidamente, sobre as sensações e desafios de estar em espaços como um grupo e uma página bolsonaristas por longos meses e os tratamentos dos dados obtidos. Na análise, nosso foco recai, de maneira especial, sobre dissidências percebidas na base bolsonarista estruturadas nas plataformas logo no início da observação do grupo e da página do Facebook escolhidos para esta pesquisa: *Bolsonaro – Eu apoio* e *SOMOSTODOSBOLSONARO*, respectivamente. A partir dessas deserções, conduzimos uma análise sobre os sentidos que emergem dos comentários daqueles que apoiaram Bolsonaro na eleição de 2018 e que dão sinais, mais ou menos diretos e com justificativas variadas, de que não darão seu voto a ele neste ano.

Ao final, trazemos algumas conclusões que colaboram muito mais com o cenário de incertezas sobre o que representará Bolsonaro nas eleições deste ano do que com a assertividade que talvez esperávamos ao iniciar este trabalho. Nossos resultados apontam para a existência de dissidências em proporção muito inferior ao apoio recebido por Bolsonaro no grupo e página analisados, mas indicam os principais pontos que podem levar apoiadores do presidente a não renovarem seu voto a ele em 2022.

2. Plataformas digitais e comunicação política

Neste eixo da pesquisa, buscamos discutir elementos voltados à comunicação nas plataformas, à luz da presença de empresas como Facebook, WhatsApp e Twitter nas discussões políticas. Em outubro de 2018, uma pesquisa do DataFolha mostrou que 46% dos brasileiros liam sobre política e eleições no WhatsApp e no Facebook (CAMPOS MELLO, 2020). O dado corrobora com o entendimento de Alves dos Santos Júnior (2016): a comunicação política e os sistemas midiáticos são impactados pela plataformação da web.

Por isso, propomos, a seguir, uma discussão que contemple as características mais atuais do funcionamento das maiores plataformas digitais e os seus usos em contextos políticos, sejam eles eleições ou manifestações durante as gestões; a desinformação neste contexto, sabendo que conteúdos são criados acintosamente para desinformar e circulam pelas plataformas, formando sentidos que podem destoar da realidade; e especificamente sobre o Facebook, objeto desta pesquisa.

2.1. Plataformas digitais: qual a saída?

O já consolidado clichê que diz que “os dados são o petróleo do século XXI” é tensionado por Morozov (2018, p. 8) em um livro que nos traz o lado menos “colorido” e positivo das plataformas de comunicação que, hoje, regem parte da nossa vida. Para ele, o domínio do mundo passa pelo domínio da tecnologia mais avançada. Não há, desde nosso ponto de vista, como dissociar o debate político dessas definições e do cenário atual que denota uma presença até intrigante da comunicação por plataformas em todo o mundo.

Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 3) definem plataformas como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”. Essas características são importantes, pontuam os autores, pois permitem que haja espaço para a criação de conteúdo e serviços pelos complementadores que, ao cabo, chegarão aos usuários finais. Plataformas também podem ser entendidas como “ambientes online que permitem aos usuários projetar e implantar aplicativos que eles projetam ou são oferecidos por terceiros” (GILLESPIE, 2010, p. 349).

O conceito de plataformização, advindo das plataformas, também nos é útil pois é através dele que podemos perceber e/ou pensar a ação das plataformas nos cenários mais comuns, como os usos cotidianos que fazemos das plataformas de redes sociais, e nos contextos mais amplos. Os próprios Nieborg e Poell (2018) discutem o conceito de plataformização e entendem que ele dá conta de explicar a afetação das operações das indústrias culturais pela forma como essas plataformas são concebidas e geridas, levando em conta aspectos econômicos, governamentais e de infraestrutura. Os autores referem os elementos de produção e distribuição dos conteúdos, sinalizando que “a plataformização não é apenas um processo externo no qual as plataformas transformam as estruturas do mercado e selecionam o conteúdo” (NIEBORG, POELL, 2018, p. 12).

É válido ressaltarmos alguns aspectos da atuação das plataformas, como o humano e o automatizado (MONTARDO, 2019). Em geral, segundo a autora, os CEOs das grandes plataformas tendem a ressaltar apenas o elemento humano na atuação das suas “criações”, ou seja, costumam destacar que suas criações permitem a conectividade entre as pessoas e apresentam seus negócios como imparciais, caso do Facebook (FRENKEL, KANG, 2021). Para Araújo (2018, p. 6), as plataformas não são algo dado e, para além das suas materialidades, são compostas, também, de “discursos que dão sustentação a determinadas práticas”.

Na prática, a relação é complexa e envolve a codificação da relação entre “pessoas, ideias e coisas em algoritmos” (MONTARDO, 2019, p. 171), sendo esses algoritmos mecanismos centrais nos sistemas digitais, restando focar na forma como os usuários dão sentido a eles (LOMBORG, KPASCH, 2019). O algoritmo, em suma, é o mecanismo que define o que você verá na sua *timeline*. Gerbaudo (2021) lembra que quando as plataformas de redes sociais surgiram - antes mesmo de elas serem dominantes - seus algoritmos favoreciam mais o alcance orgânico. Isso favorecia, segundo ele, a organização de determinados movimentos, como as manifestações de 2011 no Egito.

É através da ação dos algoritmos que as *timelines* de Facebook e Instagram, por exemplo, são preenchidas, mostrando conteúdos personalizados para cada usuário. Afinal, o que é tendência para um pode não ser para outro (GILLESPIE, 2018a). Algoritmos podem ser definidos como “procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados” (GILLESPIE, 2018a, p. 97) e sua ação ocorre a partir de conhecimentos formados sobre gostos e preferências dos usuários (MONTARDO, 2019). Isso nos leva ao entendimento de que o processo de circulação de conteúdos nas plataformas depende tanto da ação dos usuários, como das lógicas e definições das plataformas enquanto negócios e empresas (SOARES, VIEGAS, BONOTO, RECUERO, 2021).

No caso do Facebook, há uma mistura de rede social digital, mídia social e ator social (SEMICEK, BOTELHO-FRANCISCO, LIMA, 2021). Isso se deve ao fato de o Facebook depender das interações sociais para a sua estruturação e funcionamento, funcionar como uma mídia que permite o compartilhamento de conteúdos e o armazenamento de dados e, por fim, cumprir o papel de ator capaz de tornar personalizáveis as experiências dos usuários (ibid).

Araújo (2018) destaca o caráter semiautônomo dos processos que hierarquizam os conteúdos no Facebook. Ao estudar os dez primeiros anos do Feed de Notícias (criado em 2006), o pesquisador mostra como, ao longo dos anos, o Facebook promoveu diversas alterações que impactaram, de maneira direta, no que os usuários veem em suas *timelines*. As atualizações, pontua Araújo (2018), serviam para definir, a partir dos entendimentos do próprio Facebook, o que era conteúdo de qualidade e relevante. No caso do Feed, pontua o autor, a norma algorítmica se dá a partir da relação entre produtores de conteúdo e sistemas de classificação.

Com 15 anos de existência, é possível afirmarmos que o feed de notícias continua impactando diretamente na criação e consumo de conteúdos no Facebook. Ao curtir uma página e participar de um grupo, os conteúdos publicados em ambos poderão aparecer na *timeline* dos usuários. Frenkel e Kang (2021), em um livro sobre a história do Facebook, afirmam que o Feed mudou o curso da plataforma e serviu para influenciar outras empresas de internet que passaram a repensar o que e como os usuários queriam ver.

No entanto, a ação dos algoritmos não se dá apenas para nos mostrar mais *posts* de viagens para cidades com praias do que trilhas no meio do mato; não fará somente a seleção que nos mostrará mais conteúdos sobre decoração de casas do que cuidados com animais de estimação. A atuação algorítmica irá formar sentidos, sem considerar se o conteúdo que está recebendo mais destaque contém desinformação ou não. Os algoritmos de relevância pública (GILLESPIE, 2018a) têm um papel certificador de conhecimento e nós, usuários, recorremos a eles, ainda que talvez não de maneira direta. No caso do Facebook, Alves dos Santos Júnior (2021) já apontou que a plataforma parece ser propensa à desinformação.

O crescimento das plataformas, na medida em que a presença de smartphones se expandiu, parecia nos guiar para um caminho de democratização da informação. Gerbaudo (2021, p. 25) pontua que as plataformas “deveriam se apresentar como um espaço de liberdade de expressão, um lugar em que os usuários pudessem encontrar conteúdos alternativos e uma possibilidade de autoexpressão não disponível no sistema midiático existente”. Isso tudo, obviamente, para permitir a atração de público e a geração de lucros. No entanto, o que vimos especialmente a partir de 2016, com a eleição dos

Estados Unidos, foi que o uso das plataformas e dos dados por elas gerados pode ser decisivo, num processo chamado de dataficação (GILLESPIE, 2018b).

Morozov (2018) defende que o debate digital precisa ser também político e econômico e não somente “digital”. Isso porque, pondera ele, a discussão meramente digital tende a favorecer as chamadas *big tech*, que descartariam seus críticos. O autor, natural da Bielorrússia - considerado o último país da Europa a viver sob uma ditadura⁶ -, é um dos grandes críticos das empresas do Vale do Silício, como Google, Facebook e Amazon. Ele defende que precisamos abandonar a tese de que tecnologia é sinônimo de progresso de maneira incontestável (MOROZOV, 2018).

Pontuamos, no entanto, que, apesar de todos esses problemas, não se pode negar que as plataformas digitais, da forma como se estruturaram, acabam ainda permitindo que populações marginalizadas se expressem, sem o crivo dos meios de comunicação tradicionais (GERBAUDO, 2018). Ainda assim, prossegue o autor, é evidente que a lógica do lucro é o pilar fundamental de grandes companhias, como Facebook e Google. Porém, a “reputação adquirida pelas redes sociais como a voz das pessoas precisa ser entendida em conexão com as críticas da grande mídia de notícias” (GERBAUDO, 2018, p. 749).

A complexidade da atuação e da presença das plataformas digitais de comunicação na nossa sociedade atual enseja a discussão sobre que cenários possíveis teremos logo à frente. A circulação de conteúdos desinformativos nesses espaços, como vimos, está se colocando a serviço desde o sepultamento de reputações até a morte de democracias. É sobre isso que trataremos nas páginas que seguem.

2.2. Desinformação nas plataformas

O debate digital não pode ser apenas digital. Precisa, também, ter os aspectos político e econômico como elementos essenciais (MOROZOV, 2018), como citamos acima. E a circulação de conteúdos desinformativos se constitui como alicerce importante neste debate.

A desinformação ocorre, basicamente, a partir de duas vertentes (FALLIS, 2015; BARFAR, 2019): o conteúdo advindo de um erro ou negligência (*disinformation*) ou a origem deliberadamente intencional e informações sabidamente imprecisas (*misinformation*). Interessa-nos, sobretudo, o

⁶ Fonte: <https://veja.abril.com.br/mundo/alexander-lukashenko-quem-e-o-ultimo-ditador-da-europa/> Acesso em 29 jun. 21.

debate sobre desinformação política (BARFAR, 2019), já que os impactos podem ser percebidos a partir de uma eleição.

No caso brasileiro, até 2014, pelo menos, o tempo de propaganda no rádio e na televisão era central nas campanhas dos candidatos em eleições gerais. No entanto, 2018 mostrou que, talvez, ela não seja mais suficiente e/ou decisiva para dar vantagem a um candidato se considerarmos apenas o horário eleitoral gratuito obrigatório. O último pleito teve nas plataformas digitais parte significativa da circulação dos conteúdos de campanha. Em um movimento crescente, o eleitor passou a ter acesso 24 horas a informações e uma facilidade de obter informações inclusive pelo celular, com uma infinidade de fontes (BARFAR, 2019).

Essas fontes, no entanto, podem ser meros espaços que confirmem entendimentos e afinidades políticas que já temos. No grupo e página aqui analisados, percebemos uma circulação intensa de conteúdos advindos de sites que não integram um conjunto de portais mais consolidados e que produzem jornalismo profissional. Uma das características das publicações noticiosas do grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, por exemplo, é a replicação de links do site *News Atual* (GUERREIRO, AQUINO, 2021). As notícias não são necessariamente falsas, mas trazem o que Ribeiro e Ortellado (2018) definem como “informação de combate”, ou seja, uma narrativa posicionada, neste caso, sempre pró-governo. O *News Atual* integra uma rede de mídia hiper-partidarizada (ALVES DOS SANTOS JÚNIOR, 2021), gerando conteúdos que, depois, inundam as plataformas digitais “com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade” (CAMPOS MELLO, 2020, p. 23). Parte desta estratégia, que pelo percebemos, coloca como essencial a circulação pelas plataformas de conteúdos publicados originalmente nestes portais.

Fallis (2015) e Barfar (2019) pontuam a necessidade de se distinguir as formas de desinformação. Nos estudos conduzidos no Brasil, até agora se usa o termo *desinformação* tanto para as práticas de *disinformation* como para as de *misinformation*. No caso da página e grupos aqui analisados, esta distinção, em certos casos, não está dada numa primeira análise. O grupo *Bolsonaro - Eu apoio* é particularmente permeado de “notícias” do site *News Atual*. O que concluimos é que a maior parte dos conteúdos não se encaixa na definição de *misinformation*, a desinformação sabidamente falsa. O mais comum são versões dos fatos, sempre com posicionamentos que ficam evidenciados, mas com origem em um fato verídico. No caso deste site, a única narrativa possível é a favor do presidente Jair Bolsonaro e do governo.

Campos Mello (2020) estudou a fundo as lógicas adotadas pela comunicação da campanha do então candidato Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Ainda durante a campanha do segundo turno,

ela revelou, na *Folha de S.Paulo*, que empresários estavam patrocinando o disparo de mensagens em massa pelo WhatsApp com a intenção de atingir o candidato do PT, Fernando Haddad⁷. Por consequência, isso beneficiaria Bolsonaro. A prática fere a legislação brasileira em dois aspectos básicos: o pagamento de despesas de campanha por empresas e o uso de dados de eleitores de fora dos bancos construídos pelos próprios partidos e candidatos.

Um ano depois das eleições, Ben Supple, gerente de políticas públicas e eleições globais do WhatsApp, admitiu, em um congresso na Colômbia, o uso da plataforma nas eleições brasileiras do ano anterior - e de maneira decisiva⁸. Entre 2019 e 2020, o WhatsApp começou a impor restrições para o encaminhamento de mensagens dentro da plataforma, hoje limitada a apenas um contato se a mensagem recebida já for oriunda de um encaminhamento anterior⁹. E três anos após a jornalista revelar os disparos na campanha de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral absolveu a chapa Bolsonaro - Mourão, ainda que figuras como o ministro Alexandre de Moraes tenham reconhecido que houve disparo em massa de mensagens naquele pleito. O foco, porém, era o WhatsApp, de propriedade do Facebook.

No caso específico do Facebook, não se tem informações, até agora, sobre mecanismos de disparo em massa de mensagens, desinformativas ou não. Sabe-se que elas circulam em páginas e grupos, sem uma linha evidente sobre seus níveis de veracidade. Morozov (2018, p. 11) nos confronta com um cenário que coloca nos conteúdos desinformativos parte importante dos lucros das plataformas, pois, segundo ele, “sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas”.

Do ponto de vista do consumo, o maior problema talvez seja a dificuldade de diferenciação de conteúdos verídicos e falsos, também pela sua escala de compartilhamento. Isso ocorre a partir do processo denominado *firehosing*: a disseminação de uma informação num fluxo contínuo e em larga escala, independente de ele ser verdadeiro ou falso (PAUL, MATHEWS, 2016; MARRAES, 2018; CAMPOS MELLO, 2020). A avalanche informativa das plataformas gera uma automática competição por atenção, fazendo com que o receptor nem sempre consiga eleger o que merece ou não ser lido e compartilhado (RIBEIRO, ORTELLADO, 2018).

⁷ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em 29 jun. 21.

⁸ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml> Acesso em 29 jun. 21.

⁹ Fonte: <https://canaltech.com.br/apps/whatsapp-limita-ainda-mais-o-encaminhamento-de-mensagens-no-aplicativo-162967/> Acesso em 29 jun. 21.

Boatos e desinformação não chegaram hoje aos processos eleitorais. Nicolau (2020) lembra que em 1989, na primeira eleição direta pós-ditadura militar, apoiadores de Fernando Collor espalharam, entre outras coisas, que se Lula vencesse, as famílias teriam que dividir suas casas com outras e que o governo tomaria a poupança das pessoas. Casualmente o confisco das poupanças foi feito por Collor. Agora, porém, é inegável a velocidade maior e as possibilidades novas de propagação de um boato.

O *Datafolha* divulgou uma pesquisa na véspera do segundo turno das eleições de 2018 em que traça um perfil do uso das redes sociais - e mais precisamente do WhatsApp - pelos eleitores brasileiros¹⁰. Esses dados são explorados por Nicolau (2020) em um capítulo específico de seu livro sobre este pleito e também aparecem na obra de Campos Mello (2020). Naquele momento, 66% dos brasileiros tinham contato com as redes sociais, sendo o WhatsApp a rede mais utilizada (65%). Entre os homens, 27% utilizavam o WhatsApp para difundir conteúdo sobre política e eleições, ante 22% das mulheres. O *Datafolha* também mostrou que o engajamento para este tipo de compartilhamento era maior entre pessoas mais velhas, ainda que jovens tenham o maior percentual de contas no WhatsApp.

Para Ribeiro e Ortellado (2018), existem polos de narrativas reducionistas sobre a política, sinalizando que os usuários mais engajados nessas disputas são os principais disseminadores de notícias falsas. Eles são essenciais para o processo de *firehosing* e, segundo Campos Mello (2020), foram identificados desde cedo pela campanha de Bolsonaro e tiveram papel importante na replicação de conteúdos para redes orgânicas. No caso da base bolsonarista nas plataformas, Lerner (2020) identifica uma ampla gama de públicos, entre eles militares, conservadores cristãos e monarquistas.

Os conteúdos desinformativos que circulam em páginas e grupos de ativismo político no Facebook dificilmente são “desmentidos” a ponto de criarem fissuras nas estratégias digitais utilizadas. Soares, Viegas, Bonoto e Recuero (2021) pontuam que, em casos de desinformação enganosa, o mais comum é que os conteúdos sejam vistos como histórias alternativas e outras visões sobre os fatos. Conforme afirmamos, é o que percebemos especialmente no grupo *Bolsonaro – Eu Apoio*. Afinal, desinformação também é um tipo de informação (FALLIS, 2015).

Aldé (2011), em uma pesquisa desenvolvida ainda antes do que podemos chamar de *boom das redes sociais*, elencou cinco categorias de consumidores de conteúdos políticos na internet: Ávido, Assíduo, Consumidor de escândalos, Frustrado e Desinformado. Aos ávidos, a pesquisadora

¹⁰ Fonte: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/10/1983765-24-dos-eleitores-usam-whatsapp-para-compartilhar-conteudo-eleitoral.shtml> Acesso em 29 jun. 21.

credita características como as de vasculhar e explorar conteúdos, dada a sua “insatisfação permanente” e sua hiperconectividade com “várias fontes disponíveis online” (ALDÉ, 2011, p. 374).

Caímos, aqui, diante do questionamento sobre parte dos integrantes da base digital bolsonarista ser ávida ou não. Para Aldé (2011), ávidos são os que consomem conteúdos de diversas fontes. Por outro lado, a pesquisadora denomina como “consumidor de escândalos” aquele que clica em uma notícia pelo seu caráter mais ou menos polêmico. Conforme aferimos no grupo e página observados, são exatamente as polêmicas e as críticas a novos ou antigos inimigos que permeiam parte da atuação da base bolsonarista nas plataformas digitais.

Ainda que sem uma completa certeza, entendemos que os integrantes dessa base de apoio ao presidente Jair Bolsonaro na internet estão mais para consumidores de escândalos do que para ávidos, segundo a classificação de Aldé (2011). Ou, ainda, comporem uma nova categoria: a de ávidos por escândalos. Esses podem consumir muita informação, vinda de diversas fontes, mas, em geral, com inclinação para o compartilhamento ou comentários em conteúdos “escandalosos”, que ensejam uma maior participação.

No entanto, mesma para esta nova classificação, pontuamos que a autora não entra no mérito da qualidade da informação que se busca on-line - possivelmente pelo fato de que, em 2011, debates sobre desinformação nas plataformas não eram elemento central para as pesquisas que envolvem consumo e criação de conteúdos na internet. Esta ressalva é necessária, pois ainda que bolsonaristas tendam a ser mais consumidores de escândalos, não excluimos o fato de que a sua gama de fontes “informativas” é vasta.

Estes atores também podem ser considerados fãs políticos, na definição de Alves dos Santos Júnior (2016, p. 119): “pessoas que fazem parte de uma audiência altamente engajada no consumo de informação sobre a política e que atua na criação de interpretações particulares por meio da produção de conteúdo na internet”. O autor identifica que há um conjunto de pessoas com comportamentos semelhantes aos fãs da cultura pop e dos esportes quando o assunto é política. Não raro, Bolsonaro, sua esposa, filhos e apoiadores mais fiéis aparecem no Facebook em montagens que os colocam como super-heróis (nos materiais analisados, mais à frente, há exemplos). Apropriações da cultura pop pelo ativismo político não se constituem em elemento absolutamente novo. Isso ocorre não apenas nas plataformas, mas também na imprensa (MENDES, VIANNA, 2018).

Categorizações da base bolsonarista à parte, o que fica claro, com base na observação da página e do grupo escolhidos para esta pesquisa, é que a circulação de desinformação, em níveis oscilantes, ainda se mantém como estratégia factível, assim como ocorreu em 2018. O Facebook,

como espaço onde há intensa circulação de conteúdos desinformativos, pode estar contribuindo para o aumento da polarização em países como os Estados Unidos (TUCKER *et al.*, 2018), cenário que pode ser percebido também no Brasil.

É difícil, porém, na linha do que pensa Nicolau (2020), afirmar que as redes sociais foram fundamentais para a vitória de Jair Bolsonaro - fundamentais, aqui, quer dizer que sem elas ele não seria eleito. Porém, os dados de uso das redes, as pesquisas de intenção de voto e o posterior resultado das eleições nos levam a crer que a disseminação e o consumo de conteúdo nas plataformas digitais tornaram-se importantes na campanha bolsonarista.

Levantamento do site *Congresso Em Foco*¹¹, de 26 de outubro de 2018, mostrou que de 123 notícias falsas encontradas e checadas por agências como *Lupa* e *Aos Fatos*, 104 beneficiavam Bolsonaro. Entre esses conteúdos estão uma suposta pesquisa que apontava Bolsonaro com 86% de intenções de voto (nenhuma pesquisa teve este resultado); fotos do agressor de Bolsonaro, Adélio Bispo, responsável pela facada, com Lula (eram montagens); o pastor Silas Malafaia afirmando que o agressor de Bolsonaro assessorava Dilma Rousseff (foi desmentido); que Jean Wyllys seria ministro da Educação caso Fernando Haddad vencesse (nenhum dos dois confirmou); que manifestações do #EleNão não aconteceram (pelo menos 114 cidades tiveram atos em 30 de setembro de 2018, segundo o G1)¹²; que empresas estavam ameaçando demitir um milhão de empregados se a esquerda ganhasse (nada se confirmou sobre); que Donald Trump havia declarado apoio a Bolsonaro no Twitter (não aconteceu); etc.

Campos Mello (2020) infere que, a partir do processo chamado *firehosing*, o conteúdo passa a circular por redes orgânicas, como entre grupos de amigos do futebol ou da família. A intensa repetição com que determinado tipo de conteúdo circula nas plataformas, prossegue a jornalista, vai moldando um ambiente que buscará a familiaridade com as características do conteúdo desinformativo a ser difundido. Ao ter-se uma primeira impressão, torna-se difícil desfazer o entendimento. Outro ponto importante nessas situações é a credibilidade do compartilhante, ainda que o conteúdo em si possa gerar dúvidas.

Focando aqui apenas no WhatsApp e no Facebook, Nicolau (2020) nos mostra que Bolsonaro teve a preferência daqueles que usam as duas plataformas, ao passo que Haddad foi o escolhido entre os que estavam *offline* - ou, ao menos, fora das duas redes. Entre os que não usam o WhatsApp, seis em cada dez preferiram Haddad. Ainda sobre o WhatsApp, os dados do *Datafolha* explorados por

¹¹ Fonte: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/> Acesso em 29 jun. 21.

¹² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em 29 jun. 21.

Nicolau (2020) mostram que o maior percentual pró-Bolsonaro esteve entre os eleitores de ensino superior que usam WhatsApp (63%) e o menor na outra ponta: eleitores que tenham até o ensino fundamental e que não usam a plataforma (36%).

A circulação de desinformação através das plataformas não é um fenômeno inerente apenas ao Facebook. No entanto, é essencialmente nesta plataforma que ocorre um processo de “poluição informacional advinda de sites hiperpartidarizados” (ALVES DOS SANTOS JÚNIOR, 2021, p. 7). Em muitos casos, estes sites têm alcance digital superior aos veículos da mídia tradicional - considerando a presença de ambos nas plataformas digitais. O Facebook se caracteriza, até este momento, pela sua estratégia altamente permissiva à circulação de desinformação (ibid.).

A base de apoio do presidente Jair Bolsonaro está presente no Facebook de diversas formas, incluindo páginas, grupos e perfis, pelos quais, entre outros, circulam conteúdos produzidos na mídia hiperpartidarizada, como os sites *Terra Brasil Notícias* e *News Atual*. Essa base, no entanto, não é homogênea. Lerner (2020, p. 117) assinala seu espectro amplo, que vai “dos militares aos conservadores cristãos, passando pelos liberais, pelos monarquistas e por todo um complexo de mídia e política envolvendo veículos e partidos tradicionais e também novos partidos e novos movimentos sociais de Internet.” A análise de Lerner, a partir de uma rede conservadora no Facebook, mostra que Jair Bolsonaro é uma figura central desses grupos, capaz de congrega, ao menos até este momento, as suas demandas e anseios.

No entanto, esta falta de homogeneidade na base bolsonarista organizada no digital também pode garantir a sua sobrevivência. Conforme veremos na análise empírica, o acompanhamento mais detalhado de um grupo e uma página desta base no Facebook mostra que há deserções por razões diversas, ao passo que também são percebidas novas formas e justificativas para defender o presidente e seu governo. A desinformação, como dificilmente seria diferente, é uma estratégia comum.

3. Bolsonarismo e plataformização da política

Desde sua criação, em 2004, até o corrente ano de 2022, o Facebook teve papéis distintos nas variadas eleições ao redor do mundo. Espaço atualmente visto como propenso para a circulação de desinformação (BARFAR, 2019; ALVES DOS SANTOS JÚNIOR, 2021), o Facebook se consolidou como um campo permissivo à articulação de diversas mobilizações, além da circulação de conteúdos sobre campanhas eleitorais e para o debate de temas de interesse público (LERNER, 2020).

Foi também no Facebook, mas não só, que uma ampla rede de apoio ao hoje presidente Jair Bolsonaro se articulou. Ancorada no “uso de mídias tradicionais de segunda linha e das novas mídias sociais digitais” (LERNER, 2020, p. 117), Bolsonaro foi se consolidando, especialmente a partir do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff (2011-2014), como uma voz capaz de congregiar demandas distintas do campo da direita e da extrema direita.

O bolsonarismo, então, ascende a partir da fixação da comunicação como um pilar estruturante. Na comunicação política, o movimento de plataformização da internet interfere diretamente, promovendo, conforme Alves dos Santos Júnior (2021), uma desorganização das estruturas nacionais. Se o tempo de propaganda eleitoral no rádio e na televisão foram decisivos em pleitos até 2014, a eleição de 2018 mostrou a capacidade de influência da plataformização nos processos políticos.

Neste eixo da pesquisa, analisaremos o bolsonarismo e sua intersecção com a comunicação, tanto da mídia tradicional, como da digital. Em três itens, abordaremos tópicos sobre: 1) o surgimento do bolsonarismo enquanto movimento, o papel da imprensa neste processo e a estratégia digital do atual presidente; 2) a eleição de 2018 e as suas particularidades do ponto de vista eleitoral e de comunicação; 3) como o Brasil se situa no cenário global de crises da democracia liberal e de ascensão de regimes populistas de extrema direita, ancorados em estratégias de comunicação digital.

3.1. O bolsonarismo em consolidação

Especialmente a partir de 2010, não era difícil nos depararmos com Jair Bolsonaro em programas como *CQC (Custe o Que Custar)* e *SuperPop*. Eram espaços em que as “polêmicas” de Bolsonaro podiam ecoar, às vezes sob ares de choque, mas em geral em tom jocoso e humorístico.

Um exemplo¹³ ocorreu em março de 2011, no quadro *O Povo Quer Saber*, do *CQC*. Pessoas gravaram perguntas ao então deputado federal Jair Bolsonaro, à época filiado ao Partido Progressista (PP), atual Progressistas. Uma das perguntas foi feita pela cantora e atriz Preta Gil: “Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?”. Bolsonaro respondeu: “Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro este risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”.

Na “volta” para o estúdio, a plateia aplaude e a bancada, formada por Marcelo Tas, Rafinha Bastos e Marco Luque, se encarrega de fazer comentários pretensiosamente engraçados. Pesquisa de Nascimento *et al.* (2018) mostrou que este episódio também reverberou por outros veículos da imprensa brasileira, como os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. O *CQC* foi exibido pela Band entre 2008 e 2015 nas noites de segunda-feira.

Dois meses depois deste quadro do *CQC*, Bolsonaro estava ao vivo no *SuperPop*, comandado por Luciana Gimenez na RedeTV! e ainda no ar. Naquele dia, ele deveria “encarar transex que está bombando na web”¹⁴. A união civil entre pessoas de mesmo gênero, aprovada naquele ano pelo Supremo Tribunal Federal, também estava em pauta no programa. Em um determinado momento, o GC (Gerador de Caracteres) mostrava a seguinte frase: *Já, já! Bolsonaro frente a frente com o beijo gay, ao vivo*.

Levamento de Piaia e Nunes (2018) mostrou que, a partir de 2010, Jair Bolsonaro se tornou personagem frequente de programas de auditório em emissoras de menor audiência, como Band, RedeTV! e SBT. É o que Lerner (2020, p. 117) chama de “mídias tradicionais de segunda linha”. No período de 2010 a 2018, o atual presidente teve 33 participações como convidado em programas da televisão aberta brasileira. No *Superpop* foram 11 vezes e no *CQC*, cinco (PIAIA, NUNES, 2018). Os autores compararam a presença de Bolsonaro na TV com outros dois deputados federais que também tinham grande exposição: Jean Wyllys e Marco Feliciano. O primeiro, no mesmo período, teve nove participações em programas de auditório. O segundo, 12.

Segundo Piaia e Nunes (2018), o leque de assuntos abordados por Bolsonaro começou a ser ampliado especialmente a partir de 2011. Nascimento *et al.* (2018) vão na mesma linha, identificando que as pautas anti-direitos humanos passaram, a partir da virada da década e da eleição de Dilma Rousseff, a compor o *roll* de temas sobre os quais Bolsonaro tentava se colocar como representante.

¹³ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Z4CoY_82LAQ Acesso em 29 jun. 21.

¹⁴ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=6sow6kb_2Hk Acesso em 29 jun. 21.

Ele parece ter capitaneado um movimento de se perder a vergonha de ser homofóbico e racista, por exemplo.

Este ataque ao politicamente correto, analisado por Oliveira e Maia (2020), acompanhou Jair Bolsonaro ao longo de sua trajetória - e se mantém no exercício da presidência. Para além da linguagem, *vitimismo* e *mimimi* se colocam como termos que certificam o desprezo por determinadas demandas sociais, de grupos vulneráveis, buscando a construção de uma sociedade homogênea e identificando que tais pautas são desprovidas de fundamento (OLIVEIRA, MAIA, 2020).

Um dos exemplos trazido pelas autoras é uma publicação de 4 de setembro de 2018, em plena campanha do primeiro turno. Um vídeo, publicado na página de Bolsonaro no Facebook, traz a seguinte legenda: “Chega de enfeites, palavras bonitas e eufemismos! Ou pegamos pesado na questão da segurança, ou não tem economia que funcione nem país que prospere.”¹⁵ Além da segurança pública, os ataques ao politicamente correto, por parte de Bolsonaro, também passavam, entre outras pautas, pelo racismo, misoginia e questões de sexualidade.

Bolsonaro não está e não esteve só. A análise de Oliveira e Maia (2020), tendo como base comentários no Facebook, e a de Nascimento *et al.* (2018), focando em veículos da imprensa tradicional, evidenciam a aceitação do politicamente incorreto. Parte da base bolsonarista no Facebook, segundo a análise de Oliveira e Maia (2020, p. 95), entende as “normas de correção do discurso como uma desvalorização da linguagem popular”, priorizando discursos de fácil entendimento. Fica evidenciado que, especialmente a partir de 2011, os atos de Bolsonaro serviram como motor para que conservadores perdessem quaisquer escrúpulos ante suas “opiniões” sobre negros, mulheres, indígenas, pessoas LGBTQIA+ e outras minorias sociais. À imprensa, o papel de normalizadora de discursos, inclusive esses.

Nascimento *et al.* (2018), inclusive, voltam algumas casas e analisam a presença do discurso de Bolsonaro nos jornais *Folha* e *Estadão* ao longo das três décadas compreendidas entre 1987 (quando ele ainda não havia passado por sua primeira eleição) e 2017 (quando já figurava como pré-candidato à presidência). O estabelecimento de antagonistas e a prática do insulto sempre foram presentes na construção política de Jair Bolsonaro, alimentando, segundo os autores, a sua visibilidade.

Durante 30 anos, Bolsonaro foi pautado na imprensa, a partir das conclusões de Nascimento *et al.* (2018), pelas suas posições a favor dos militares, de apologia à tortura e uso da violência, de

¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1950294451706634> Acesso em 12 dez. 2021.

apoio à pena de morte, de apoio à ditadura militar brasileira e, nos últimos dez anos com mais força, posições anti-direitos humanos.

Bolsonaro se colocou como líder de um movimento populista de extrema direita que se fortaleceu especialmente a partir de 2014 (ROCHA, SOLANO, 2021). Durante o primeiro mandato de Dilma, uma série de avanços em prol de minorias políticas foram percebidos, ainda que a ação do Planalto em si para a sua concretização possa ser discutida. É o caso da já citada união civil entre pessoas do mesmo gênero, em 2011, e das cotas raciais em universidades federais, em 2012. Junto a isso, a ascensão de movimentos feministas e de direitos LGBTQIA+, cada vez mais utilizando a internet e os sites de redes sociais para a sua organização.

Se Bolsonaro passou 20 anos no Congresso Nacional defendendo basicamente os militares e sendo eleito por eles e suas famílias, seus constantes ataques aos direitos humanos o cacifaram para exercer, ao lado de líderes religiosos, o papel de algoz de avanços dos LGBTQIA+, por exemplo (ROCHA, SOLANO, 2021). Este processo teve como ingrediente as repercussões constantes e amplas de declarações suas sobre os mais diversos assuntos, como das posições contrárias às políticas que, àquela altura, engatinhavam (NASCIMENTO *et al.*, 2018) e que agora, no correr de seu governo, carregam retrocessos diários.

A ascensão do bolsonarismo enquanto movimento ocorreu, entre outras questões, porque teve como pilar estruturante uma certa conivência generalizada diante de “opiniões” como as proferidas por Jair Bolsonaro em tantos veículos da imprensa brasileira (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Ribeiro (2019) pontua que em países como França e Alemanha, o discurso anti-direitos humanos foi tornado ilegal, algo que passa longe da realidade brasileira. Para ele, a direita brasileira tolerou a extrema-direita. No Brasil, as “opiniões” de Bolsonaro foram, eleição após eleição, lhe rendendo frutos, culminando em 2018.

Em 2014, ao final de uma legislatura em que protagonizou diversos episódios que reverberaram na imprensa brasileira - como quando denominou de kit gay o programa Escola Sem Homofobia (ROMANCINI, 2018) -, Bolsonaro se reelegeu com 464.572 votos, o mais votado do Rio de Janeiro, 129 mil votos a mais que a segunda colocada, Clarissa Garotinho. Na comparação com as eleições de 2010, Bolsonaro teve acréscimo de 385% na sua votação, quando fez 120.646 votos, o 11º mais votado.

Fato é que entre 2014 e 2018 aconteceram tantos episódios que, aqui, não daremos conta de problematizarmos, até por já existirem diversas pesquisas sobre eles. Listamos, porém, fatos que devem nortear nossa análise posterior. Num período de quatro anos tivemos a eleição de 2014 em si,

a não aceitação da derrota por Aécio Neves, a chegada de Eduardo Cunha à presidência da Câmara dos Deputados, as manifestações de rua pedindo a deposição de Dilma, a aceitação do processo de impeachment por Cunha, a tentativa de nomeação de Lula para a Casa Civil, a queda de Dilma e a ascensão de Temer, a execução de um programa diferente do escolhido nas urnas, o fortalecimento da Operação Lava Jato, a condenação e prisão do ex-presidente Lula, a impugnação da candidatura de Lula nas eleições de 2018, além de outros fatos secundários.

Esses acontecimentos, somados às manifestações de junho de 2013, “fizeram com que temas impulsionados pela parcela conservadora da política e da população ganhassem destaque nas redes” (AQUINO BITTENCOURT, 2020, p. 186). As *Jornadas de Junho*, um ciclo de protestos em diversas cidades do Brasil, com maior alcance e engajamento em junho de 2013, levaram às ruas movimentos diversos, com símbolos que variavam de anarquistas a socialistas e nacionalistas (ALONSO, 2019). Foi neste entremeio que Bolsonaro se consolidou como uma força política viável.

Na esteira de manifestações em outros países (CASTELLS, 2013), o Brasil viu, naquele 2013, a emergência de grupos descontentes com o governo, capazes de se organizar pelas redes e colocar em prática novas agendas e formas de protestar (ALONSO, 2019). Para a pesquisadora, dois polos foram criados a partir destas manifestações: um negativo, creditando a corrupção à elite política, versão “comprada” pela imprensa; e um enquadramento positivo, em referência ao Judiciário. Naquele momento, segundo Alonso (2019), o descontentamento de determinados grupos com os desequilíbrios na balança de poder social, oriundos de políticas governamentais, ficaram evidenciados. Em junho de 2013, o Brasil começa a viver um período de regressão democrática (AVRITZER, 2019), com a diminuição do apoio popular à democracia.

Pontuamos, porém, que, apesar de movimentos em outros países possam ter influenciado, de alguma forma, as manifestações de 2013 no Brasil, elas, por aqui, guardam especificidades, especialmente pela sua forma de execução: grandes passeatas, em várias cidades, e a ausência de concentrações em praças públicas (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2021). Da mesma forma, se em outros países - como a Tunísia, onde uma revolução levou à queda do presidente que governava o país há 25 anos - houve movimentos políticos mais evidentes, capazes de alterar realidades, no Brasil isso não ocorreu de maneira tão explícita. Rocha, Solano e Medeiros (2021) apontam que as chamadas “revoltas de 2013”, no Brasil, teriam apenas inaugurado um ciclo de protestos que iniciou naquele ano e foi, pelo menos, até 2016, quando do golpe sobre Dilma Rousseff. Este ciclo, no entanto, foi capaz de intensificar a formação de uma nova direita brasileira, reforçando discursos anti-corrupção e contra o Partido dos Trabalhadores (ibid.)

Entre janeiro de 2011 e agosto de 2016, respectivamente posse e destituição de Dilma, o país registrou 1.285 protestos, sendo que 2012 e 2013 foram os anos de maior volume (TATAGIBA, GALVÃO, 2019). As insatisfações, que ensejaram as manifestações, vinham de atores sociais diversos, sem que uma pauta, ao menos no início do ciclo - 2011/12 - tivesse maior destaque (ibid.). A mesma multiplicidade de atores e pautas se viu, depois, em junho de 2013, que, segundo as pesquisadoras, marca o ápice do processo e acaba se constituindo como oportunidade para setores que faziam oposição aos governos petistas e, naquele momento, ao de Dilma, tanto à esquerda como à direita. A oposição, a partir desta união de esquerda e direita, com seus extremos, inclusive, também gerou movimentos contrários a governos estaduais e municipais, cabendo à direita a bandeira da anticorrupção, capaz de penetrar em todas as camadas sociais (SINGER, 2013).

A Operação Lava Jato surgiu neste contexto, em 2014, sete meses antes do pleito que marcaria a reeleição de Dilma Rousseff, e consolidou a presença do Judiciário no cotidiano recente brasileiro. Trata-se, pontuam Avritzer e Marona (2017), de uma disputa de representação do interesse público, chegando à judicialização da política. O *petrorianismo*, citado pelos autores - a pressão sobre o sistema político - se deu, em grande medida, com o uso da mídia. Encerrada em fevereiro de 2021, com o fim da Força Tarefa em Curitiba (PR), a Lava Jato ainda ensejará pesquisas sobre amplos aspectos da sua atuação, influências, resultados e agentes que lhe serviram de suporte. Para Avritzer (2019), a união entre Judiciário e mídia foi capaz de mover mais rapidamente a direção do pêndulo democrático - teoria desenvolvida por ele e que está mais bem detalhada no item 3.3.

O crescimento do bolsonarismo como força política teve sequência durante a Lava Jato. Neste ponto, cabe tensionar o argumento de que a ascensão de políticos populistas ocorre para enfraquecer instituições de controle, como Judiciário, Congresso e Ministério Público. No caso brasileiro, a partir do que se viu na Operação Lava Jato, essas instituições podem ter atuado conjuntamente na pavimentação do caminho para a eleição de Bolsonaro (ALBUQUERQUE, 2021; LOPES, ALBUQUERQUE, BEZERRA, 2020), justamente o presidente em cujo mandato a Operação acabou.

Entre tantas outras situações - como a criação de um clima de instabilidade política no país a partir de uma série de ações, inclusive a divulgação ilegal de conversas entre Lula e Dilma, essa à época ainda presidente -, possivelmente a condenação de Lula em segunda instância e sua posterior prisão, a tempo de afastá-lo da eleição de 2018, tenha sido a ação de maior influência direta da Lava Jato no processo eleitoral. Desta forma, conforme pontua Albuquerque (2021), removeu-se o principal obstáculo à vitória de Jair Bolsonaro, já que todas as pesquisas apontavam o favoritismo de Lula.

Temos, então, fundamentado o argumento de que a Operação Lava Jato, da forma como foi construída e executada, também serviu de base para a consolidação do bolsonarismo e para sua alçada à lista de alternativas para o país naquele momento, especialmente a partir da estruturação de uma nova direita no Brasil (LOPES, ALBUQUERQUE, BEZERRA, 2020). Albuquerque (2021) mostra, inclusive, que a opção dos líderes da Lava Jato, no segundo turno entre Bolsonaro e Fernando Haddad, foi pelo atual presidente. Nesta seara e antes mesmo do processo eleitoral, a manutenção das instituições democráticas foi renegada ao segundo plano, já que o discurso antipetista, amplamente alimentado pelo Judiciário, começou a ganhar mais adeptos na classe média (AVRIZTER, 2019).

A Lava Jato corria, com suas operações midiáticas e amplos espaços de divulgação na imprensa, incluindo o Jornal Nacional, da TV Globo (GOBBI, 2018). Ao lado, novos movimentos à direita surgiam e ganhavam força, como *Revoltados On-line* e *Movimento Brasil Livre (MBL)*. O bolsonarismo não perdeu a oportunidade. À medida em que o próprio Bolsonaro e seus filhos eram vistos e se tornavam mais conhecidos e influentes nas “arenas discursivas da nova direita emergente” (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2021, p. 80), foram se formando públicos que defendiam a manutenção de uma hierarquia social tradicional e que passaram, a partir daí, a defender publicamente suas posições (ibid.). Família, escolas e política, principalmente, compunham os alvos destes movimentos.

As urnas abertas em outubro de 2018 mostraram que o movimento bolsonarista não teve êxito apenas na eleição para a presidência. Candidatos bolsonaristas ao Congresso Nacional e aos governos estaduais tiveram êxito em diversos estados, denotando um cenário de vitória de um movimento que se agregou no entorno de Jair Bolsonaro (NICOLAU, 2020).

Isso tudo veio a partir da adoção de um discurso não apenas conservador nos costumes, mas também antissistema. Apesar dos 28 anos de Câmara dos Deputados, Bolsonaro conseguia se vender como um *outsider*. As manifestações de rua, vistas entre 2015 e 2016, tinham a derrubada de Dilma como pauta central, mas outro pano de fundo era a vontade de minar da cena política todos os demais partidos e lideranças tradicionais (ROCHA, SOLANO, 2021). Bolsonaro, apesar de todo o retrospecto, obtinha aprovação daqueles que saíam às ruas de verde e amarelo (ibid.).

No entanto, ponderam as autoras, Bolsonaro só conseguiu chegar à presidência porque seu discurso avançou para as classes econômicas mais baixas, tendo inserção em estratos sociais antes aderentes ao Partido dos Trabalhadores. Por exemplo: eleitores com ensino fundamental completo deram ampla vitória a Dilma Rousseff em suas duas eleições (2010 e 2014) sobre José Serra e Aécio Neves, respectivamente. Em ambas, a petista obteve mais de 60% dos votos no segundo turno neste

estrato. Já em 2018, Bolsonaro venceu entre os brasileiros de menor escolaridade. Os dados são de pesquisas do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) e estão no livro de Nicolau (2020) sobre as últimas eleições brasileiras.

Outro dado trazido por Nicolau (2020) nos confronta com uma característica importante do bolsonarismo: o seu elemento masculino. Evidentemente que muitas mulheres também se converteram ao bolsonarismo, mas manifestações de rua, recepções ao presidente em todas as regiões do país - antes, durante e depois das eleições - e os resultados das urnas mostram que a base de sustentação de Bolsonaro é formada, sobretudo, por homens. Se em 2010 e 2014 os homens votaram, em sua maioria, no PT, em 2018 mais de 60% escolheram Bolsonaro, ante 35% que preferiram Fernando Haddad (NICOLAU, 2020). Foi mais um ponto que destoou a vitória de Bolsonaro das outras eleições brasileiras, dado que, entre 1989 e 2014, os eleitos tiveram votação semelhante, em termos percentuais, nos eleitorados feminino e masculino, ao passo que Bolsonaro, em 2018, teve o voto de dois a cada três homens, tendo preferência majoritária entre os homens de nível médio e superior de escolaridade (ibid.).

No próximo item discutiremos, com mais detalhes, a eleição de 2018 especificamente. O que fica, até aqui, é que o bolsonarismo se estruturou enquanto movimento a partir de 2011 e se consolidou na esteira das manifestações que marcaram o Brasil a partir de 2013, com predominância nos atos contra Dilma Rousseff, entre 2015-16. O surgimento de novos movimentos à direita, como reflexos destas manifestações e das crises política e econômica (TATAGIBA, GALVÃO, 2019), também serviram de alicerce para que Bolsonaro fosse alçado ao posto de alternativa factível para o momento. Importante ressaltar o significado da Operação Lava Jato e da atuação da imprensa neste processo, especialmente a partir do papel de algozes do PT, de seus governos e de seus principais líderes, assumido por ambos, o que serviu como terreno fértil para a consolidação e crescimento do bolsonarismo.

3.2. A eleição de 2018 e o populismo digital como estratégia

Na tarde de 7 de março de 2018, Jair Bolsonaro se filiou ao Partido Social Liberal (PSL), em um ato no Rio de Janeiro. No dia anterior, pesquisa do Datafolha mostrava que ele figurava em segundo na corrida presidencial, com 16,8% das intenções, bem atrás do ex-presidente Lula, que

aparecia com 33,4%¹⁶. Àquela altura, Lula já estava condenado em segunda instância, após decisão do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em Porto Alegre, e seria preso um mês depois por decisão do ex-juiz Sergio Moro.

Em 5 de agosto, último dia para a realização das convenções partidárias e a dez dias do limite para o registro das candidaturas, o general da reserva Hamilton Mourão (PRTB) foi confirmado como candidato a vice de Bolsonaro, formando uma chapa totalmente militar.

Com uma semana de campanha, em 22 de agosto, Lula ainda era oficialmente candidato, embora já estivesse preso há mais de quatro meses, mas Bolsonaro seguia atrás do petista nas pesquisas. No *Datafolha* desta data, Lula aparecia com 39% e Bolsonaro, com 19%. Fernando Haddad só foi oficializado como o candidato do PT em 11 de setembro, prazo final para mudanças no registro da candidatura. Manuela D'Ávila (PCdoB) assumiu o posto de vice.

No primeiro turno, em 7 de outubro, Bolsonaro obteve 46,03% dos votos válidos, passando para o segundo turno contra Fernando Haddad, que teve 29,28%. Na sequência, Ciro Gomes (PDT, 12,47%), Geraldo Alckmin (PSDB, 4,76%), João Amoêdo (Novo, 2,5%), Cabo Daciolo (Patriota, 1,26%), Henrique Meirelles (MDB, 1,2%), Marina Silva (Rede, 1%), Álvaro Dias (Podemos, 0,8%), Guilherme Boulos (PSOL, 0,58%), Vera Lucia (PSTU, 0,05%), José Maria Eymael (Democracia Cristã, 0,04%) e João Goulart Filho (PPL, 0,03%).

Às 19h25 de 28 de outubro de 2018, data de realização do segundo turno, o Tribunal Superior Eleitoral confirmou a vitória de Bolsonaro. Ao final da apuração, ele atingiu 55,13% dos votos válidos, contra 44,87% de Haddad.

As linhas acima trazem um sucinto resumo sobre a eleição presidencial de 2018 do ponto de vista numérico e de candidatos presentes no pleito. Os dados foram retirados do site do Tribunal Superior Eleitoral.

A pré-campanha de Jair Bolsonaro, iniciada em 2015, costumava ativar entendimentos de que ele não se viabilizaria como um candidato competitivo (NICOLAU, 2020). Na esteira de movimentos que corriam ao largo da campanha bolsonarista, como citamos no item anterior, Bolsonaro, aos poucos, foi demonstrando a viabilidade da sua candidatura, e chegou à presidência como um “líder capaz de destruir políticas e políticos” e não como um líder político (AVRITZER, 2021, p. 13).

Musse (2021) elenca os principais integrantes da coalizão que elegeu Bolsonaro - um movimento que transcendeu os partidos políticos organizados, já que Bolsonaro estava filiado a um

¹⁶ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/lula-e-bolsonaro-seguem-a-frente-em-disputa-eleitoral-aponta-pesquisa-cnt.shtml> Acesso em 2 nov. 21.

partido com baixa expressão e representação no Congresso (8 deputados e nenhum senador), em uma coligação com outro partido igualmente pequeno (o PRTB, de Mourão) e com pouco tempo de rádio e TV na propaganda eleitoral (8 segundos). A coalizão em torno de Bolsonaro foi capaz de unir diversos segmentos da economia, como a agropecuária, a indústria e o setor financeiro, além de pequenos, médios e grandes empresários (MUSSE, 2021). Esta aliança, que ocorreu às margens do sistema político tradicional, mostrou que financiamento, tempo de propaganda no rádio e na televisão e redes de apoio pautadas em partidos políticos não eram mais cruciais para uma eleição (NICOLAU, 2020).

Braga e Zolnerkevic (2020) formularam um esquema que serve para classificar eleições como mantidas, desviantes, convertidas e de realinhamento, a depender dos fatos pregressos e dos resultados (CAMPBELL, 1966; POMPER, 1967 *apud* BRAGA, ZOLNERKEVIC, 2020). Os autores detalham, no artigo aqui referenciado, o que embasa cada classificação e, por isso, não iremos nos alongar na explicação de cada categoria. Focamos apenas na classificação da eleição de 2018: desviante. Por quê? Principalmente devido a causas fortes de curto prazo, especialmente no período 2015-18: crise econômica, impeachment de Dilma, prisão de Lula e atentado contra Bolsonaro (ibid.)

O que se teve em 2018, em termos numéricos, foi uma guinada de apoios eleitorais a favor de Bolsonaro, que, naquele momento, se colocava como uma força central do antipetismo (BRAGA, ZOLNERKEVIC, 2020). Ou seja, o antipetismo do tucano Geraldo Alckmin, que tinha a maior coligação e, por isso, maiores tempos de propaganda gratuita, não era suficiente.

A teoria trazida por Braga e Zolnerkevic (2020) também menciona a necessidade de avaliação posterior sobre o significado de uma eleição específica em um período mais amplo, que pode ser classificado como crítico. Assim, ainda não é possível saber se a eleição de 2018, considerada desviante pelos autores, foi capaz de alterar padrões de votação que, conforme pontuam, se estabeleceram no Brasil entre 2006 e 2014. A vitória de Bolsonaro pode ter sido apenas uma eleição desviante, sendo restabelecido um padrão a partir de 2022, ou pode ter inaugurado novos posicionamentos de grupos diversos (ibid.). Frisemos que o restabelecimento de um padrão não significa, necessariamente, a volta do PT ao poder, mas sim resultados mais próximos daqueles percebidos em eleições anteriores, com oscilações entre dois grandes grupos plenamente identificáveis, como PT e PSDB. Além da eleição de 2018, Braga e Zolnerkevic (2020) classificaram como *desviante* os pleitos de 1989 e 2002.

As alterações no padrão de votação, trazidas pelos autores acima, são exploradas por Nicolau (2020) considerando características como escolaridade, gênero, idade, religião e regiões (estados e

municípios). Da mesma forma como é importante aguardar o pleito de 2022 para um melhor entendimento sobre o padrão de votação representado por 2018, é oportuno analisar a presença da comunicação por plataformas com os dois pés na eleição passada e com olhar atento ao que se desenha para o pleito deste ano.

As novas possibilidades de comunicação digital estão alterando as formas como consumimos conteúdos sobre política e como participamos dos processos políticos (STABILE, VON BÜLOW, 2020; ALVES DOS SANTOS JÚNIOR, 2021). Em 2018, o que se viu foi a presença da comunicação política nas plataformas como, até então, não havia se visto no Brasil. A estratégia da campanha bolsonarista, centrada principalmente na disseminação de mensagens em massa por aplicativos, especialmente o WhatsApp (CAMPOS MELLO, 2020), e na organização de grupos também em outros espaços, como o Facebook (LERNER, 2020), colaborou para que Jair Bolsonaro tivesse êxito.

A conjuntura política que se desenhou para 2018, iniciada, como vimos, muito antes - pelo menos desde as manifestações de 2013 -, parece ter recebido um ingrediente adicional, composto pelas formas inéditas, até então, de uso das plataformas para a campanha eleitoral. O antipetismo, representado por Bolsonaro, pôde ser disseminado em formas de conteúdos diversos propagados através das plataformas, de maneira desenfreada e sem qualquer controle do Estado ou mesmo das plataformas, estas que somente após a eleição fizeram *mea culpa*, como o gerente Ben Supple, do WhatsApp, em 2019¹⁷.

A importância do posicionamento das plataformas aumenta na medida em que os movimentos de disseminação de desinformação em suas redes ocorrem não apenas em um país. Ao menos desde 2016, com a eleição de Donald Trump, nos Estados, e as suspeitas de interferência russa no pleito através da criação de conteúdos no Facebook (DIRESTA *et al.*, 2018), as plataformas digitais passaram a figurar entre os organismos capazes de alterar determinados contextos políticos, com mudanças estruturais das suas infraestruturas e também dos usos que se faz destes espaços (GARCÍA-OROSA, 2021).

Não é possível excluir o debate digital das discussões acerca da democracia liberal e de crises visualizadas principalmente a partir de 2016. Cesarino (2019b) chama de *populismo digital* a prática de construção e disseminação de conteúdos de caráter populista centradas nas plataformas. Para a pesquisadora, as especificidades dessas estratégias justificam a abordagem que transcenda as teorias mais clássicas sobre o populismo. A captação rápida de determinados padrões discursivos e a sua

¹⁷ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml?origin=folha> Acesso em 28 nov. 2021.

reprodução rápida se colocam como elementos estruturantes deste populismo (CESARINO, 2019b), representado pela campanha de Bolsonaro em 2018.

As exclusões sociais geradas pelo próprio sistema político podem desencadear em populismos diversos (LACLAU, 2005). Para Hermet (2003), o populismo se estabelece na relação entre massa e líder como elemento centralizador; o povo, por isso, é chave para a consolidação de uma retórica populista, de qualquer ordem – aqui, o autor homogeneiza o conceito de *povo*, o que pode ser perigoso. Jager e Walgrave (2007) afirmam que o populismo é mais um estilo de governo do que uma ideologia. A comunicação dos populistas, para esses autores, centra-se basicamente em uma referência às pessoas e o estabelecimento de conexões que demonstrem a plena identificação com elas; um sentimento anti-elite; e a unificação de “pessoas” em um grupo supostamente homogêneo (ibid.).

Ao analisar as crises de democracias liberais nesta década, Mounk (2019) indica que no populismo há uma reivindicação da representação exclusiva do povo, além da intolerância às oposições políticas e às instituições independentes (como Congresso e sistema de justiça). Para o autor, esse conjunto de características, com frequência, “põe os populistas em rota de colisão direta com a democracia liberal (MOUNK, 2019, p. 10). É especialmente por isso que a eleição de Bolsonaro em 2018 - e possivelmente sua campanha em 2022 -, concentradas no digital, representam abalos à democracia brasileira (falamos mais sobre isso no item a seguir).

Ainda que possamos identificar características em comum nos diferentes populismos, eles precisam ser analisados à luz das suas particularidades e conjunturas específicas (MOUFFE, 2019). O momento populista abarca, especialmente a partir de 2016, com a vitória de Donald Trump, uma série de movimentos, dos mais percebidos em escala global aos mais locais. Isso passa pelo Brexit, pelo governo de Viktor Orbán na Hungria, pela chegada do M5S ao poder na Itália após aliança com A Liga (partido de extrema direita), pela maioria do parlamento suíço ser composto por membros do Partido Popular Suíço (SVP)¹⁸, entre outras situações (ibid.).

O Brasil situa-se neste entremeio, não tendo a eleição de um populista de direita dissociada de um movimento global, caracterizado “pela emergência de múltiplas resistências contra um sistema político-econômico que é cada vez mais percebido como sendo controlado por elites privilegiadas” (MOUFFE, 2019, p. 40). Este populismo de direita se caracteriza, conforme sintetizaram Silva e Rodrigues (2021), pela ênfase na abordagem de quatro temas centrais: imigração, política externa,

¹⁸ Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/onde-o-populismo-de-direita-est%C3%A1-no-poder-no-mundo/a-46065697> Acesso em 29 jun. 21.

corrupção e segurança. Os dois últimos, especialmente, foram alicerces importantes da campanha de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Gerbaudo (2018) também menciona a oposição a minorias étnicas e religiosas como elementos estruturantes do populismo de direita. O autor ainda problematiza o que podiam ser os “alvos preferidos” dos populismos, supostamente regiões em desenvolvimento, possivelmente atrasadas do ponto de vista tecnológico e, por isso, mais suscetíveis à penetração populista. Ao mesmo tempo, isso se coloca em contradição com o entendimento de que a alta conectividade, através das mídias sociais, é um fenômeno basicamente urbano, tornando-se questões ambíguas diante da estruturação das lógicas populistas pelas redes (GERBAUDO, 2018, p. 748).

Isso tudo ocorre com a participação da circulação de conteúdos pelas plataformas digitais, formando o populismo digital (CESARINO, 2019b). Este movimento se sustenta a partir da formação de um tripé: aparato midiático digital, mecanismo discursivo e estratégia de construção de hegemonia. A autora chama a atenção para a ação dos algoritmos como parte importante especialmente para a mobilização.

Aqui entra, também, o movimento chamado de *firehosing* (PAUL, MATHEWS, 2016), que basicamente é a propagação de um conteúdo até que ele chegue a redes orgânicas, ainda que sejam informações sabidamente inverídicas. A prática foi identificada, pela primeira vez, como ferramenta do governo russo durante conflito com a Geórgia, em 2018, segundo Paul e Mathews (2016). Uma das características, apontam esses autores, é a carência de um compromisso com a consistência - algo também visto na versão brasileira do “*firehosing* bolsonarista.” Cesarino (2020b) aponta que há diversas lógicas tradicionais dos populismos sendo, agora, alicerçadas pelas mídias digitais. A redução política a amigo-inimigo e o estabelecimento da relação líder-povo são exemplos, segundo ela.

Com isso, podemos perceber que o Brasil integra um movimento global de ascensão de uma nova tipologia de populismo, centrada especialmente no digital, conforme analisa Cesarino (2019b), ainda que os mecanismos que o alimentam remetam a práticas mais clássicas de populismo (LACLAU, 2005).

3.3. “Eu autorizo, presidente”: o bolsonarismo como base para aspirações antidemocráticas

Cidadãos brasileiros com menos de 35 anos não viveram sob a tutela de um governo militar e/ou autoritário. Desde a reabertura democrática, especialmente a partir da eleição de Tancredo Neves, em 1985, o Brasil caminhou ao lado de outros regimes democráticos. Ribeiro (2019) chega a afirmar que o Brasil viveu as melhores décadas de sua história entre 1994 e 2015. Até os primeiros anos da década de 2010, poderia parecer improvável que o país rumaria, em tão pouco tempo, para o caminho de um governo com aspirações autoritárias.

Já vimos, acima, alguns elementos que indicam como e por que chegamos até aqui. As manifestações de rua de junho de 2013 são apontadas por Singer (2018) como apenas um dos elementos que provocaram o que ele denomina de *crise do lulismo*, um desses elementos. Se a então presidente Dilma Rousseff tinha 65% de ótimo e bom em pesquisas de avaliação anteriores às manifestações daquele ano, este índice caiu para cerca de 30% (SINGER, 2018) em poucas semanas. Corrupção, melhorias na saúde e educação, problemas na segurança, preços altos dos alimentos, impostos, etc. As causas, nas ruas daquele junho de 2013, eram variadas, tanto quanto o público que as formavam. Iniciadas pela esquerda, especialmente com a demanda do transporte público, “o centro e a direita levaram para a avenida o tema da corrupção, mobilizando multidões vestidas de verde e amarelo” (SINGER, 2018, p. 28).

A partir daí tivemos a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, em cima de Aécio Neves e por estreita margem; a não aceitação da derrota pelo tucano; as manifestações de rua contra a presidente, a partir de 2015 e se intensificando em 2016; e todo o processo golpista de impeachment, que originou o que Avrizter (2019) chama de ruptura. Ele e diversos outros autores, como Nicolau (2020), analisam a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a partir de elementos que surgem principalmente a partir de 2013.

Pesquisa do *Datafolha* divulgada em 5 de outubro de 2018¹⁹, dois dias antes do primeiro turno, mostrou que 69% dos eleitores acreditavam que a democracia era a melhor forma de governo, ante 57% em junho do mesmo ano. Treze por cento disseram que “tanto faz”. No entanto, nos chama mais a atenção o dado sobre relativização da democracia. Nesta mesma pesquisa, 22% dos que se declaram eleitores de Bolsonaro concordaram que, em certos casos, é melhor uma ditadura. Entre os eleitores de Haddad, este índice foi de 6% na mesma pesquisa. Dados do Instituto Latinobarómetro, divulgados

¹⁹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/democracia-tem-aprovacao-recorde-no-brasil.shtml> Acesso em 29 jun. 21.

em 2017 em matéria do Nexo Jornal²⁰, evidenciam que o Brasil é o país da América Latina com menor apreço à democracia.

Democracia, ao cabo, é um sistema que prevê que as pessoas podem escolher governos pelo voto e também remover estes governos pelo mesmo mecanismo (PRZEWORSKI, 2020). Um regime é democrático “na medida em que as relações políticas entre Estado e seus cidadãos engendram consultas amplas, igualitárias, protegidas e mutuamente vinculantes” (TILLY, 2013, p. 28 *apud* TATAGIBA, 2021, p. 442). Estes aspectos formam uma democracia liberal, ou seja, “um sistema político ao mesmo tempo liberal e democrático - um sistema que tanto protege os direitos individuais como traduz a opinião popular em políticas públicas” (MOUNK, 2019, p. 44). No entanto, os movimentos principalmente da última década, percebidos com a eleição de Donald Trump, em 2016, e com o Brexit, iniciado no mesmo ano, nos colocam diante de novos tensionamentos acerca do conceito de democracia liberal.

Pode, então, uma democracia não ser liberal? Pode um regime ser liberal e antidemocrático, ao mesmo tempo? A resposta é sim. Primeiro se a maioria da população quiser submeter as instituições independentes a uma pseudogestão do executivo, além de limitar direitos das minorias. Segundo, onde se possa criar um ambiente que tenha eleições regulares, porém pouco legítimas e sem se traduzirem em políticas públicas a partir da opinião popular (MOUNK, 2019).

Alguns sinais indicam que uma democracia pode estar em risco, parte deles presentes na realidade brasileira sob o governo Bolsonaro e nos anos que o antecederam. É o caso da perda/diminuição da confiança nas instituições democráticas e nos políticos, e de conflitos entre essas instituições (PRZEWORSKI, 2020). Os ataques sistemáticos de Bolsonaro ao ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia e os contínuos enfrentamentos com ministros do Supremo Tribunal Federal são exemplos de abalos democráticos.

O bolsonarismo, enquanto movimento que elegeu e sustenta o governo, se encaixa no que Przeworski (2020) define como *populismo delegativo*: uma massa que, propondo uma “democracia direta”, delega o governo a uma figura populista. Este movimento, que pode significar um perigo à democracia, se coloca no oposto de um *populismo participativo*, que pressupõe um “governo de nós mesmos” (ibid).

No caso brasileiro, Bolsonaro foi alçado a líder de um movimento de insatisfação com praticamente tudo o que remetia à política tradicional, institucional e consolidada pelo menos nos 30

²⁰ Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/10/30/Qual-o-apre%C3%A7o-dos-brasileiros-pela-democracia.-Em-n%C3%BAmeros-e-gr%C3%A1ficos> Acesso em 29 jun. 21.

anos que antecederam a sua eleição. A vitória de Bolsonaro marcou a ascensão ao poder de um político de extrema direita, militar, sabidamente xenófobo, racista, misógino, LGBTQfóbico, armamentista e, a partir de 2020, um negacionista diante da pandemia da Covid-19. Isso ocorreu após sete eleições diretas pós-ditadura.

Desde a Proclamação da República, em 1889, o Brasil respirou ares de variados tipos, no que diz respeito às liberdades democráticas. A partir de 1946, o país oscilou entre “ondas de otimismo democrático e fortes inversões antidemocráticas” (AVRITZER, 2018, p. 278). Durante o período da Guerra Fria, que foi de 1947 a 1991, golpes de Estado foram registrados em diversos países, incluindo o Brasil (LEVITSKY, ZIBLATT, 2018). Argentina, Gana, Grécia, Guatemala e Uruguai também estão nesta lista. No Brasil, o regime de exceção durou 21 anos, de 1964 a 1985. Houve, no entanto, uma ruptura mais evidente, com a deposição do então presidente João Goulart e a ascensão dos militares ao poder.

No Brasil de Bolsonaro, o militarismo chegou ao poder pelo voto, através de eleições livres e democráticas. Reportagem de Humberto Trezzi (2021), publicada no caderno DOC, do jornal Zero Hora, em 13 de março de 2021²¹, mostrou que eram 6,1 mil militares ocupando cargos em comissão no poder executivo federal em setembro de 2020, segundo dados do Tribunal de Contas da União (TCU). Em 2016, último ano da gestão de Dilma Rousseff, este número era de 2,9 mil. Para além dos números gerais, Trezzi também analisa a presença do ponto de vista de onde estão esses militares. Além de Bolsonaro e de seu vice Hamilton Mourão (PRTB) serem militares, 10 dos 21 ministros também o eram em março de 2021. Aqui os dados foram obtidos pelo Congresso Nacional junto ao governo através de Requerimento de Informação. Oliveira e Goulart (2021) mostram, ainda, que os militares do governo Bolsonaro têm, em sua grande maioria, laços familiares com militares (pais, avôs), sobretudo do Exército, caracterizando uma continuidade.

Não é possível afirmar que a maior presença de militares no governo necessariamente implica em ruptura democrática. Mas acende o alerta. A maior parte dos colapsos democráticos vistos no mundo desde o final da Guerra Fria foi causada por líderes eleitos e não por aventureiros que apelaram a uma ditadura ostensiva em forma de fascismo, comunismo ou domínio militar (RUNCIMAN, 2019). Parte desses líderes, como Hugo Chávez, na Venezuela, como Trump e Bolsonaro, perfazem a cartilha populista, em parte ou no todo. Apesar disso, cabe lembrar que populismo não é exatamente uma contraposição à democracia (ibid.).

²¹ Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2021/03/analistas-explicam-por-que-bolsonaro-mais-do-que-dobrou-o-numero-de-militares-em-cargos-de-confianca-ckm5boxfl008c0198c6damr3x.html> Acesso em 29 jun. 21.

Para tentar compreender esta *inversão* brasileira, em poucos anos, Avritzer (2019) desenvolveu a teoria do pêndulo democrático, a partir da qual analisa a conjuntura tendo os movimentos de um pêndulo como termômetro. Para ele, as manifestações de junho de 2013, e todos os eventos que se seguiram, demonstram que o Brasil estava apenas “surfando na crista da onda democratizante que provavelmente está chegando ao seu final” (AVRITZER, 2018, p. 275). O autor estabelece dois movimentos: a expansão e a regressão do pêndulo democrático. Os períodos de 1945 a 1964 e de 1994 a 2014 são de expansão do pêndulo. Em ambos tivemos eleições livres e diretas, além da ausência de contestação dos resultados eleitorais e o funcionamento harmônico das instituições (AVRITZER, 2018).

Reis (2017) entende que há um caráter conflituoso da democracia brasileira, mas rechaçava, em artigo de 2017, o possível entendimento de que haja uma grande conspiração de atores diversos se articulando de maneira subversiva a fim de inverter a ordem democrática. Ele pontua, porém, a provável precipitação de uma análise que possa transparecer a existência de alicerces sólidos para a sustentação da democracia brasileira. Essa visão, segundo o autor, de que uma forte institucionalidade democrática havia sido alcançada no Brasil, é contrastada com fatos que se seguem a partir de 2013, dado que

torna-se claro que o substrato sociológico e sociopsicológico da vida política brasileira resulta em que aquela incorporação de interesses diversos seja bem mais difícil de ocorrer de maneira efetiva e consequente do que pareceu ser o caso, e a presunção de que teríamos tido, de fato, o enraizamento definitivo da democracia surge como problemática. (REIS, 2017, p. 39)

Para Miguel (2017, p. 47), há uma incapacidade quase generalizada de encaixar os eventos políticos brasileiros a partir de 2013 num “enquadramento explicativo que faça sentido”. As jornadas de junho de 2013 são o ponto nevrálgico a partir do qual o pêndulo democrático brasileiro começa a se mover em sentido contrário do percebido nos 19 anos anteriores (AVRITZER, 2018; SINGER, 2018; REIS, 2017; MIGUEL, 2017).

No grupo e página acompanhados nesta pesquisa, os ataques às instituições democráticas ocorreram em períodos possíveis de identificação e de conexão com fatos mais amplos. Nas manifestações de 7 de setembro de 2021, por exemplo, o discurso majoritário de publicações e comentários do grupo *Bolsonaro - Eu apoio* era de que o Brasil precisava “avançar” sem as amarras do Supremo Tribunal Federal e, especialmente, do ministro Alexandre de Moraes.

Para Bolsonaro e sua base mais fiel, instituições como o STF e, por vezes, o Congresso Nacional, são obstáculos à implementação de políticas que, em 2018, eram promessas de campanha. O dismantelamento de restrições impostas por estes poderes é uma das características de governos

que deixam a democracia de lado, a fim de colocar em prática as “soluções mágicas” vendidas no processo eleitoral (PRZEWORSKI, 2020).

Neste aspecto, cabe mencionar a fala de Bolsonaro na avenida Paulista, em 7 de setembro de 2021, de que não mais cumpriria decisões do ministro Alexandre de Moraes, do STF²², e outras diversas declarações colocando em xeque a segurança e eficácia das urnas eletrônicas brasileiras, indicando que o Brasil poderia não ter eleições em 2022 caso o voto *impresso e auditável* não fossem adotados²³.

Por tudo isso, não é exagero afirmar que as eleições deste ano se colocam como uma prova à democracia brasileira. Cercado por crise econômica e ainda reflexos muito presentes da pandemia (PIRES, CARVALHO, RAWET, 2021), o pleito de 2022 é decisivo especialmente porque estará em jogo o cumprimento ou não da cartilha autoritária pelo Brasil, que prevê uma escalada golpista mais acentuada a partir do segundo mandato. Isso ocorreu em países como Nicarágua, Turquia e Hungria.

Agora, a Justiça Eleitoral parece se atentar mais para os reflexos da comunicação por plataformas no pleito. Resta-nos acompanhar o impacto da circulação de conteúdos, especialmente os desinformativos, e também como as peças do jogo eleitoral se ajustarão a partir e durante a campanha eleitoral.

²² Fonte: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-diz-que-nao-cumprira-decisoes-do-ministro-do-supremo-1-25187933> Acesso em 28 nov. 2021.

²³ Fonte: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-barroso-de-idiota-e-diz-que-brasil-pode-nao-ter-eleicoes/> Acesso em 28 nov. 2021.

4. Objeto e método

Quando essa pesquisa começou a nascer não sabíamos ao certo que observável definiríamos como objeto empírico. Passei, então, a acompanhar diferentes grupos de apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Encontrei grupos abertos - ou fechados, mas de fácil acesso - no Facebook e no Telegram. No WhatsApp, embora tenha localizado diversos links públicos na internet, os grupos estavam fora do ar ou com capacidade de participantes esgotada (há limite de 256 pessoas por grupo).

No Facebook, entramos em dois grupos em junho de 2020: *Bolsonaro - Eu apoio* é o maior deles. Foi o primeiro grupo a aparecer como resultado a partir de uma busca feita com as palavras “bolsonaro” e “apoio”. Ele foi criado em 18 de maio de 2018. Pedi autorização para entrar e fui aceito no dia seguinte, embora não tenha preenchido informações complementares no pedido, como motivos pelos quais você está querendo entrar no grupo, opções oferecidas pelo Facebook para facilitar o aceite e que podem ou não serem utilizadas pelos administradores.

À época, em julho de 2020, este grupo tinha 350 mil pessoas. Em novembro alcançou 397 mil, chegando a 440 mil em dezembro e a 554 mil em maio de 2021. Temos, portanto, um crescimento de 63% em menos de um ano. Em 3 de maio de 2021, os dados públicos deste grupo mostram que, neste dia, houve 13 novas publicações, chegando a 266 nos últimos 30 dias. O número de membros teve acréscimo de 555 pessoas na última semana, segundo dados da mesma data. Nesta mesma data, o grupo tinha seis administradores, sendo cinco mulheres e um homem. Outras dez pessoas aparecem como moderadores de conteúdo: cinco homens e cinco mulheres.

O segundo grupo no qual ingressamos - *JAIR BOLSONARO 2022 EU APOIO* - tinha, em 3 de maio de 2021, 222,7 mil membros. Não acompanhamos este grupo *pari passu*, como o anterior, embora a data de entrada tenha sido a mesma. Os dados de 3 de maio de 2021 mostram que, nos 30 dias anteriores, o grupo teve 300 posts e 883 novos membros na última semana. Este grupo foi criado em 5 de março de 2016 e o nome atual foi dado em 23 de março de 2020. Em 3 de maio de 2021 o grupo tinha quatro administradores, sendo três homens e uma mulher.

No grupo *Bolsonaro - Eu apoio* localizamos um link para uma um “canal de transmissão” do Telegram, o que desconhecíamos até então. Ingressando, o canal *Exército do Bolsonaro* tinha, em meados de julho de 2020, 38 mil membros. Em maio de 2021 eram 44 mil. Neste canal, diariamente, entre 4 e 6 mil mensagens são publicadas, dado que todos os inscritos no canal podem interagir. Através deste canal, descobrimos e entramos em outros três: *Jair Bolsonaro, eu Apoio!* (62 mil

inscritos em 3 de maio de 2021); *Super Ministro, Paulo Guedes* (19 mil inscritos na mesma data); e *Jornal da Cidade Online* (28 mil inscritos). O primeiro desses três foca mais no apoio ao próprio presidente, enquanto o segundo procura ressaltar ações do ministro da Economia, Paulo Guedes, e o último concentra publicações de links do *Jornal da Cidade Online*, um portal de apoio ao presidente.

Além dos grupos no Facebook e dos canais no Telegram, passamos a acompanhar as publicações de duas páginas no Facebook: *SOMOSTODOSBOLSONARO* (1,9 milhão de curtidas em 3 de maio de 2021) e *Eu apoio Bolsonaro* (343 mil curtidas na mesma data). A primeira página foi criada em 11 de fevereiro de 2017. A segunda, 3 de abril de 2016. Essas foram as duas primeiras páginas a serem mostradas pelo Facebook quando a busca foi feita por “bolsonaro” e “apoio”, da mesma forma como o que foi feito para se chegar aos grupos.

A observação durante o segundo semestre de 2020 serviu para que houvesse, no começo de 2021, a definição sobre o que realmente observar com vistas a construir esta dissertação. Não haveria, obviamente, como realizar uma observação e coleta efetivas de dois grupos e duas páginas no Facebook e de três canais de transmissão de informações no Telegram - isso sem contar perfis no Instagram, que não foram listados aqui por não terem sido efetivamente seguidos e monitorados com frequência.

A opção foi por focar, aqui, na página *SOMOSTODOSBOLSONARO* e no grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, ambos do Facebook. Isso se deve basicamente ao número de seguidores de cada um deles e ao ritmo das atualizações. São, respectivamente, a página e o grupo de apoio a Jair Bolsonaro com maiores públicos e interações que localizamos no Facebook. Se houver outros que os superem, esses não apareceram nas buscas que fizemos.

Segundo a definição do próprio Facebook²⁴, a página é um local que permite a conexão entre artistas, figuras públicas, empresas, marcas etc. A página analisada nesta pesquisa não se encaixa nas definições da plataforma. Ela é, na verdade, uma página apócrifa de apoio a um político e que, diariamente, publicou 14,5 *posts* durante o período de captura. A página difere do grupo em vários aspectos. Na primeira, apenas administradores podem fazer publicações, enquanto no segundo qualquer membro pode postar e comentar. Para o Facebook, nos grupos as pessoas podem conversar sobre interesses que tenham em comum. O objetivo do grupo e página aqui analisados é semelhante, conforme veremos mais à frente.

Inicialmente, elegemos como linha de corte o período de 8 de março a 29 de maio de 2020 para captarmos publicações e comentários. Chegamos a este período a partir da leitura das manchetes

²⁴ Fonte: <https://www.facebook.com/help/337881706729661> Acesso em 9 abr. 2022.

principais da capa do jornal *Folha de S.Paulo*. A partir das palavras-chave “bolsonaro” e “pandemia”, identificamos que, no primeiro ano da pandemia no Brasil, entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2021, o período acima referido foi o de maior destaque a Bolsonaro e ao governo na cobertura do jornal. Esta classificação foi desconsiderada na sequência, também por sugestão da banca de qualificação, uma vez que poderia não indicar o melhor período a ser apurado, já que a apuração ocorreu em um veículo da mídia tradicional e a pesquisa se centrará no Facebook.

Aqui compartilhamos uma frustração, que também faz parte do processo de pesquisa. Apesar da delimitação do *corpus* a ser coletado e analisado, não conseguimos chegar em todos os *posts* do período de 8 de março a 29 de maio de 2020. O mecanismo mais simples - de apenas rolar o *scroll* do mouse - não se mostrou efetivo, dado que apenas regredia um ou dois meses, ou seja, até fevereiro ou março de 2021. Iniciamos uma busca por *softwares* gratuitos que pudessem coletar esses *posts*, sem sucesso. Colegas do mestrado tentaram ajudar e agências que trabalham com dados foram acionadas, também se tornando em tentativas infrutíferas - é bem verdade que as três agências procuradas não responderam.

Definimos, então, que o novo recorte, agora algo possível de ser coletado manualmente, abrangeria o período de 17 de março a 17 de maio de 2021. Isso porque em 17 de março completava-se um ano da primeira morte por Covid-19 no Brasil. A escolha por dois meses de observação e coleta de dados, na página e no grupo, se deu em razão de entendermos que era um período suficiente para observar um *modus operandi* da atuação bolsonarista nesses espaços digitais. Manualmente, todos os *posts*, da página e do grupo no Facebook, foram coletados, ponto que será mais bem detalhado no capítulo sobre o método empenhado. Em uma planilha do Google Formulários, foram organizadas as seguintes informações: *link* do *post*, data de publicação, data de coleta, quantidade de comentários e de compartilhamentos.

Logo nos deparamos com uma situação: algumas publicações, as que geraram mais engajamento, tinham até 10 mil comentários. A captação manual desses comentários, mesmo usando a extensão *GoFullPage* no Google Chrome, seria difícil. Mas a grande questão foi: a pesquisa nos pedia uma análise de 10 mil comentários de uma única publicação? Se sim, o faríamos, ainda que reduzindo o período de coleta. Mas de pronto a resposta foi “não”. Desde o início, estabelecemos que a quantidade de material coletado não era o principal alicerce da pesquisa. Empenhamos esforços, então, em coletar os cerca de 100 primeiros comentários de cada publicação, sempre mantendo a opção de “mais relevantes” como filtro.

O Facebook considera um *post* como relevante quando ele possui mais interações (reações, respostas), quando é feito por contas ou páginas verificadas e/ou quando amigos interagem. Um comentário relevante para mim pode não ser relevante para outra pessoa, especialmente se o critério em voga for o da amizade. Contudo, entendemos que não há como fugir desta subjetividade e, por isso, decidimos manter este critério.

Abaixo, nas tabelas 1 e 2, os números a partir das coletas realizadas no período de 60 dias entre 17 de março e 17 de maio de 2021. O número de curtidas não aparece, pois foi uma informação que entendemos não ser essencial para análise que nos propomos. Até porque isso empreenderia separar curtidas das demais reações possíveis no Facebook: triste, coração, uau e raiva.

Tabela 1 - Dados quantitativos da captação feita entre 17 de março e 17 de maio, com separação por mês.

Observável	Posts - 17mar-17abr	Comentários	Compartilhamentos	Posts - 18abr-17mai	Comentários	Compartilhamentos
Página	509	490.279	421.342	361	278.581	286.705
Grupo	172	171.793	n/a	198	192.998	n/a

Fonte: autor (2022).

Tabela 2 - Dados quantitativos da captação somados.

Totais	Posts	Comentários	Compartilhamentos
Página	870	768.860	708.047
Grupo	370	364.791	n/a

Fonte: autor (2022).

Os dados das publicações foram dispostos em duas planilhas, sendo uma para os dados de cada mês e outra, a somatória. Nela constam as seguintes colunas: link do post, data do post, comentários e data de coleta.

Importante mencionar que o histórico de publicações de grupos do Facebook é constantemente alterado, sem uma explicação tão evidente. As publicações que visualizamos hoje podem não estar todas na *timeline* do grupo quando a coleta for feita, no dia seguinte ou algumas semanas depois. Tendo que boa parte dos conteúdos publicados nos grupos - ao menos nos dois grupos bolsonaristas observados especificamente para esta pesquisa e, em especial, o escolhido para esta análise - é formada por links de outros perfis e outras plataformas, vemos dois caminhos que possam justificar o “sumiço” de conteúdos nos grupos: a) o conteúdo original tenha sido excluído; b) a privacidade do conteúdo original tenha sido alterada, deixando de ser pública. Não nos parece que

haja ação dos administradores nessas exclusões, dado que não conseguimos identificar *posts* destoando do padrão narrativo do grupo. Essa maleabilidade não é percebida na página.

4.1. “Aqui é só quem apoia o mito”: sobre estar nestes grupos

Ressaltamos, aqui, que estar nesses grupos e acompanhar as páginas não foi algo tranquilo em diversos momentos. Não se trata de uma inovação, mas destacamos a relevância de tal processo especialmente pela dificuldade de fazê-lo e de mantê-lo em determinados períodos, especialmente. Acompanhar todas as publicações e seus comentários, percebendo estratégias muito bem estabelecidas de desinformação e ataques à democracia, foi uma tarefa desafiadora.

Ao mesmo tempo em que há um misto de raiva e tristeza nestas observações praticamente diárias, há o sentimento de que é estando próximo destes grupos e páginas que se vai, minimamente, tentar compreender as aspirações e os entendimentos da base mais fiel - e possivelmente a mais radical - de apoio do atual presidente. O rótulo *fascista*, embora caiba que parcela muito significativa daqueles que postam e comentam em grupos bolsonaristas, pode, em nosso ponto de vista, uniformizar e unificar uma base que é heterogênea.

Também por isso, justificamos a importância das imersões nos precisos espaços onde as narrativas bolsonaristas estão circulando. A comunicação pelas plataformas digitais teve papel importante nas eleições de 2018, mostra-se como central na organização da base de apoio de Bolsonaro durante o governo e, possivelmente, será também relevante nas eleições deste ano.

Em certos momentos do período que vai de julho de 2020 a dezembro de 2021 foi necessário buscar um afastamento da página e do grupo que aqui tratamos. A ideia era tão somente buscar um respiro. Não foram poucas as vezes em que uma troca de objeto foi cogitada, tentando chegar a algo mais palatável e tragável.

Mas aqui estamos.

A partir do que trouxemos até aqui, adentraremos, no item a seguir, no percurso metodológico que nos permitirá, mais adiante, analisar e arriscar inferências acerca do material coletado.

4.2. Método

Iniciamos os movimentos de pesquisa, após a definição do objeto, nos apoiando em métodos de mapeamento a fim de recortarmos o material sobre o qual faremos a análise. O mapeamento, contudo, se coloca como um método inicial, não estanque, ao menos para o que aqui buscamos. Com o mapeamento é possível ter a dimensão da circulação dos conteúdos que, para nós, se colocam como objeto de pesquisa. Ele, no entanto, não nos oferece os caminhos que irão permitir problematizar o material coletado à luz dos aportes teóricos trazidos.

Por isso, situamos o mapeamento deste trabalho como um primeiro movimento cartográfico. A cartografia, que em sua origem era um método utilizado na geografia, aqui se coloca como elemento importante pois nos dá a possibilidade de estabelecermos “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo” (PRADO FILHO, TETI, 2013, p. 47). Isso ocorreu, de maneira sistemática, ao longo de pelo menos um ano, desde a entrada em grupos bolsonaristas e do início do acompanhamento de determinadas páginas. Os períodos observados de maneira mais intensa variaram neste período, em razão, basicamente, dos fatos políticos que pautavam as discussões em âmbito nacional.

A cartografia social, citada por Prado Filho e Teti (2013), aponta para a necessidade da observação de elementos que considera jogos de poder e linhas de força como pilares importantes na sua estruturação. A observação desses elementos não ocorre de maneira objetiva, pois se dá a partir de movimentos não fixos. Sendo assim, temos o mapeamento, descrito de maneira detalhada no capítulo em que tratamos do objeto, como movimento inicial para identificação do *corpus* de análise.

Como elemento operacionalizador e concluinte deste movimento cartográfico, nos apoiamos na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, PILZ, MACHADO, 2018). O seu primeiro passo, que é o mapeamento das publicações em um determinado período de tempo, já resta cumprido de pronto. A partir disso, esta metodologia, desenvolvida no Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, nos propõe o estabelecimento de categorias a partir do material coletado para, em seguida, tendo essas nucleações como base, identificar sentidos. O primeiro passo do processo ocorre, no entanto, a partir da percepção de um ciberacontecimento (HENN, 2014) e do acompanhamento deste. No caso trazido nesta pesquisa, o ciberacontecimento não se coloca da maneira mais tradicional, disposta nas teorias de Henn, pois trata-se de um movimento não findável, não encontrado apenas num dado período de tempo.

A atuação bolsonarista nas plataformas digitais, como se sabe, ocorre de maneira organizada há alguns anos e, de maneira mais proeminente, desde 2014 (NICOLAU, 2020), quando Bolsonaro afirmou que seria candidato à presidência da República em 2018. Por isso, ainda que não tenhamos recortado um ciberacontecimento específico - como as reações da rede de apoio de Bolsonaro diante de um fato -, utilizaremos a metodologia de Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais por entendermos que ela nos dá subsídios e caminhos para analisarmos publicações e comentários nos seus detalhes, estabelecendo conexões e permitindo inferências que problematizam os movimentos percebidos pela conversação em rede especialmente a partir de rastros semióticos.

4.3. “Tem petista infiltrado”: elementos éticos e escolhas na pesquisa em grupos do Facebook

Estar em grupos bolsonaristas para fins de pesquisa não é exatamente uma novidade. Há outros pesquisadores que fazem e fizeram essas imersões, no Facebook, no WhatsApp ou no Telegram. É este acompanhamento silencioso que nos permite compreender algumas lógicas e sentidos que formam grupos, páginas, perfis e canais.

Academicamente, é possível discutir os elementos éticos desta observação sem o consentimento dos observados. No campo prático, no entanto, esse debate pode ganhar contornos um tanto irrealistas por duas razões práticas, uma no campo da execução, outra no político. Imaginemos os cenários a partir da nossa pesquisa: a) pedir autorização expressa a cada um dos 1,88 milhão de curtidores da página observados e aos quase 600 mil membros do grupo; b) pedir autorização e informar que se trata de uma pesquisa acadêmica, feita em uma universidade e sobre Bolsonaro e parte de sua base de apoio, ainda que apenas ao(s) administrador(es) da página e moderadores do grupo. Qualquer um dos dois passos certamente inviabilizaria a pesquisa.

Piaia e Alves (2020) produziram artigo oriundo de imersão em grupos bolsonaristas no WhatsApp durante as eleições de 2018. Dado o grau de polarização do pleito e diante dos ataques públicos do então candidato Bolsonaro e apoiadores às universidades e à pesquisa científica, é impensável que se pudesse pedir autorização a todos os membros dos grupos - ou mesmo a seus administradores - para coletar dados ali. Este cenário denota que “os pesquisadores, portanto, seriam

inimigos a serem excluídos, pois, seriam vistos pelos indivíduos como militantes infiltrados” (PIAIA, ALVES, 2020, p. 143). É a mesma conjuntura que nos acompanha agora, em 2022.

Outra questão a ser considerada é a do nível de privacidade destes espaços, ou seja, o quanto eles podem ser considerados ambientes restritos e, portanto, com maior ou menor observação de agentes externos. A página *SOMOSTODOSBOLSONARO* não impõe qualquer restrição à visualização dos seus conteúdos, com ou sem curtida, seguindo ou não a página. Já o grupo *Bolsonaro - Eu apoio* é, ao menos teoricamente, privado, permitindo o ingresso de novos membros a partir de solicitações.

No caso da página, precisamos considerar que, além do seu caráter sabidamente público, ela congrega 1,88 milhão de curtidores e 2,23 milhões de seguidores²⁵. O grupo, 551 mil membros²⁶.

Um ponto levantado por Twonson e Wallace (2016) é o de se identificar se de fato estamos tratando de um espaço com acesso público. Os autores entendem que se as informações coletadas estão em ambientes indiscutivelmente públicos, como o Twitter, há menos elementos a se considerar eticamente quanto ao uso desses dados para fins de pesquisa. É o caso, também, de páginas públicas no Facebook, mas isso se complexifica em grupos fechados.

A observação do grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, no Facebook, ao longo de um ano e meio, nos dá motivos suficientes para que não possamos considerá-lo como um ambiente fechado e restrito. O principal deles diz respeito ao número crescente de membros. Em 22 de dezembro de 2020 o grupo tinha 440 mil membros, número que chega a 551 mil em janeiro de 2022. Portanto, não se pode considerar, em nossa visão, que um grupo que tenha somado ao seu público 110 mil pessoas em 12 meses seja um ambiente fechado.

Outro ponto a ser considerado é o da facilidade para ingresso no grupo. Em julho de 2020, a aprovação ocorreu em menos de 24 horas, sem que se tenha preenchido nenhuma das questões à época levantadas para filtrar os participantes, como “por que quer fazer parte do grupo?”. Em janeiro de 2022, um novo teste foi feito, desta vez com um perfil *fake*. Já não havia mais as perguntas para filtrar os participantes e a aprovação do ingresso ocorreu em 14 horas. Nos dois casos, nenhum dos perfis utilizados para entrar no grupo tinham quaisquer informações que remetesse a um apoio ao presidente da República. No primeiro ingresso, foi utilizado um perfil real de uso pessoal. No segundo, um *fake* criado especificamente para esta contraprova.

²⁵ Ao curtir ou seguir uma página, está se concordando em receber atualizações desta no feed. Porém, o *curtir* permite que a página seja exibida no “sobre” do curtidor e o *seguir* não. Veja mais em <https://www.facebook.com/help/171378103323792> Acesso em 10 jan. 2022.

²⁶ Números da página e do grupo aferidos em 10 de janeiro de 2022.

Ainda assim, nossa decisão foi de não utilizar *prints*, ainda que anonimizados, e mesmo transcrições literais de quaisquer comentários ou publicações que pudessem, ao cabo, levar a uma identificação de quem os proferiu, assim como fizeram Piaia e Alves (2020). A medida será adotada tanto para a página como para o grupo.

Ela se justifica ainda mais, no nosso entender, a partir da decisão de esmiuçar dissidências identificadas nos dois espaços - página e grupo. Ou seja, a maioria dos casos que relataremos na categoria **Críticas a Bolsonaro** se coloca, hoje, como um não-eleitor de Jair Bolsonaro. Ao mostrar nomes, rostos e/ou transcrições literais de opiniões proferidas, mesmo de publicações e comentários feitos em ambientes que consideramos públicos, poderíamos fornecer subsídio para possíveis ataques virtuais daqueles que permanecem fiéis ao presidente sobre os que entenderam que não o apoiam mais. Isso ocorreria, claro, se esta pesquisa chegasse às mãos de algum bolsonarista - o que não é impossível.

5. Categorização e análise

Neste capítulo, apresentamos as categorias que dão suporte à posterior análise de publicações e comentários. Mais do que isso: a categorização nos permite relacionarmos temas e conectarmos pautas que compõem as estratégias digitais do fragmento da base digital bolsonarista analisado neste trabalho.

Inicialmente, apresentamos as categorias e como elas foram construídas. Na sequência, focamos em uma das categorias em item específico e agrupamos as demais num segundo item. Também apresentamos as características das publicações que tiveram mais engajamento no grupo e na página no período de análise. Essas publicações não necessariamente estão contempladas na análise das categorias.

5.1. Primeiras análises e estabelecimento de categorias

Nossos movimentos de análise iniciam sobre um conjunto de 172 publicações feitas no grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, no Facebook, entre 17 de março e 17 de abril de 2021. Elas somam 171.793 comentários e a coleta foi realizada entre os dias 3 e 5 de maio de 2021. O início do período observado marca o um ano da primeira morte por Covid-19 registrada no Brasil. Já na página *SOMOSTODOSBOLSONARO*, o mesmo período nos mostra 509 publicações, que somam 421.342 compartilhamentos e 490.279 comentários. As coletas na página foram feitas entre 7 e 9 de maio.

É necessário, de pronto, destacar nossa impossibilidade de coletar de maneira manual e analisar mais de 660 mil comentários - levando, aqui, em consideração apenas o período de 17 de março a 17 de abril, mas já tendo em mente que a pesquisa também abarcará o período subsequente de 30 dias, até 17 de maio. No mesmo ritmo, então, teríamos algo em torno de 1,2 milhão de comentários. A coleta, que aqui citamos, se refere a entrar em cada um dos *posts*, colocar nas respectivas planilhas os dados que nos interessam e, depois, ‘printar’ o conteúdo para consulta posterior, dada a possibilidade de apagamento.

Utilizamos a ferramenta *GoFullPage*, em uma extensão para o Google Chrome, para a captação em bloco das publicações e seus respectivos comentários. No entanto, ante o número elevado de comentários, decidimos armazenar, em forma de *print*, os 100 comentários mais relevantes de cada publicação. Segundo o Facebook, um comentário é relevante quando é feito por um amigo, por

páginas e perfis verificados ou quando tem mais curtidas e respostas²⁷. Essa função pode ser desabilitada pelos gerenciadores, mas não foi o que ocorreu na página e grupo observados nesta pesquisa.

A análise ocorrerá, como mencionado no capítulo anterior, através da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, PILZ, MACHADO, 2018). Essa metodologia prevê o inicial estabelecimento de categorias que, após, serão tensionadas a partir de uma lógica de nucleações, ou seja, a possível ligação de determinados sentidos com outros.

Estabelecemos essas categorias iniciais da seguinte forma: três publicações da página e três publicações do grupo, do período de 17 de março a 17 de abril, foram escolhidas aleatoriamente, mas apenas atentando-se para que a escolha contemplasse os períodos de começo, meio e fim do período inicial observado, de 30 dias.

Essas publicações nos colocaram diante de cerca de 600 comentários, que foram lidos em sua integralidade. A partir deles, as categorias começaram a ser escritas e estão dispostas abaixo na ordem em que foram identificadas. Entendemos que elas dão conta de abarcar a diversidade dos comentários feitos pela militância apoiadora de Jair Bolsonaro.

A identificação de palavras-chave também colaborou para a categorização. Por isso, a terceira coluna da tabela abaixo traz as principais palavras que dão sentido aos comentários analisados. Algumas palavras estão em mais de uma categoria, pois é possível que sejam usadas em diferentes contextos e com objetivos distintos. Em alguns casos, de igual forma, determinados comentários podem integrar duas ou mais categorias diferentes, especialmente os mais extensos.

Durante a análise do segundo mês, compreendido entre 18 de abril e 17 de maio, não identificamos publicações e comentários que pudessem ampliar as categorias abaixo. Isso mostra um padrão na atuação tanto do grupo como da página, em geral seguindo os mesmos padrões de pauta, formatos de narrativas e alvos.

Tabela 3 - Categorias a partir de publicações e comentários do grupo e da página.

Nº	Categoria	Contextualização	Palavras-chave
1	Lula e PT	críticas a Lula, ao PT, à esquerda	<ul style="list-style-type: none"> - Lula - ladrão - corrupção - esquerda - esquerdopatas

²⁷ Fonte: <https://www.facebook.com/help/539680519386145> Acesso em 29 jun. 21.

Nº	Categoria	Contextualização	Palavras-chave
			- roubalheira
2	Pandemia	menções diversas à pandemia, com destaque para a defesa da atuação do presidente e do Governo Federal no combate à Covid	<ul style="list-style-type: none"> - pandemia - mortes - Covid - coronavírus - vacinas - crise - verba - STF
3	Elogios a Bolsonaro e ao governo	defesa do presidente e do governo, com campanha explícita em função das eleições de 2022	<ul style="list-style-type: none"> - sem corrupção - Deus - Jesus - fechado - limpeza
4	Urnas e sistema eleitoral	desconfiança do sistema eleitoral brasileiro, críticas às urnas, ao TSE e acusações constantes de fraude	<ul style="list-style-type: none"> - fraude - auditável - voto - TSE - golpe
5	STF e golpe	críticas ao Poder Judiciário, com destaque para o STF, e pedidos de intervenção militar	<ul style="list-style-type: none"> - STF - ministros - amarras - art. 142 - intervenção - Forças Armadas - poder
6	Religião	constantes menções a Deus, a Jesus e à religião	<ul style="list-style-type: none"> - Deus - Jesus - glória - bênção - força
7	Críticas a Bolsonaro	apoiadores descontentes com o presidente ou militantes contrários “infiltrados” na página e/ou no grupo	<ul style="list-style-type: none"> - pandemia - vacinas - crise - preços - inflação - Lula - genocida
8	Governadores e prefeitos	críticas a governadores e a prefeitos, especialmente em	<ul style="list-style-type: none"> - verba - desvio

Nº	Categoria	Contextualização	Palavras-chave
		razão das divergências na condução da pandemia	<ul style="list-style-type: none"> - governadores - prefeitos - STF - autonomia - recursos

Fonte: o autor (2022).

A numeração das categorias, de 1 a 8, não segue uma ordem de importância, mas sim de identificação durante a categorização. Abaixo, fica evidenciado que, do nosso ponto de vista, a categoria 7 é a mais importante, pois traz críticas ao presidente Jair Bolsonaro em espaços que, supunhamos, seriam de total concordância com seus atos e apoio à sua reeleição.

Frisamos, também, que as oito categorias não se constituíram como algo estanque. Ao longo da leitura de mais comentários, a categorização ficou aberta a possíveis novas categorias, o que se mostrou desnecessário até o final da nossa análise, pois foi possível encaixar os comentários lidos em uma das oito categorias previamente estabelecidas.

5.2. Identificando, cruzando e analisando comentários e interações

A partir desta tabela, passamos a analisar comentários que elucidem cada uma das categorias. Eles foram escolhidos a partir da nossa percepção dos comentários enquanto os *posts* eram coletados. Embora não tenha sido possível fazer a categorização manual de todas as publicações coletadas e seus respectivos comentários, a leitura de parte desses conteúdos nos mostrou os pontos mais nevrálgicos das interações, suscitando nossa atenção para determinados períodos.

5.2.1. As vertentes dos críticos

De pronto, a categoria que mais despertou nosso interesse e atenção foi a **Críticas a Bolsonaro**. Isso porque ela mostra algo talvez impensável quando se imaginam grupos organizados em apoio ao presidente: as críticas. Elas aparecem nos comentários, tanto da página como do grupo, especialmente em razão da sua condução da pandemia, mas não só.

Este tipo de comentário, em geral, desencadeia um extenso processo de conversação. Um determinado cidadão afirmou, nos comentários de uma publicação, que havia votado em Bolsonaro,

mas que agora aguardaria para ver a condução da pandemia pelo presidente, já que na sua cidade “tá morrendo pessoas em massa” (sic)²⁸. O comentário é de março de 2021, quando já se passava um ano do início da pandemia. Este comentário ensejou uma resposta crítica ao Supremo Tribunal Federal, cujos ministros são chamados de “bandidos” por, teoricamente, se contraporem à condução feita pelo Governo Federal. Este primeiro exemplo ilustra, de certa forma, um padrão que conseguimos perceber nos comentários desta categoria, denotando o tom radical empreendido por parte da base de Bolsonaro, externando simpatia com uma ruptura democrática (PRZEWORSKI, 2020; AVRITZER, 2019).

Avançando na análise, identificamos as críticas a Bolsonaro em quatro vertentes. As denominações foram criadas a partir da análise específica de comentários que nos remetiam a críticas a Bolsonaro e/ou ao seu governo. Inicialmente, parecia existir uma homogeneidade entre aqueles que criticavam o presidente, sobretudo porque os primeiros comentários que nos levaram a esta categoria diziam respeito a mensagens de frustração com a conduta do presidente especialmente no enfrentamento à pandemia.

Conforme mais mensagens críticas foram sendo observadas, percebemos que, na verdade, mesmo a vertente dos críticos não era uniforme. Por isso, criamos subcategorias que pudessem dar conta desta complexidade. Abaixo, listamos as quatro que conseguimos identificar a partir dos comentários lidos - já que nas publicações em si não foram percebidas quaisquer críticas ao presidente e ao governo, somente nos comentários.

Tabela 4 - Subcategorias a partir das críticas ao presidente e ao governo.

Subcategoria	Características	Palavras-chave
1. Iludidos e/ou ingênuos e/ou frustrados	Aqueles que gostariam que Bolsonaro fosse mais moderado e que tivesse atuado de outra forma na pandemia, como o exemplo citado acima, e que não governasse aliado ao sistema.	<ul style="list-style-type: none"> - arrependido - achei/pensei - mortos - pandemia - vacinas - filhos

²⁸ Todos os comentários, na íntegra ou em trechos, foram transcritos literalmente da sua fonte. Como eles apareceram em larga escala, não usaremos o (sic) a fim de não poluir o texto, mas frisamos que são transcrições literais.

Subcategoria	Características	Palavras-chave
2. Reflexivos diante do cenário econômico	Os que já mencionam reflexos da crise econômica para “desembarcar” do bolsonarismo, citando preços de gás e carne, por exemplo.	<ul style="list-style-type: none"> - inflação - preços - alimento - gás - economia
3. Radicais de extrema direita	Os que pedem que o presidente seja ainda mais radical, com interferência direta no Supremo Tribunal Federal, por exemplo, e a convocação das Forças Armadas para um golpe.	<ul style="list-style-type: none"> - STF - Forças Armadas - golpe - artigo 142 - poder - Congresso - sítio
4. Infiltrados	Aqueles visivelmente identificados com partidos e políticos de esquerda, além de expressões comuns em grupos e perfis de esquerda, e que entram em grupos e páginas bolsonaristas em geral para ironizar ações do presidente.	<ul style="list-style-type: none"> - Bozo - genocida - Lula - saudade - 2022

Fonte: o autor (2022).

A seguir, apresentaremos exemplos e contextualizações sobre cada grupo.

Os que se encaixam nas duas primeiras vertentes, que podem compor o grupo dos “arrepentidos/decepcionados”, costumam gerar mais engajamento em seus comentários, pois os apoiadores ainda alinhados ao presidente tendem a respondê-los, quase sempre de maneira crítica.

Eles não são vistos como figuras absolutamente estranhas aos ambientes da página e do grupo, como os **infiltrados**.

Entre os que compõem o primeiro grupo - **Iludidos e/ou ingênuos e/ou frustrados** - estão aqueles que apoiaram Jair Bolsonaro, explícita ou aparentemente identificados através dos comentários, e que esperavam um presidente mais moderado, em sua maioria. Ainda que não se possa afirmar com toda a certeza, integrantes deste grupo costumam construir narrativas que se aproximam dos chamados lavajatistas, aqueles que apoiaram Jair Bolsonaro em 2018 em uma onda supostamente contra a corrupção e que tinham no ex-juiz Sergio Moro e nos procuradores da Força Tarefa a sua grande inspiração²⁹.

A representação simbólica da Lava Jato foi central na eleição presidencial de 2018, especialmente pelos seus aspectos antissistema e antipetista, ambos aproveitados por Bolsonaro (LOPES, ALBUQUERQUE, BEZERRA, 2020). Para Albuquerque (2021), houve um legado político da Lava Jato, herdado por Bolsonaro naquele pleito. Relembremos, sempre, o fato do maior símbolo da Lava Jato, o então juiz Sergio Moro, ter integrado o governo Bolsonaro como ministro da Justiça e da Segurança Pública. Soma-se a isso o fato de declarações públicas de integrantes da Força Tarefa da Lava Jato confirmarem a preferência da “operação” pela candidatura do Bolsonaro contra Haddad no segundo turno (ALBUQUERQUE, 2021).

Entre os críticos “iludidos, ingênuos e/ou frustrados” também encaixamos, segundo nossa conclusão, eleitores mais identificados com a direita - e não necessariamente com a extrema direita, representada por Bolsonaro (referências). Aqui podem “morar”, entre outros, os órfãos do PSDB, que disputou a hegemonia política brasileira com o PT em todas as eleições entre 1994 e 2014 (AVRITZER, 2019). Embora não tenha nascido na direita, tampouco como voz do neoliberalismo no Brasil, o PSDB foi caminhando para este espectro, encampando uma agenda conservadora e um estado baseado na segurança a partir do policiamento ostensivo (EVANGELISTA, BRUNO, 2020). Em 2018, lembremos, Geraldo Alckmin era o candidato tucano. Sem empolgar a base que em 2014 deu 48,3% a Aécio Neves no segundo turno, Alckmin terminou a eleição com 4,76% dos votos válidos.

Também conseguimos enquadrar neste primeiro grupo os que citam a pandemia como motivo para desembarcarem do governo. A compra de vacinas aparece como um dos principais pontos citados pelos que criticam o governo. Em 17 de maio, uma publicação no grupo comemorava o fato

²⁹ Pelo recorte feito nesta pesquisa, não será possível aferir possíveis oscilações no padrão do grupo e da página após a filiação de Moro ao Podemos – e, depois, ao União Brasil - e sua possível candidatura à presidência. De igual forma, a filiação de Deltan Dallagnol, que coordenava a Força Tarefa da Lava Jato no Ministério Público Federal de Curitiba.

de o governo Bolsonaro estar há 867 dias “sem corrupção”. Um dos primeiros comentários à publicação afirmou: “QUE ÓTIMO! SÓ DEIXOU A DESEJAR NA COMPRA DAS VACINAS”, afirmando, ainda, que seria difícil explicar essa demora em 2022.

Como geralmente ocorre nestas situações, de críticas ao presidente em si ou ao governo, seus apoiadores mais fanáticos se voltam contra quem critica. O comentário acima teve sete respostas, entre elas “você é brasileiro?”, “sabe de nada inocente” e “a esquerda só olha o rabo deles”. Esse caso exemplifica o que Campos Mello (2020) identifica como a necessidade de se emplacar a sua versão dos fatos e também se aproxima do que Ribeiro e Ortellado (2018) chamam de “informação de combate”. Para a base bolsonarista mais radical, não importam os fatos, mas sim como eles serão encarados e que narrativas serão construídas sobre eles.

Outro comentário, na mesma seara, pedia que Bolsonaro tomasse rápidas atitudes para fechar aeroportos. Àquela altura, na metade de maio, pipocavam as primeiras informações sobre a variante Delta do coronavírus. Ainda na mesma publicação, mais um comentário fazia menção à gestão da pandemia: “milhões de doses da Pfizer recusadas”. Uma das respostas a este comentário dizia: “espere a sua vez de tomar a vacina, tá nervosa vai pescar”.

Além das mais de 626 mil mortes pela pandemia³⁰ e de todo o reflexo econômico, a Covid também acirrou as disputas federativas no país. Logo nas primeiras semanas, quando foram necessárias as medidas iniciais de isolamento, o plenário do STF teve de decidir a favor de estados e municípios, dada a inércia do governo federal em aplicar ou incentivar medidas de isolamento (SOUZA, FONTANELLI, 2020). As respostas às críticas à condução da pandemia pelo governo federal fazem alusão, em sua maioria, a esta decisão do STF, indicando que Bolsonaro teria ficado de “mãos atadas” e que todo o poder ficara com prefeitos e governadores. Segundo sua base, Bolsonaro até poderia querer agir de alguma forma, mas era impedido pela decisão do Supremo e pela dianteira tomada por prefeitos e governadores.

Nesse ponto, novamente há um entendimento alternativo, por parte da base de apoio do presidente, de que o Governo Federal foi o grande responsável por um suposto sucesso brasileiro no gerenciamento da pandemia. Na prática, o que se viu, desde o início, foram sucessivas quebras de protocolos sanitários por parte de Bolsonaro, ministros e outros apoiadores, como o não uso de máscara, a promoção de aglomerações e a posterior demora para a compra de vacinas contra a Covid. Na outra ponta, as medidas de isolamento, restrição de circulação e outros protocolos sanitários recaíram sobre prefeitos e governadores. Para a base digital de apoio a Bolsonaro, esses últimos

³⁰ Dados até 29 de janeiro de 2022, segundo o Consórcio de Veículos de Imprensa.

ajudaram a “quebrar o país”, novamente perfazendo a cartilha de se criar versões alternativas dos fatos e dando novos contornos a processos de desinformação (SOARES, VIEGAS, BONOTO, RECUERO, 2021; CAMPOS MELLO, 2020).

Com o avanço da vacinação ao longo de 2021, é difícil prever qual será o tamanho da influência da pandemia nas eleições de 2022. O relaxamento de medidas de restrição de circulação e sanitárias, como uso de máscara, percebidos a partir de fevereiro de 2022, podem indicar, em outubro, que a pandemia não será um tema central no debate eleitoral de maneira direta, já tendo ficado em um passado mais distante, ainda que seus reflexos econômicos possam aparecer de maneira mais proeminente.

Há, também, menções aos filhos do presidente como forma de criticá-lo. Em publicação de 19 de março, com uma foto de Bolsonaro e Michelle e uma convocação para mensagens de apoio ao presidente, um dos comentários foi “sou bolsonarista to pensando se vou votar ou não”, emendando com a decepção diante das suas atitudes “com relação a covid e sobre seus filhos”.

Assim como veremos na subcategoria **radicais de extrema direita**, temos dificuldade em afirmar, com base nas sinalizações dos comentários analisados, que este grupo estaria disposto a abandonar Jair Bolsonaro em 2018. Nossa conclusão é que parte destes comentários, daqueles que esperavam um Bolsonaro mais moderado, atento às necessidades da pandemia, vem de eleitores mais identificados com uma direita democrática, mas que, em nome do antipetismo, adentraram no barco bolsonarista em 2018.

A categoria **Reflexivos diante do cenário econômico** congrega, especialmente, pessoas que se voltam contra a alta dos preços de itens básicos, como alimentação e energia elétrica³¹. Diferentemente do grupo anterior, este, segundo o que pudemos ler e analisar, pode representar as maiores baixas entre os bolsonaristas se compararmos 2022 com 2018. As críticas aparecem espalhadas em comentários da página e, sobretudo, do grupo. Em *post* de 16 de maio no grupo, com uma foto de Michelle Bolsonaro exaltando seu papel como primeira-dama, um comentário criticou a situação econômica do país e as medidas do governo - gerando críticas, novamente, de outros participantes. “BOLSONARO ESTA DEIXANDO MUITO A DESEJAR”, iniciou o texto de 12 linhas que menciona preço dos combustíveis, falta de reajuste do salário mínimo e alta no preço de medicamentos.

³¹ Em janeiro de 2021, o IPCA (índice oficial da inflação no Brasil) era de 4,52%. Em janeiro de 2022, de 10,06%. Fonte: <https://br.investing.com/economic-calendar/brazilian-cpi-410> Acesso em 30 jan. 22.

As respostas ao comentário citam, como o habitual, o STF e o Congresso como culpados. “Precisa pesquisar melhor as informações que lhe foram apresentadas” e “é bom se informar antes de se pronunciar” aparecem como sugestões de apoiadores do presidente. “Sempre foi assim e até pior e ninguém reclamava”, contenta-se outro integrante do grupo.

Este comentário crítico e as respostas a ele sustentam dois padrões de enfrentamento, especialmente no grupo: primeiro, a tentativa de invalidar as críticas afirmando que a pessoa está desinformada, que as verdadeiras informações não estão chegando até ela; segundo, que STF e Congresso, nesta ordem, são inimigos do povo brasileiro e instituem amarras do governo de Bolsonaro, refletindo na conjuntura econômica. Ou seja, Bolsonaro não tem culpa de nada: juízos críticos são formados a partir de informações falsas e as instituições trabalham contra o governo e contra o país.

Nossa pesquisa não dá conta de dimensionar algumas questões importantes quando se pensa em crises econômicas e desigualdades sociais. Não sabemos, por exemplo, onde moram os agora descontentes com o governo Bolsonaro, se estão desempregados, qual sua renda, qual sua cor e gênero, etc. Ainda que o Auxílio Emergencial tenha sido importante e crucial para neutralizar o aumento inicial da crise, conforme apontam Pires, Carvalho e Rawet (2020), os reflexos econômicos se estendem num prazo superior ao das parcelas pagas, encerradas em dezembro de 2021³².

É possível afirmar, com base em comentários das publicações mapeadas, que as categorias 1 e 2, em diversos momentos, se complementam. Aqui, elas aparecem em separado porque nem todos os comentários que citam uma certa frustração com o presidente e o governo mencionam o cenário econômico como um dos motivos.

Há, inclusive, comentários que poderiam estar nas duas categorias. Um exemplo está em comentários deixados em uma publicação de 17 de abril na página *SOMOSTODOSBOLSONARO*. O *post* original ressaltava que a base de apoio de Bolsonaro continuava o apoiando e que o presidente era perseguido, além de ressaltar a figura de Deus. Um dos comentários pediu: “NÃO IDOLATRE POLÍTICOS (de esquerda ou de direita)”. No mesmo comentário, críticas à mistura de política e religião e à transformação de políticos em heróis. Novamente, a crítica gerou uma extensa conversação, com nove outros comentários, um deles pedindo que se ore pelo Brasil.

³² Fonte: [https://www.istoedinheiro.com.br/auxilio-emergencial-chega-ao-fim-e-deixa-22-milhoes-sem-beneficio/#:~:text=Aux%C3%ADlio%20Emergencial%20chega%20ao%20fim%20e%20deixa%202022%20milh%C3%B5es%20sem%20benef%C3%ADcio,-Aux%C3%ADlio%20Emergencial%20faz&text=Depois%20de%2019%20meses%20e,dezembro%20neste%20domingo%20\(31\)](https://www.istoedinheiro.com.br/auxilio-emergencial-chega-ao-fim-e-deixa-22-milhoes-sem-beneficio/#:~:text=Aux%C3%ADlio%20Emergencial%20chega%20ao%20fim%20e%20deixa%202022%20milh%C3%B5es%20sem%20benef%C3%ADcio,-Aux%C3%ADlio%20Emergencial%20faz&text=Depois%20de%2019%20meses%20e,dezembro%20neste%20domingo%20(31).). Acesso em 30 jan. 22.

Esta mesma pessoa, em um segundo comentário, lembrou frases do presidente ditas durante a pandemia, como “sou Messias, mas não faço milagres” e “não sou coveiro”, além de citar “uma pandemia com milhares de mortos”. Pelo fato de não haver um endosso a Lula, PT ou à esquerda, não categorizamos esses comentários como de alguém **infiltrado**, embora uma das respostas tenha pedido que a pessoa vá “procurar seu grupo de esquerda para dar opinião”.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, também é mencionado em comentários que citam a situação econômica do país. Em um deles, feito em publicação de 19 de março na página, um apoiador de Bolsonaro pediu que o presidente tivesse atenção quanto ao ministro Paulo Guedes, pois “dólar alto prejudica muito o Brasil” e que “só é bom aos bilionários exportadores”. O apoiador pede que o presidente acorde e finaliza: “votou no senhor e não no Guedes”.

Esta subcategoria escancara as disputas da base bolsonarista em torno, inclusive, da pobreza dos brasileiros. Se de um lado há depoimentos que mostram uma situação econômica sensível, de outro existem os que menosprezam a situação do país e ignoram a realidade a fim de manter inalterada sua defesa do presidente e de seu governo.

Os que compõem o grupo que identificamos como **Radicais de extrema direita** apresentam variadas opiniões em publicações e comentários. Em comum, sua gênese antidemocrática. Especialmente em capturas feitas entre abril e maio de 2021, percebemos externalizações que passam pelo uso das Forças Armadas como suporte para um golpe, até a destituição de ministros do STF.

Em 24 de abril, um conteúdo do site *News Atual* foi publicado no grupo. A manchete dizia: “‘Nós temos o plano de como entrar em campo’, diz Bolsonaro sobre uso das Forças Armadas”. Os 680 comentários são praticamente uniformes na linha de pedir ao presidente que realmente coloque o tal plano em prática. “Presidente pelo amor de Deus, não deixa que tenha lockdown, por favor coloca o exercito nas ruas”, “já passou da hora de invadir o STF” e “o povo de bem aguarda ansioso por esta decisão” são exemplos.

O tom crítico, nesses casos, fica por conta do entendimento de que falta uma ação mais enérgica por parte de Bolsonaro. Ou seja, aqueles que conseguimos enquadrar nesta subcategoria possivelmente não deixarão de apoiar Bolsonaro e votarão nele em 2022.

Em outra publicação do grupo, também do final de abril, há comentários como “o mito está demorando para tomar atitude, 142 já”. O comentário faz referência ao artigo 142 da Constituição Federal, que trata sobre a convocação das Forças Armadas para a defesa nacional.

As publicações da página e do grupo, em geral, acompanham posicionamentos do presidente e de seu entorno mais próximo, como os filhos e as deputadas federais Carla Zambelli (SP) e Bia

Kicis (DF). Em maio de 2021, por exemplo, ainda dentro do período mapeado para esta pesquisa, uma das grandes pautas da base bolsonarista foi a defesa do voto impresso e auditável. Em 6 de maio, Bolsonaro afirmou que o Brasil não teria eleição caso o voto impresso não fosse adotado³³. A pauta do voto impresso só teve um desfecho com a rejeição da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) no plenário da Câmara dos Deputados, em 10 de agosto, com apenas 229 votos favoráveis³⁴ - 79 a menos que o necessário.

Em maio, a partir da fala de Bolsonaro sobre o país não ter eleições em 2022, o assunto entrou de vez na pauta de sua base de apoio organizada nas plataformas. No grupo *Bolsonaro - Eu Apoio*, no Facebook, *post* de 17 de maio, com um link do *News Atual*, dizia que o STF “bola estratégia para sabotar o voto impresso e auditável”. A publicação enseja 571 comentários, todos contrários ao Supremo. O tom majoritário, mais uma vez, era de que o STF atrapalha o país, não deixa o presidente governar e está arquitetando um golpe nas eleições para que Lula possa voltar à presidência. Junto a isso, o entendimento de que Bolsonaro precisava agir, que deveria parar de apenas “ameaçar”.

Nestas publicações, apareceram comentários como “a guerra civil vai colocar a casa em ordem”, “urubus na área !!!!!”, “urubus de tóga e me perdoe os urubus”, “são comunista”, “é família P T” e “já passou da hora de prender esta quadrilha”.

Em publicação de 3 de abril no grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, que perguntava aos participantes a sua avaliação do governo, um comentário afirma que “está faltando pulso forte para exigir que o STF mude as atitudes inconstitucional que estão tendo”. Outro exemplo é um comentário que pedia ao presidente para que tomasse logo uma atitude, em relação explícita ao fechamento do STF e do Congresso, ou “renuncia logo essa porra de mandato”.

“É revoltante saber que o presidente tem o poder e não faz nada. Infelizmente estou decepcionado”, foi um dos comentários a uma publicação de 24 de março, feita na página, na qual pregava contra as instituições, aqui chamados de “bando de canalhas”, e afirmava que Bolsonaro estava “amarrado”, sem conseguir “consertar o país”. Na mesma publicação, outro comentário vai na linha de que Bolsonaro estava errado em “não tomar uma atitude”: “E REVOLTANTE VER O BRASIL A BEIRA DO CAOS E SEU PRESIDENTE SO’ DE BLABLABLA”.

Um outro grupo, que não conseguiremos incluir entre os “arrependidos/decepcionados”, é formado por pessoas aparentemente identificadas com pautas da esquerda ou, ao menos, críticas a

³³ Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/se-nao-tiver-voto-impresso-nao-tera-eleicao-diz-bolsonaro-a-barroso/> Acesso em 25 dez. 2021.

³⁴ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/10/em-derrota-para-bolsonaro-camara-rejeita-e-arquiva-pec-do-voto-impresso.ghtml> Acesso em 25 dez. 2021.

Bolsonaro sem terem se alinhado a ele algum dia, formando a quarta vertente, cujos membros chamamos de **infiltrados**.

Essa conclusão baseia-se no tipo de comentário dessas pessoas, que estão tanto no grupo fechado como na página. São comentários ora irônicos e debochados, ora afrontosos e críticos de maneira direta. Por exemplo: em uma publicação do final de março, no grupo, que trazia o link de uma matéria na qual Bolsonaro afirmava que 2021 seria o ano da vacinação contra a Covid no Brasil, um comentário afirmava, entre outras coisas, que “depois de tantas mortes ele vai dizer que nunca foi contra a vacina”. Como resposta, o comentário de outra pessoa dizendo “vai ta o gado aqui falando mito”. Especialmente o uso da palavra *gado*, denominação utilizada por grupos contrários ao presidente para se referir à sua militância, é o que nos faz encaixar comentários como este tendo partido de um infiltrado.

Outro exemplo é um comentário em *post* de 17 de abril na página. A publicação traz uma foto de Bolsonaro em frente a uma mesa que tem toalha “de pimentinha, gambiarra na luz, caneta BIC, uma raquete mata mosquito, uma jarra \$ 1.99”, segundo texto da própria publicação. Ao fundo, o filho 02, Carlos Bolsonaro. Um dos comentários diz que “pensei que ia falar do Carlucho com o celular na mão”, citando, também, que ele se assemelhava a Steve Bannon, o estrategista de Donald Trump e inspiração para os Bolsonaro³⁵.

Via de regra, em comentários desses perfis, a base bolsonarista se volta em peso para os comentários, respondendo, criticando e ironizando. No exemplo citado acima uma das respostas continha imagem com a frase “chora petista”. Não raro essas interações aparecem entre as mais relevantes, basicamente em função da alta taxa de interação na comparação com os demais comentários.

No início de abril, também no grupo, uma publicação afirmava que o cantor Latino abrirá apoio ao presidente. Aliás, em mais uma matéria do site *News Atual*, o portal bolsonarista mais compartilhado neste grupo. Foram 9,9 mil curtidas e 786 comentários. Entre eles, o comentário que apresentava a montagem com uma foto do triplex do Guarujá (que seria de Lula, segundo o processo da Lava Jato invalidado pelo STF) e o valor de R\$ 2,2 milhões, supostamente correspondente ao imóvel. Abaixo, na montagem, uma foto de Bolsonaro com o seguinte: “Férias de 19 dias: R\$ 2,4 milhões”. O autor do comentário pode ser visto como um infiltrado. Usando de ironia, ele afirma que “a esquerda maldita não deixa o presidente em paz” e que ficam de olho no presidente “só porquilha

³⁵ Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html> Acesso em 25 dez. 21.

ele gasto 2 milhões em 19 dias de férias”. Seguiu-se uma conversa com 11 respostas entre o autor do comentário e defensores do presidente.

O caso acima revela que os infiltrados não apenas utilizam a estratégia de falar bem de Lula, por exemplo, ou de apenas xingar Bolsonaro. Também há situações, como a que relatamos acima, em que são pautadas contradições e erros do presidente e do governo, confrontando a base bolsonarista com fatos que, pelo que percebemos nesta página e neste grupo, realmente não fazem parte de suas “linhas editoriais”.

Em outra publicação, do começo de maio, um link, novamente do *News Atual*, foi compartilhado no grupo com a notícia de que o cantor Róger Moreira, da banda Ultraje a Rigor, afirmara que Lula não havia chorado na hora de roubar. Um comentário dizia “Lula ladrão mal caráter” e a uma resposta “LULA É O CARA FUTURO PRESIDENTE”. Novamente, a discussão se estendeu de maneira mais acalorada.

Há, também, um pequeno grupo de difícil enquadramento, formado por aqueles que criticam o presidente Jair Bolsonaro sem se aproximarem de estratégias de outros grupos que identificamos anteriormente. É o caso do comentário nesta mesma publicação sobre Róger Moreira, que dizia “Bolsonaro pior Presidente de todos os tempos”.

Publicação de 19 de março, na página, fazia um questionamento: “Sabe aquele sentimento de arrependimento de ter votado em Bolsonaro? Nunca tive!!!!”. Entre as publicações que analisamos, esta foi uma das que mais teve a participação de infiltrados. Menções à situação econômica - como preço do gás e dos alimentos - e sobretudo à pandemia predominaram. Abaixo, uma das imagens utilizada em comentários, com a palavra *GENOCIDA* sobre o rosto do presidente, em uma ilustração.

Figura 1 - Print de comentário em publicação da página SOMOSTODOSBOLSONARO, no Facebook



Fonte: Facebook.

A categoria das **Críticas a Bolsonaro**, como já dissemos, foi a que mais nos chamou a atenção, quando identificadas as primeiras mensagens que destoavam de um coro uníssono de apoio ao presidente. É fato que Bolsonaro não mantém como apoiadores os 57 milhões de brasileiros que o elegeram presidente. Pesquisas de avaliação do governo e de intenção de voto, divulgadas em dezembro de 2021, mostram que seu apoio estava estagnado³⁶, na casa dos 20%. Já em março de 2022, o presidente demonstra reação em sua popularidade, segundo o *Datafolha*³⁷.

No entanto, há um certo caráter de excentricidade na visualização de mensagens críticas ao presidente em espaços digitais que teoricamente seriam somente de apoio - e possivelmente o foram, em 2018, durante as eleições. O que vimos aqui, porém, é a constituição de um movimento de dissidência que, assim como a base de apoio do presidente, não é homogênea.

Ainda que a quantificação destes comentários dissidentes não seja nosso objetivo central, analisamos 400 comentários de duas publicações da página e duas do grupo - os 100 comentários mais relevantes de cada *post*. O objetivo foi identificar, ainda que por amostragem, o percentual das críticas a Bolsonaro na página e grupo analisados, dentro do período recortado: 17 de março a 17 de maio de 2021.

Aqui cabe destacarmos, antes de adentrarmos nos números, que a definição de comentários como *mais relevantes* é feita pelos algoritmos do Facebook. Pela política da plataforma, comentários

³⁶ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/12/14/reprovacao-ao-governo-bolsonaro-chega-a-55percent-aponta-pesquisa-ipecc-approvacao-e-de-19percent.ghtml> Acesso em 8 jan. 2022.

³⁷ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/03/24/datafolha-lula-tem-43percent-no-primeiro-turno-contra-26percent-de-bolsonaro.ghtml> Acesso em 10 abr. 2022.

tendem a ser relevantes se forem feitos por perfis/páginas verificados, por amigos ou se tiverem curtidas/respostas. Portanto, a visualização de comentários mais relevantes pode variar entre duas pessoas, ainda que a busca seja feita no mesmo momento.

Nesta análise, especificamente, excluímos os comentários que, entre os 100 primeiros de cada publicação, não denotavam uma opinião sobre Bolsonaro e/ou seu governo. Isso ocorreu porque comentários que, por exemplo, tratavam de outros assuntos, poderiam atrapalhar a definição de um percentual mais fidedigno de críticas *versus* apoios. A escolha deste tipo de publicação para o estabelecimento dos percentuais abaixo se deu porque percebemos que é principalmente nestes *posts*, que pedem ou permitem, de maneira mais evidente, a externalização de opiniões sobre Bolsonaro e o governo, que as críticas são vistas.

A identificação das publicações mais propensas a nos oferecer tal material para análise ocorreu também de maneira manual: a partir do clique em cada *print*, identificamos se se tratava de uma publicação que poderia ensejar opiniões dos curtidores da página ou participantes do grupo. As escolhidas foram as que primeiro aparecem em busca manual aleatória.

A partir da análise dos comentários, formulamos a tabela abaixo.

Tabela 5 - percentual de críticas e apoios na página e no grupo a partir da análise de quatro posts.

Local	Data do post	Título da imagem do post	Total curtidas	Total comentários	% apoio	% críticas
Página	17/3	“Avalie o governo Bolsonaro: bom ou ruim.”	19 mil	2,4 mil	70%	30%
Página	13/5	“Quem estará ao lado do nosso presidente em 2022? #eu”	7,8 mil	1,7 mil	93%	7%
Grupo	3/4	“Pesquisa rápida: você está satisfeito com o governo Bolsonaro?”	8,6 mil	6,4 mil	97%	3%
Grupo	17/5	“É Bolsonaro 2022?”	2,5 mil	1,2 mil	99%	1%

Fonte: o autor (2022).

A tabela acima nos mostra que o percentual de críticas a Bolsonaro, em publicações de uma página e de um grupo de apoio, é variável. Entre o ápice de comentários críticos identificados e o mínimo, temos uma diferença de 29 pontos percentuais. Isso corrobora com nosso entendimento de que, manualmente, não é possível chegar a um percentual que não nos deixe dúvidas sobre o tamanho da dissidência bolsonarista em sua base de apoio organizada através das plataformas.

Algumas questões se sobressaem para isso, em nossa avaliação:

- os que apoiaram Bolsonaro em 2018 e em 2022 não votarão nele podem simplesmente ter parado de curtir páginas de apoio e saído de grupos semelhantes;
- eleitores que não apoiarão Bolsonaro em 2022 podem já estar engajados em campanhas de outros candidatos, como Sergio Moro, e, com isso, visualizam menos *posts* de apoio a Bolsonaro;
- apoiadores arrependidos podem ter medo ou vergonha de exporem suas opiniões críticas ao presidente em grupos e páginas de apoio;
- eventuais comentários críticos podem não ser elencados como *mais relevantes*, fugindo de nosso recorte de análise;

Abaixo, mostramos os *prints* das duas publicações da página que analisamos para a definição dos percentuais. Como elas são feitas, obrigatoriamente, pelos administradores da página e não aparecem em nome de qualquer pessoa física, entendemos que poderiam estar neste trabalho - isso não acontece no grupo e, por isso, não mostraremos publicações dele. Mais à frente, no item 5.3, veremos que este tipo de *post* gera engajamento acima dos demais para a página e que não é incomum que publicações semelhantes sejam feitas em dias próximos, inclusive com os mesmos *cards*.

Figura 2 - Print de publicação de 17 de março de 2021 da página SOMOSTODOSBOLSONARO



Fonte: Facebook.

Nesta publicação, de 17 de março, a marcação do *amei* (15 mil) ou do *triste* (322) também era uma forma de expor a opinião sobre o governo Bolsonaro. Analisando apenas este dado, o percentual de críticas é de 2,15%. O *post* abaixo, de 13 de maio, foi o segundo avaliado. Ele traz a pergunta “quem estará ao lado do nosso presidente em 2022?” e, imediatamente, a #eu.

Figura 3 - Print de publicação de 13 de maio de 2021 da página SOMOSTODOSBOLSONARO.



Fonte: Facebook.

No caso das publicações do grupo, uma delas foi feita por um moderador e outra por um participante. Como estão atreladas a pessoas físicas, não traremos aqui os *prints*.

Ao final desta primeira análise sobre os críticos de Bolsonaro, cabe a problematização sobre até onde essas opiniões são capazes de impedir um segundo voto no presidente, em 2022. No caso dos radicais que rotulam Bolsonaro como moderado, é pouco provável o voto em outro candidato. No entanto, sobre os reflexivos e os iludidos incide, de maneira mais proeminente, a teoria da crença de massa (CONVERSE, 1964 *apud* FIGUEIREDO, 2008). Esta teoria prevê, em resumo, que existe um campo de atitudes e afinidades capaz de definir as afetações dos eleitores, ancorado na “cristalização de um sistema de crenças políticas” (FIGUEIREDO, 2008, p. 29).

Há, porém, uma maleabilidade deste sistema de crenças permissiva a alterações que podem não guardar coerências e uma continuidade de entendimentos de longo prazo. Isso, para Converse (1975 *apud* FIGUEIREDO, 2008), depende do quão central é a motivação política na vida de cada cidadão, na medida em que, para ele, o sistema de crenças não é suficientemente estruturado a ponto de permitir previsões mais longínquas.

Os exemplos que apresentamos acima, todos do período de março a maio de 2021, podem apenas indicar insatisfações deste período, sem que seja possível, a partir destes, produzir inferências

sobre períodos anteriores ou posteriores. Para fins de aferição de movimentos com vistas às eleições, seria necessário voltar aos mesmos grupo e página neste ano, preferencialmente já durante a campanha eleitoral.

5.2.2. As demais categorias e os sentidos que delas emergem

Apesar de aqui destacarmos comentários de eleitores de Bolsonaro descontentes com seu comportamento, eles compõem um grupo de exceção nos espaços e período observados para esta pesquisa. No entanto, eles têm, em nossa avaliação, um valor simbólico por romperem com uma ideia de que nesses espaços há somente concordância com as atitudes do presidente.

O alinhamento às atitudes do presidente da República é muito maior. Menções à sua suposta honestidade e a um referido fatídico retorno do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder são constantes. Por isso uma das categorias que nomeamos foi a **Elogios a Bolsonaro e ao governo**. Sem dúvida ela congrega a maior parte dos comentários que estamos analisando.

Essas menções também se relacionam com a categoria **STF e golpe**. A base bolsonarista, que já adotava postura crítica ao Supremo Tribunal Federal especialmente desde o início da pandemia e da instauração do inquérito das Fake News³⁸, voltou-se contra a Corte em março e abril de 2021, de maneira intensa, após decisões que beneficiaram o ex-presidente Lula. Primeiro, em 8 de março, com a decisão monocrática do ministro Edson Fachin de anular as sentenças que pesavam sobre Lula na Operação Lava Jato. Depois, em 23 de março com o reconhecimento da parcialidade do ex-juiz Sergio Moro pela Segunda Turma do STF no julgamento da ação envolvendo o triplex do Guarujá, objeto da primeira condenação de Lula na Lava Jato.

Importante frisarmos que há diferença de sentidos entre aqueles que criticam Bolsonaro por não executar um golpe de estado e os que simplesmente defendem um golpe. A defesa de uma ruptura democrática, vinda dos apoiadores de Bolsonaro, acompanhada de críticas a uma conduta avaliada como complacente por parte do presidente, está aqui enquadrada na categoria dos **críticos**.

Um *post* de 24 de março, da página *SOMOSTODOSBOLSONARO*, dizia que Moro era um juiz concursado e foi declarado parcial, ao passo que Ricardo Lewandowski e Cármen Lúcia, integrantes da Segunda Turma que, com Gilmar Mendes, formaram maioria contra Moro, foram “nomeados pelo réu”. Os ataques, aqui, centraram-se contra Lula, o PT e o STF. Um dos comentários

³⁸ Inquérito que corre no STF, sob a relatoria de Alexandre de Moraes, que investiga possíveis crimes contra as instituições pela disseminação de conteúdo de ódio na internet. Mais em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/6-pontos-para-entender-a-investigacao-de-fake-news-no-stf-que-chegou-a-bolsonaro/> Acesso em 23 jan. 22.

também afirmava que a esquerda não mais precisava se manifestar nas ruas, já que “deixaram por conta dos militantes canalhas do STF”. Este mesmo comentário, que figurava entre os cinco principais da publicação no momento da coleta, também afirmava que “(os ministros do STF) nunca foram juízes e sim uma fortaleza ao serviço do crime organizado” (sic).

Nesta categoria, o sentido dos comentários varia, ora com críticas centradas ao STF, ora ao próprio Bolsonaro por supostamente não estar agindo como sua base gostaria. A palavra “golpe” aparece na nomenclatura da categoria por ter relação, a partir do que entendemos, com as aspirações da base de apoio do presidente em relação às instituições democráticas. Comentário a uma publicação da segunda semana de abril, no grupo, pedia “intervenção militar com Bolsonaro no governo”

As aspirações antidemocráticas do presidente por certo encontram eco na sua base. Os pedidos de “autorização” foram respondidos à altura das intenções do presidente. Na página *SOMOSTODOSBOLSONARO* e no grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, objetos desta pesquisa, as “autorizações” foram incontáveis, especialmente na segunda quinzena de abril de 2021. Num movimento de propagação, a *hashtag* #EUAUTORIZOPRESIDENTE seguia sendo utilizada mesmo dois meses depois, inclusive a partir de contas inautênticas, conforme evidenciou o site Bot Sentinel³⁹, que monitora a presença de *bots* no Twitter.

Um dos *posts* com maior número de comentários mapeados em abril de 2021 na página trata exatamente da suposta “autorização” para Bolsonaro “agir”. Sabidamente, esta ação ensejaria a adoção de medidas anti-democráticas. A publicação tem 15 mil curtidas, 2,4 mil comentários e 5,8 mil compartilhamentos. Ela traz uma imagem com as cores amarela, verde e azul, um logo com sinal positivo e os dizeres: *Eu autorizo presidente*. Na mesma imagem: *Este é o sinal do povo: autorizado para agir*. A leitura dos comentários evidencia as mais diversas alternativas vistas pela base bolsonarista para se “agir” contra as instituições, especialmente ocupar as ruas. As principais respostas pedem que o povo saia às ruas, em união, “para não chorar depois”.

O que se vê, a partir de publicações como essa, é também a disputa pelo sentido de palavras como democracia e golpe. “[...] próximo passo urnas frandaddas o Galpe já está dando certo” foi um dos comentários com maior engajamento na publicação. Percebe-se, nele, que a acusação de golpe se direciona aos “outros”, no caso, possivelmente ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), instância máxima da justiça brasileira para gerenciar eleições e julgar processos eleitorais. Isso pôde ser visto, de maneira mais evidente, em manifestações do dia 7 de setembro de 2021, que não são objeto direto de análise nesta pesquisa.

³⁹ Fonte: <https://twitter.com/BotSentinel/status/1388587693425168401> Acesso em 29 jun. 21.

Conforme pontua Runciman (2019), os golpes do século 21 ocorrem com o uso de estratégias que dificultam a identificação de um antes e um depois. A corrosão do regime democrático, entende Mounk (2018), se dá pelos governantes eleitos. “[...] pedir intervenção militar com Bolsonaro no poder” também figura entre os dez comentários mais relevantes da publicação que citamos. “[...] intervenção militar para limpar toda essa sujeira do supremo” aparece logo adiante.

A categoria **Pandemia** está presente, também, em comentários enquadrados em outras categorias. Aqui, porém, destacamos comentários mais específicos sobre a gestão da pandemia no Brasil. A partir dos *posts* observados e coletados, podemos afirmar que o sentimento majoritário entre os bolsonaristas é o de que o presidente Jair Bolsonaro fez tudo o que podia. Contudo, o STF teria imposto amarras à atuação do Planalto, deixando as responsabilidades a cargo de governadores e prefeitos.

Esse entendimento começou a vigorar entre a base de apoio do presidente a partir da decisão do plenário do STF, em 15 de abril de 2020, que permitiu que estados e municípios também impusessem medidas de isolamento em função da pandemia. Tal decisão, de maneira monocrática, já havia sido tomada em 8 de abril do mesmo ano pelo ministro Alexandre de Moraes - um dos principais alvos dos ataques nas redes bolsonaristas. Por isso, a categoria **STF e golpe** se relaciona com a **Pandemia**.

Os comentários dos apoiadores de Bolsonaro sobre a pandemia ignoram, por exemplo, todas as desigualdades que se evidenciaram durante a pandemia, como problemas em testagem e, depois, na vacinação, além dos reflexos econômicos mais agudos exatamente sobre a população mais pobre (PIRES, CARVALHO, RAWET, 2021).

As menções aos ex-presidentes petistas Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, além do PT em si, são constantes e atemporais no grupo e na página observados. Por isso denominamos uma categoria como **Lula e PT**. Há, no entanto, picos que se relacionam com a factualidade. As decisões do STF, de março e abril de 2021, citadas anteriormente, colocaram Lula de volta ao jogo político com possibilidades de candidatura em 2022, algo que, até então, não era possível em função do seu enquadramento na Lei da Ficha Limpa, oriundo de condenação em segunda instância de janeiro de 2018. Em 15 de abril, o STF confirmou a decisão anterior de Fachin - sobre a anulação das condenações pela Justiça Federal de Curitiba (ou seja, por Sergio Moro - e ratificou a possibilidade de Lula concorrer no próximo pleito.

Um dia antes da decisão do plenário do STF que confirmou a anulação das condenações de Lula, Bolsonaro afirmou que aguardava uma “sinalização do povo” e que “estamos na iminência de

ter um problema sério no Brasil”, referindo-se ao STF. As frases foram ditas a apoiadores, no chamado *Cercadinho do Alvorada*. Na noite do dia 15, após a confirmação da decisão sobre Lula, o caso repercutiu na página analisada nesta pesquisa. Não faltaram “sinalizações”, como “intervenção Militar que prenda os ministros e governadores” e “nós estamos sinalizando desde que votamos no senhor”. Este último comentário pode ser lido como resposta ao pedido de “sinalização” e “autorização”, feito por Bolsonaro no dia anterior.

A base bolsonarista também se volta frequentemente contra **Governadores, prefeitos e novos inimigos**, categoria que se relaciona com a **Pandemia**.

A generalização aparece ao mesmo tempo em que determinadas figuras despontam como os preferidos para as críticas, como João Dória, governador de São Paulo. As críticas dos bolsonaristas ocorrem basicamente pelo entendimento de que governadores e prefeitos, de maneira generalizada, fazem oposição ao presidente Bolsonaro por adotarem medidas de restrições de circulação e de atividades econômicas nos seus estados e municípios durante a pandemia.

Na contramão, mesmo nos períodos de maior infecção, internações e mortes por Covid-19 no Brasil, o presidente sempre defendeu o funcionamento das atividades econômicas, ignorando a necessidade de se conter a circulação e o contato entre as pessoas. Uma das armas da claqué bolsonarista, evidenciada em comentários e publicações na página e grupo aqui analisados, é a do repasse de verbas pelo Governo Federal para ajudar no custeio da saúde em estados e municípios. Os ataques, neste aspecto, também se voltam, mais uma vez, ao STF, por ter dado autonomia a prefeitos e governadores na gestão das medidas de enfrentamento à pandemia. O exemplo abaixo identifica até alvos que figuram entre os mais alvejados pela claqué bolsonarista: o governador João Dória (SP), o governador Eduardo Leite (RS) e o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kahlil – os três renunciaram a seus cargos para possivelmente disputarem as eleições de 2022.

Adorações religiosas também se constituem como uma marca da militância bolsonarista nas plataformas digitais, perfazendo a categoria **Religião**, que elencamos como uma das oito frentes de atuação da rede apoiadora do presidente. Nosso monitoramento mostra que há publicações criadas especificamente para exaltar Deus, Jesus e afins, além de comentários com tais menções em outras publicações. Chama a atenção o padrão que inclui os *emojis* de duas mãos juntas, como se estivessem rezando, junto à bandeira do Brasil. Ou seja, fica evidenciada uma certa complementação entre nacionalismo e religião.

Em um *post* do período observado é possível perceber que um dos alicerces do bolsonarismo é, de fato, a militância religiosa. No *post*, Bolsonaro aparece sentado, sem máscara, em um espaço

que aparenta ser uma igreja. Pelos sinais das três mulheres da foto, imaginamos ser uma igreja evangélica. Os comentários mesclam texto e imagens, com montagens que chegam a colocar Bolsonaro como sendo “guiado por Deus/Jesus” e como São Jorge.

As imagens abaixo foram extraídas dos comentários. Como elas foram usadas diversas vezes, por pessoas distintas, entendemos que poderiam estar neste trabalho de maneira exemplificativa, já que não pertenciam a apenas uma pessoa e, portanto, não há a possibilidade de identificar o(a) autor(a).

Figura 4 - Imagens de comentários com referências religiosas.



Fonte: Grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, no Facebook.

No começo de abril, também no grupo, uma publicação mostra Bolsonaro e sua esposa, Michelle Bolsonaro, ajoelhados, aparentando estarem orando. O texto que acompanha a foto afirma que o chefe maior da nação havia entendido que não era maior que deus e que, por isso, “inimigo nenhum, conseguirá derruba-lo” (sic).

5.3. O que têm em comum os *posts* com mais comentários?

Ao longo do período de um mês compreendido entre 17 de março e 17 de abril, 509 publicações foram feitas na página *SOMOSTODOSBOLSONARO*. Elas nos deram a base para os primeiros movimentos de análise desta pesquisa. Neste item, focamos especificamente nas publicações de maior engajamento da militância bolsonarista. Nosso recorte contempla as publicações que tiveram mais de 10 mil comentários. Foram quatro no período analisado. Elas

chamam a atenção, inicialmente, por um aspecto: o do chamamento à manifestação do público da página a opinar sobre o governo Bolsonaro ou sobre as eleições de 2022.

Figura 5 - Prints de 17 e 18/3/21, ambos com mais de 10 mil comentários



Fonte: Facebook.

A primeira publicação, que pergunta sobre um possível novo voto em Bolsonaro, gera disputa de sentidos nos comentários entre os que se mantêm fiéis ao presidente e os “arrependidos”, que agora formam coro contra o presidente. Entre os dez primeiros comentários mostrados pelo Facebook como os mais relevantes, quatro manifestam apoio em 2022, sem contestações; três afirmam que não votarão novamente em Bolsonaro; dois impõem condições - como “enfrentar esses governadores” e “salvar o Brasil primeiro”; e um pediu a liberação do 13º salário para aposentados.

No segundo *post* não houve eleitores completamente contrários a Bolsonaro entre os primeiros dez comentários. Sete avaliaram o governo como “ótimo”; três, como bom. Aqui a uniformidade fica por conta das críticas diretas ao Supremo Tribunal Federal, visto como empecilho ao progresso do país. Dois eleitores, aparentemente, deixaram de avaliar o governo como ótimo exatamente pela falta de ação do Planalto em relação ao STF, conforme transcrevemos: “2, *deveria ser valente no tocante ao que concerne o stf, ele tem o apoio do povo, só isso já basta para dar fim neles!*” e “2, *diria que seria ótimo, se ele fizesse o que a constituição lhe permite, que conter esses MM do STF, arrebrandando com a nação!*” Esses comentários, juntos, têm 262 likes.

Os outros dois comentários também vão nesta mesma linha, conforme prints abaixo. Inclusive o de 2 de abril é igual ao de 18 de março. Possivelmente os administradores da página têm ciência de que este tipo de publicação gera mais comentários.

Figura 6 - Prints de posts de 2 e 15/4/21



Fonte: Facebook.

Na publicação de 2 de abril, na qual novamente a página pergunta a avaliação sobre o governo Bolsonaro, sobressaem-se comentários com narrativas anti-democráticas. Não as enquadrámos assim por terem tão somente críticas a governadores, prefeitos, STF e Congresso Nacional, mas sim pela defesa de fechamento de instituições, golpe militar e concentração de poder unicamente na mão do presidente da República.

A militância bolsonarista, nesta publicação - assim como em outras já trazidas neste trabalho -, avalia o governo como ótimo, mas ele seria ainda melhor se Bolsonaro destituisse os ministros do STF e acabasse com a corte, cerceasse ainda mais o trabalho da imprensa, convocasse as Forças Armadas para assumir formalmente o poder e fechasse o Congresso Nacional, em especial o Senado. Ganha corpo, também, entre a militância bolsonarista, a narrativa de que Bolsonaro “acabou com a corrupção” e que o “ciclo do roubo foi quebrado”.

Olhamos para os *posts* com maior engajamento a fim de tentarmos perceber se eles apresentariam qualquer relação com as deserções que percebemos. Com base na breve análise feita neste item, podemos afirmar que sim, as publicações com maior número de comentários, no período contemplado na nossa análise, são espaços nos quais as dissidências mais aparecem. Isso ocorre, pelo que percebemos, por duas razões: a) há um chamado para que bolsonaristas e “ex-bolsonaristas” comentem sobre o presidente e o governo; b) em publicações com mais comentários, em tese aumentam as chances de encontrarmos comentários que destoem da maioria bolsonarista que ainda mantém apoio ao presidente e ao governo.

5.4. Dissidências heterogêneas e a importância dos infiltrados

As dissidências na base bolsonarista no Facebook - mais especificamente no grupo *Bolsonaro - Eu apoio* e na página *SOMOSTODOSBOLSONARO* e no período apurado - se constituíram como nosso principal foco durante a análise. Buscamos, segundo o problema de pesquisa, identificar “que sentidos emergem dissidências na base bolsonarista organizada através do Facebook”.

Essas formas são variadas. Lerner (2020) nos mostrou que os apoios a Bolsonaro, na eleição de 2018, foram expressos por diferentes grupos sociais e políticos. Militares, pecuaristas, agricultores, monarquistas e lavajatistas integraram o que, naquele pleito, representou uma grande união em torno de um candidato.

O que percebemos, nesta pesquisa, é que esta heterogeneidade também está presente entre aqueles que, passada a primeira metade do governo, começaram a desembarcar do barco bolsonarista. Ao identificarmos críticas a Bolsonaro, presentes em espaços que teoricamente seriam apenas de apoio, começamos a perceber que elas vinham de públicos variáveis e com motivos também distintos.

Por um lado, uma parcela entende que Bolsonaro é um presidente moderado, pois não agiu de maneira firme contra as instituições - e contra a democracia. As críticas expressam um descontentamento, mas não uma ruptura, já que não há, até este momento, um candidato que encarne melhor as aspirações anti-democráticas e golpistas do que Bolsonaro. É esta mesma parcela que, em outros períodos, também vibra com os ataques e os sinais golpistas do presidente, como quando das manifestações de 7 de setembro de 2021.

Por outro, há os que realmente parecem ter votado no atual presidente em 2018, mas que indicam discordâncias suficientes para não dobrar seu voto. Este segundo grupo, de acordo com o que apuramos, é mais diverso se levarmos em conta as razões postas para o “desembarque”. O tratamento da pandemia da Covid-19 pelo governo e a atual crise econômica, com alta generalizada de preços, aparecem como os principais motivos. Não são descartáveis aqueles que citam os casos de corrupção envolvendo a família Bolsonaro - especialmente os esquemas de *rachadinhas* - e as interferências do presidente em instituições como Ministério Público e Polícia Federal para livrar sua família de investigações, especialmente o atual senador Flávio Bolsonaro (RJ).

Ainda assim, conforme já pontuamos, o processo de socialização política (FIGUEIREDO, 2008), a partir das atitudes daqueles que integram o grupo e participam da página que analisamos, não é exato e estático. O ambiente social formado em plataformas como o Facebook pode propiciar propensões para caminhos distintos.

Desta forma, identificamos este caráter ambivalente e em constante mudança (PHILIPS, MILNER, 2017) tanto no grupo como na página. As alterações nos sentidos ficam por conta, especialmente, dos objetivos consensuados na base bolsonarista organizada nas plataformas, já que as estratégias, pelo período que observamos, têm pouca alteração.

A dissidência em si, pelo que concluímos, é percebida a partir de comentários oriundos de pessoas cujo voto na eleição de 2018 é possível de ser identificado. Mas é importante não deixarmos de lado o papel dos infiltrados, tanto no grupo, como na página. Via de regra, foram os infiltrados que mais comentaram, em texto e/ou imagem, pontos sensíveis para o governo, para o presidente e para seus apoiadores mais radicais. Aqui incluímos as mortes pela Covid, a inflação percebida sobretudo a partir do final de 2020 e as comparações com os governos petistas de Lula e Dilma.

Ainda na ação dos infiltrados, nos chama a atenção a ausência de críticas a Bolsonaro em razão de suas aspirações anti-democráticas - e das diversas falas golpistas proferidas desde sempre, mas impulsionadas durante a pandemia. É possível, pelo que acompanhamos nas publicações e comentários, que este tema não seja utilizado para criticar o presidente porque ele encontra eco em parte significativa de sua base de apoiadores. Aqui também mora a ambivalência: o que para muitos é visto como ponto negativo, passível de crítica, para outros é motivo de regozijo e orgulho, que diminui na medida em que as *bravatas* golpistas de Bolsonaro não se concretizam, ao menos não naquilo que parte de sua base pede.

Deste modo, criticar o presidente pelo atraso na compra de vacinas para a Covid-19 e pela alta generalizada no preço dos alimentos, energia elétrica, habitação e combustíveis são artifícios mais efetivos, já que de difícil contraposição. Tentar criticar o presidente citando a alta presença de militares no governo, o aparelhamento de instituições como a Polícia Federal e a pelos seus desejos golpistas, por exemplo, não surtiria efeito.

Esta é uma das estratégias de comunicação que percebemos no grupo e na página - nosso primeiro objetivo específico. Além dela, o uso constante da imagem de Michelle Bolsonaro e de mensagens religiosas, as críticas a Lula e ao PT e aos “novos inimigos” de Bolsonaro também são pilares estruturantes deste ativismo. As estratégias deliberadas, porém, são percebidas nas ações dos bolsonaristas ainda convictos, dos reflexivos e também dos infiltrados. No entanto, também percebemos movimentos espontâneos, que vêm, sobretudo, de cidadãos que resolvem externalizar suas impressões sobre Bolsonaro e o governo - no caso, por exemplo,

Esse ponto, das estratégias de desinformação, se conecta com outro de nossos objetivos específicos. Não podemos afirmar, de maneira categórica, que tais estratégias são espontâneas e tais

são deliberadas. Tanto o grupo como a página parecem ter seus *modus operandi* muito bem definidos e sua linha “editorial” traçada para, acima de qualquer coisa, defender o presidente e o governo e criticar adversários, históricos ou novos. No caso do grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, fica evidente que um dos artifícios de desinformação é o compartilhamento corriqueiro de publicações do portal *News Atual*. Já a página *SOMOSTODOSBOLSONARO* privilegia o compartilhamento de conteúdos originalmente publicados no site *Terra Brasil Notícias*. Isso evidencia que, embora existam várias formas de informação e desinformação, a busca pela ancoragem do conteúdo em um site pode representar uma fajuta credibilidade.

As deserções que mapeamos, além de serem, pelo que concluímos, um retrato mais recente do bolsonarismo, também dão força ao caráter de imprevisibilidade sobre a eleição de 2022. A partir dos números que apresentamos, essas dissidências ganham mais importância pela sua singularidade do que propriamente pela abrangência e indicativos percentuais de alcance. Nossa conclusão, também, de que elas não são uniformes pode sinalizar alterações em seu curso até o próximo pleito, tanto para o lado de consolidarem uma posição anti-Bolsonaro – extraídos os radicais golpistas – como para um entendimento de que o atual presidente, ainda que com ressalvas, merece um segundo voto.

6. Discussão e análise das hipóteses

A análise feita acima nos mostra alguns caminhos para tentarmos entender como a base de apoio ao presidente Jair Bolsonaro se articula neste momento nas plataformas digitais - mais especificamente no Facebook. Ainda que a estratégia pareça ser a de uma ramificação de difícil mapeamento completo, incluindo grupos e canais no Telegram, WhatsApp e no YouTube, o que constatamos é que o Facebook permanece como um espaço no qual conteúdos políticos posicionados, a favor do presidente, circulam por páginas e grupos.

Nosso *corpus* de análise foi composto por 1.240 publicações e 1.133.651 comentários, vindos da página *SOMOSTODOSBOLSONARO* e do grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, ambos no Facebook. As publicações foram todas lidas e, no caso dos comentários, os 100 mais relevantes de cada *post*. Ou seja, lemos 100% das publicações mapeadas e 9,1% dos comentários delas, compostos pelos comentários mais relevantes, ou um total de cerca de 124 mil comentários.

A categorização nos permitiu organizarmos os conteúdos a ponto de identificarmos que as críticas ao presidente e ao governo possivelmente formavam um movimento novo na base digital bolsonarista - ponto que ensejou um olhar mais detalhado. Embora a análise tenha se dado sobre o contingente específico de publicações e comentários mapeados entre 17 de março e 17 de maio, o acompanhamento da página e do grupo há pelo menos 18 meses nos permite compreendermos possíveis oscilações de estratégias e comportamentos para além de um período de dois meses.

Desta forma, passamos a responder, de maneira mais direta, as hipóteses que elencamos na introdução.

A hipótese “a”, de que mensagens críticas a Bolsonaro, ao governo e/ou a figuras publicamente identificadas como apoiadoras do presidente, não formam a maioria das publicações e comentários na página e grupo observados, se confirma.

Por não trabalharmos com *softwares* de tabulação dos dados, alguns cruzamentos e percentuais não foram realizados, também por não serem o foco da pesquisa. De todo modo, tabulamos os comentários de duas publicações do grupo e de duas da página, sendo duas dos primeiros 30 dias e duas do período final, a fim de tentarmos dimensionar o tamanho desta dissidência.

As quatro publicações analisadas pedem a opinião dos participantes da página e do grupo sobre o governo Bolsonaro, o que, conforme identificamos, abre espaço para mais comentários

críticos. Por isso, priorizamos estas publicações para fazermos a aferição. Excluídos os **Infiltrados**, que não compõem, segundo nossa análise, a base bolsonarista, chegamos a um percentual variável de 2% a 3% de comentários críticos (considerando apenas os 100 mais relevantes), variando de acordo com a publicação. Destes, entre 1 e 2 pontos percentuais - portanto, podendo chegar a mais da metade - se constituem em apoiadores do presidente que o avaliam como moderado, exigindo uma ação mais forte contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal - um golpe, na prática. Ou seja, possivelmente são eleitores de Bolsonaro que continuarão o apoiando em 2022, salvo se aparecer um candidato mais extremista.

Em alguns casos, como mostramos na análise, os comentários críticos podem representar uma parte maior do todo, ao menos entre os considerados mais relevantes pelo Facebook. Este tipo de mensagem, em sua maioria, pavimenta o caminho dos embates nos comentários, em geral iniciando por respostas de apoiadores do presidente. Por isso, ao receber muitas respostas ou mesmo reações (curtir, amei, etc.), o comentário passa a figurar entre os mais relevantes daquela publicação.

Aqui precisamos considerar que a aferição se deu apenas sobre comentários espontâneos, o que é um limitador importante. É possível, por exemplo, que participantes do grupo e curtidores da página tenham simplesmente abandonado estes espaços ou, ainda, deixado de comentar em publicações. A se confirmar, isso indicaria que a dissidência é ainda maior.

A primeira hipótese também afirma que essas críticas a Bolsonaro e ao seu governo poderiam indicar a quebra de uma possível continuidade anterior de plena adesão ao bolsonarismo. Sobre este ponto, não podemos refutar, nem confirmar. Não localizamos publicações científicas prévias que analisassem a adesão de grupos e páginas bolsonaristas à figura do presidente, seus atos e do governo.

O que percebemos, no entanto, é que as razões externalizadas para a mudança de opinião sobre Bolsonaro são atuais. Temas como pandemia e vacinas sequer existiam no primeiro ano de gestão e tampouco a campanha bolsonarista de 2018 pautou fortemente questões como inflação e desemprego. Isso nos leva a entender que, embora possa haver indícios anteriores à pandemia que indiquem possíveis dissidências, os motivos elencados agora são atuais: atraso na compra de vacinas, erros no tratamento da pandemia, alimentos mais caros, alta do desemprego, energia elétrica e gás de cozinha com preços elevados, etc.

A hipótese “b”, que indicava possíveis diferenças na atuação de curtidores da página e membros do grupo, em relação aos espaços serem mais ou menos públicos e privados, é refutável em parte. Nossa primeira e principal inquietação a respeito de possíveis diferenciações na atuação de participantes do grupo e da página diz respeito a manifestações antidemocráticas. Partimos de um

pressuposto, possivelmente ingênuo, de que a página, um espaço sabidamente público, não abarcaria discursos golpistas.

Nossa análise, porém, indica que comentários golpistas, por exemplo, permeiam tanto página como grupo, sem distinção de narrativas mais ou menos radicais de acordo com o espaço onde é proferida. Isso indica que parte da base de apoio do presidente não tem qualquer vergonha ou escrúpulo ao defender o fechamento do STF e do Congresso e ao pedir intervenção militar - algo que, conforme visto em diversas manifestações nas ruas, não fica restrito às plataformas digitais.

Essa hipótese foi importante quando fazíamos a análise sobre os **radicais de extrema direita**, uma das subcategorias das **críticas**. O entendimento inicial era de que haveria certo tom de moderação ao defender ideias golpistas em comentários da página, sendo algo mais restrito ao grupo. No entanto, dois elementos nos parecem centrais neste processo - um que conseguimos perceber de pronto, no início da pesquisa, e outro agora, ao final. Primeiro, o grupo, que oscilou durante o último ano entre 500 e 600 mil membros, não pode ser visto como um ambiente fechado, tendo publicações e comentários circulando apenas neste espaço, sem qualquer vazamento. Pelo acompanhamento mais amplo da rede digital bolsonarista, incluindo outros grupos e páginas do Facebook e, também, canais do Telegram, fica evidenciado que o intenso intercâmbio de informações entre esses diferentes grupos, perfis e páginas. Ou seja, a circulação de links e prints de publicações e mesmo comentários faz parte da natureza da organização desta base bolsonarista, inflando, assim, diferentes espaços organizados nas plataformas.

Segundo, que a parte mais radical da base de Bolsonaro realmente não tem qualquer hesitação ao defender um golpe militar. Pelo contrário, é perceptível um certo tom de orgulho nas críticas às instituições que ajudam a sustentar a democracia brasileira e na defesa de um governo militar instituído através de um golpe de estado. Nossa hipótese, talvez um tanto ingênuo, definitivamente não se confirma neste aspecto.

Apesar disso, nosso estudo não permite refutar a hipótese por não darmos conta, por exemplo, de apurar possíveis movimentos de moderação tanto no grupo como na página. Conforme descrevemos anteriormente, entre a identificação de um *post* e a coleta de seu link e a posterior captura da publicação em forma de *printscreen*, algumas publicações desapareceram. A gama de possíveis razões é variada, incluindo a moderação. Neste caso, o ato de moderar se daria, tão somente, pela exclusão de determinados conteúdos, sejam publicações do grupo, sejam comentários em publicações da página. Nesta, especificamente, não se percebe comentários feitos pela própria página.

A hipótese “c” trata das oscilações sobre os inimigos do presidente e, por consequência, de seus apoiadores. Ela se confirma, com base no recorte que fizemos. Em dezembro de 2020, o inimigo número um era o governador de São Paulo, João Dória, por conta do início da vacinação contra a Covid-19. Em julho do mesmo ano, passou a ser Joice Hasselmann, após ela aparecer com lesões no rosto e afirmar que não se lembrava o que havia acontecido.

Este tipo de estratégia, de focar em um alvo, permaneceu inalterada durante todo o período de observação da página e do grupo, entre julho de 2020 e dezembro de 2021, incluindo os dois meses de captação de publicações e comentários para esta pesquisa. Os *inimigos oscilantes* do presidente são, também, os inimigos de sua base mais fiel, que tratam de proliferar narrativas depreciativas - e, na maioria dos muitos casos, desinformativas - sobre tais figuras.

O termo *oscilantes* fica por conta da variedade de figuras públicas que entram e saem de uma suposta base de apoio do presidente. Aqui podemos incluir, além de Dória, o ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro e o ex-ministro Carlos Alberto Santos Cruz. Todos foram apoiadores de Bolsonaro na eleição de 2018 e, no caso dos dois últimos, integrantes de seu ministério, até o rompimento.

Outro ponto que se confirma da hipótese “c” é o dos inimigos fixos, em especial o Supremo Tribunal Federal e o ex-presidente Lula, o PT e a esquerda. As publicações e os comentários são amplos em termos de conteúdos abordados. No entanto, há recorrência de temas como decisões do STF que contrariam medidas e entendimentos do governo e do presidente, no caso das críticas ao STF, e as condenações de Lula e o chamado *petrolão* e os “enriquecimentos” de seus filhos. Quanto a Lula, expressões como *o molusco* e *o quatro dedos* também são recorrentes.

Ao menos no período analisado, o STF esteve inclusive mais em foco do que o próprio ex-presidente Lula. Durante os 60 dias apurados, houve, por exemplo, a decisão do ministro Luís Roberto Barroso ordenando a instauração da CPI da Covid no Senado Federal. Esta forma de atuação de parte da base bolsonarista vai na linha do que Jager e Walgrave (2007) identificam como uma das características do populismo: a formação de uma base teoricamente homogênea. O antagonismo ao STF, mas também a Lula e ao PT, aparecem como elementos que unificam os que comentam tanto na página como no grupo.

Já a hipótese “d” também se confirma em parte. O que verificamos é que a desinformação circula não apenas pela propagação de links de sites hiperpartidarizados, mas também através de imagens montadas com manchetes que distorcem os fatos. Essas montagens aparecem não apenas nas publicações originais, mas também em grande número nos comentários.

O exemplo abaixo, na Figura 7, retirado de um comentário de uma publicação de março de 2021 da página, traz uma montagem sobre falso faturamento milionário da família de Lula, com fotos do próprio ex-presidente, de sua falecida esposa Marisa Leticia e de seu filho Fábio Luis.

Figura 7 - Montagem sobre a família de Lula



Fonte: Facebook.

Conforme citamos no item sobre desinformação, são conteúdos desinformativos, com narrativas enviesadas e, em muitos casos, sabidamente falsas. Na página *SOMOSTODOSBOLSONARO*, praticamente todos os links noticiosos compartilhados são do *Portal BR7*⁴⁰, um site hiperpartidarizado alinhado ao presidente Jair Bolsonaro. Já no grupo *Bolsonaro - Eu apoio*, a preponderância é do portal *News Atual*, que tem estratégia semelhante à adotada pelo *BR7*.

Esta hipótese não se confirmou por completo porque percebemos que a desinformação está, também, nas imagens compartilhadas e mesmo nos comentários feitos nas publicações. Isso, no nosso ponto de vista, dificulta um completo mapeamento sobre estratégias de desinformação e conteúdos desinformativos em circulação nas plataformas.

Portais como *News Atual* e *BR7* apenas facilitam o mapeamento pela possibilidade de captação de links e publicações e, também, pela finitude das atualizações feitas diariamente. Ainda que, no caso do grupo e da página aqui analisados, seja possível perceber estratégias de desinformação

⁴⁰ Fonte: <https://www.portalbr7.com/> Acesso em 16 jan. 22.

a partir das publicações, torna-se difícil identificar o tamanho do alcance se levarmos em contato que conteúdos desinformativos também permeiam os comentários destes *posts*.

Em resumo:

- a. mensagens críticas a Bolsonaro, ao governo e/ou a figuras publicamente identificadas como apoiadoras do presidente, não formam a maioria das publicações e comentários na página e grupo observados, mas indicam a quebra de uma possível continuidade anterior de plena adesão ao bolsonarismo; **CONFIRMADA.**
- b. curtidores e comentaristas da página e membros do grupo agem de maneira diferente nos dois espaços. O primeiro, sabidamente público, ensejando mínima cautela sobre alguns aspectos. O segundo, teoricamente fechado, no qual comentários podem adotar um tom mais radical; **REFUTADA EM PARTE.**
- c. assim como age o próprio presidente, sua base, no grupo e página observados, também oscila quando da eleição de “inimigos”, antagonizando com figuras já consolidadas, como o ex-presidente Lula e o PT, e com desafetos mais recentes e, em geral, ex-apoiadores de Bolsonaro. **CONFIRMADA.**
- d. conteúdos desinformativos circulam em ambos os espaços, com preponderância de notícias posicionadas, oriundas de sites da mídia hiperpartidarizada. **CONFIRMADA EM PARTE.**

7. Considerações finais

Esta pesquisa não nos dá grandes conclusões sobre o cenário da comunicação política nas plataformas, tampouco sobre como o bolsonarismo está hoje estruturado nestes espaços. Optamos por olhar de maneira mais minuciosa para um grupo e para uma página, em um período bastante específico. A ideia era, realmente, tentar perceber movimentos que nos indicassem possíveis cenários para 2022. Ainda que com limitações, saímos desta pesquisa com algumas impressões:

- o Facebook ainda é uma plataforma relevante no contexto político;
- a atuação do grupo e da página observados, com crescimento de seguidores e participantes, indica uma continuidade da importância do Facebook como plataforma por onde circulam conteúdos políticos;
- os formatos de desinformação são criados e ressignificados a cada dia, com uso, entre outros artifícios, de sites hiperpartidarizados e montagens com dados distorcidos, ambos espalhados por publicações e comentários;
- a identificação e a exclusão de conteúdos desinformativos tornam-se tarefas difíceis exatamente pelos seus contornos cada vez mais diversos, não raro com ares de uma notícia jornalística apurada e equilibrada;
- há espaço para crescimento do número de dissidentes na base bolsonarista, especialmente na medida em que a campanha se aproxima e a situação econômica, especialmente pela inflação, não tem alterações perceptíveis;
- integrantes da base mais radical de apoio a Bolsonaro defendem, aberta e ferozmente, uma intervenção militar e o fechamento de instituições como STF e Congresso Nacional;

- grupo e página têm estratégias semelhantes de atuação, incluindo o compartilhamento de links de sites hiperpartidarizados;
- as menções a Deus, a Jesus e a outras figuras religiosas são constantes, realçando e reafirmando a ligação simbiótica do bolsonarismo com a religião;
- nos comentários do grupo e da página, fica evidente a disputa pelo sentido de palavras como *democracia*, já que mesmo ao defender um golpe militar e o fechamento de instituições, parte da base bolsonarista defende que isso é ser democrático;

Os dois meses de observação da página e do grupo nos dão base para respondermos nosso problema de pesquisa: que sentidos emergem das dissidências na base bolsonarista organizada através do Facebook?

As respostas às quatro hipóteses, que trazemos no capítulo anterior, indicam a ausência de uma uniformidade para que essas dissidências ocorram. Elas vêm, pelo menos, de radicais da extrema direita, de bolsonaristas arrependidos, de eleitores reflexivos e ainda indecisos sobre 2022, de apoiadores que viram suas vidas serem afetadas direta e negativamente pelas ações do governo. Quanto às formas, ao menos na página e no grupo observados, são utilizados basicamente comentários de curtidores e participantes que avaliam o governo e o presidente, criando margem para críticas e sinalizações de que, na eleição deste ano, Bolsonaro não terá seu apoio. Novamente, reiteramos o papel dos infiltrados: embora possivelmente não sejam ex-bolsonaristas, eles cumprem a função de “incendiarem” determinadas discussões, jogando luz sobre temas e opiniões incômodas inclusive aos bolsonaristas mais radicais.

Bem, esta dissertação está sendo concluída a menos de seis meses do início da campanha eleitoral de 2022. O grupo *Bolsonaro - Eu apoio* e a página *SOMOSTODOSBOLSONARO* possivelmente seguirão como canais relevantes na base digital bolsonarista no Facebook. Nos dias em que esses apontamentos finais são escritos, surge a notícia de que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não descarta a possibilidade de banir o Telegram no país⁴¹. Também acompanhamos dois canais bolsonaristas nesta plataforma em 2021 - e pudemos visualizar seu crescimento.

⁴¹ Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/apos-recesso-barroso-consultara-ministros-do-tse-sobre-banir-telegram>
Acesso em 24 jan. 22.

Tentar qualquer exercício de projeção de 2022 com a lupa voltada para 2018 pode ser um erro. As circunstâncias são diferentes, tanto do ponto de vista da comunicação por plataformas, como do próprio cenário político. Em relação a Bolsonaro, o que tem se visto, no entanto, é que não parece haver a intenção de moderar seu discurso, mas continuar na linha da radicalização que permeou a campanha de 2018 e todo o governo. Este tom, possivelmente, manterá sua base digital atizada, podendo fidelizar ainda mais os apoiadores, mas também com chances de aumentar as dissidências.

Se em termos de conjuntura há diversas diferenças em relação a 2018 - sobretudo na economia -, a manutenção da atividade de grupos como o *Bolsonaro - Eu apoio* e de páginas como *SOMOSTODOSBOLSONARO*, no Facebook, incluindo o crescimento de participantes e seguidores, indica que, em 2022, as plataformas digitais devem novamente ser atores relevantes no processo eleitoral, como foram na última eleição (CAMPOS MELLO, 2020; EVANGELISTA, BRUNO, 2020).

Conforme visto nesta pesquisa, a desinformação cumpre papel central nas discussões políticas organizadas na internet. As suas formas cada vez mais variadas de estruturação e disseminação se colocam como desafio a quem pretende combatê-las. Se conteúdos desinformativos circulassem apenas em sites da mídia hiperpartidarizada ou mesmo em publicações de páginas públicas nas plataformas digitais, a identificação e o combate poderiam ser mais efetivos. O que vimos, porém, é que as formas que variam, como a presença de desinformação em textos de comentários de publicações no Facebook.

Esta pesquisa, ao ser concluída, também enseja a discussão sobre como ocorrerá a reacomodação de forças e dissidentes da base bolsonarista com a proximidade das eleições. A dúvida permanece sobre como, por exemplo, aqueles que mais sentiram os efeitos da crise econômica, e que haviam votado em Bolsonaro em 2018, se posicionarão nas eleições deste ano. É possível, como mencionamos, que um sistema de reacomodação de crenças e forças (FIGUEIREDO, 2008) aja a ponto de “pacificar” a base dissidente, seja pela falta de uma alternativa eleitoral viável, seja porque as razões não eram fortes o suficiente para uma completa ruptura.

A ver.

Referências

ALDÉ, A. Cidadãos na rede: tipos de internautas e sua relação com a informação política online. *Contemporanea* (UFBA. Online), v. 9, p. 370-389, 2011. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5809> Acesso em 27 jun. 21.

ALBUQUERQUE, A. Populismo, elitismo e democracia: Reflexões a partir da Operação Lava Jato. *Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*. Nº 12, pp. 17-30, 2021. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_1

ALVES DOS SANTOS JUNIOR, M. Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. *Revista GEMInIS*, v. 7, n. 1, p. 117-146, 6 jul. 2016. Disponível em <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/255> Acesso em 27 jun. 2021.

_____. Plataformização da comunicação política: governança algorítmica da visibilidade entre 2013 e 2018. *E-Compós*, 24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2101>

AQUINO BITTENCOURT, M. C. A construção da figura política de Bolsonaro no El País: um exercício metodológico para análise sobre produção de sentido no jornalismo. *Galaxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 43, jan-abr, 2020, p.168-187. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020143054>

ARAÚJO, W. A construção da norma algorítmica: análise dos textos sobre o Feed de Notícias do Facebook. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.21, n.1, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.v21i1.1402>

AVRITZER, L. *O pêndulo da democracia*. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018*. *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo. v37, nº 2, pp. 273-289. Mai-Ago. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/nec/v37n2/1980-5403-nec-37-02-273.pdf> Acesso em 28 mar. 21.

_____. *Política e antipolítica nos dois anos de governo Bolsonaro* in AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 13-20.

AVRITZER, L.; MARONA, M. A Tensão entre Soberania e Instituições de Controle na Democracia Brasileira. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 60, no 2, 2017, pp. 359 a 393. DOI: <https://doi.org/10.1590/001152582017123>

BARFAR, A. Cognitive and affective responses to political disinformation in Facebook. 2019. pp. 173-179. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.07.026>

BRAGA, M. S.; ZOLNERKEVIC, A. Padrões de votação no tempo e no espaço: classificando as eleições presidenciais brasileiras. *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 26, nº 1, jan.-abr., p. 1-33, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-019120202611>

CAMPOS MELLO, P. *A máquina do ódio*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CASTELLS, M. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Rev. antropol.* (São Paulo, Online) | v. 62 n. 3: 530-557 | USP, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>

_____. On digital populism in Brazil. Disponível em <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/> 2019b.

_____. How social media affords populist politics: remarks on liminality based on the brazilian case. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(59.1): 404-427, jan./abr. 2020a. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000100404 Acesso em 28 mar. 21.

_____. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*. n. 1, v. 1, fevereiro de 2020b, páginas 91 a 120. Disponível em <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf> Acesso em 28 mar. 21.

DIRESTA, R., SHAFFER, K., RUPPEL, B., SULLIVAN, D., MATNEY, R., FOX, R., ALBRIGHT, J., JOHNSON, B. *The Tactics & Tropes of the Internet Research Agency*. Report, New Knowledge, 2018. <https://www.newknowledge.com/articles/the-disinformation-report/>

EVANGELISTA, R.; BRUNO, F. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. *Internet Policy Review*, 8(4). 2019. Disponível em <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/214094/1/IntPolRev-2019-4-1434.pdf> Acesso em 22 dez. 2020.

FALLIS, D. What Is Disinformation?. In: *Library Trends*, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Chicago (EUA): University of Illinois, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0014>

FIGUEIREDO, M. *A decisão do voto: democracia e racionalidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.

FRENKEL, S.; KANG, C. *Uma verdade incômoda: os bastidores do Facebook e sua batalha pela hegemonia*. 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GERBAUDO, P. *Redes e Ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo*. 1ª ed. São Paulo: Editoria Funilária, 2021.

_____. Social Media and Populism: An elective affinity? Kings College London, 2018. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443718772192?journalCode=mcsa> Acesso em 28 jan. 21.

GARCÍA-OROSA, B. Disinformation, social media, bots, and astroturfing: the fourth wave of digital democracy. *Profesional de la información*, v. 30, n. 6, e300603, 2021. <https://doi.org/10.3145/epi.2021.nov.03>

GERBAUDO, P.; ROMANCINI, R. Paolo Gerbaudo: a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea. V.14 - No 1 jan./abr. 2020 São Paulo - Brasil, pp. 109-122.

GILLESPIE, T. The politics of ‘platforms’. *New media & society*, v. 12, n. 3, p. 347 - 364, 2010.

_____. A relevância dos algoritmos. *Revista Parágrafo*. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018a. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5971548/mod_resource/content/1/722-2195-1-PB.pdf. Acesso em 28 jan. 2021.

_____. *Custodians of the internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media*. Yale (EUA): University Press, 2018b.

GOBBI, L. A. A agenda do Jornal Nacional: uma análise da cobertura de casos de corrupção. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. 2018. Disponível em https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10775/GOBBI_Laura_2018.pdf?sequence=6&isAllowed=y Acesso em 16 jan. 22.

GOMES, W.; FERNANDES, B.; REIS, L.; SILVA, T. “Politics 2.0”: a campanha online de Barack Obama em 2008. *REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA* V. 17, Nº 34 : 29-43 OUT. 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/gFnR7qWvytkpKF9ctQyj3w/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 28 jan. 2021.

GUERREIRO, A. AQUINO, M. C. Desinformação como estratégia política nas plataformas digitais: uma análise da circulação de notícias do site News Atual no grupo Bolsonaro - Eu apoio no Facebook. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/desinformacao-como-estrategia-politica-nas-plataformas-digitais--uma-analise-da-circulacao-de-noticias-do-site-news-atua>. Acesso em: 16 jan. 2022.

HENN, R.; PILZ, J.; MACHADO, F. V. K. Celebração do casamento igualitário e homofobia nas redes digitais: #LoveWins na disputa de sentidos oriundos da apropriação da Havaianas. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v21, n1. Jan/Abr 2018. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1400> Acesso em 26 dez. 21.

HERMET, G. El populismo como concepto. *Revista de Ciência Política*, 2003, vol. 23, no.1, p.5-18. Retirado de: <https://www.redalyc.org/pdf/324/32423101.pdf>. Acesso em 26 dez. 21.

- JAGERS, J.; WALGRAVE, S. Populism as political communication style: An empirical study of political parties' discourse in Belgium. *European Journal of Political Research*, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2006.00690> Acesso em 28 mar. 21.
- LACLAU, E. La deriva populista y la centroizquierda latinoamericana. *Revista de la Cepal*, 2006, pp. 56-61. Disponível em https://nuso.org/media/articles/downloads/3381_1.pdf Acesso em 28 mar. 21.
- LERNER, C. A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook *in* FARIA, F. G.; MARQUES, M. L. B. Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador. *Sertão Cult: Sobral, CE*, 2020. Disponível em <https://www.deposita.ibict.br/handle/deposita/163> Acesso em 16 jan. 22.
- LOMBORG, S.; KAPSCH, P. H. Decoding algorithms. *Media, Culture & Society*. 1-17. 2019. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/37248> Acesso em 16 mai. 21.
- LOPES, M. S.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. M. L. “2018, a batalha final”: Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. *Civitas - Revista De Ciências Sociais* 20 (3): 377-389, set.-dez. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/civitas/a/GsQRTNzJNvYYqZYBwjfV7jM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 jan. 22.
- MARRAES, N. Why we can't have our facts back. *Engaging Science, Technology and Society*, 4, 423-443, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17351/ests2018.188>
- MCINTYRE, D. P.; SRINIVASAN, A. Networks, platforms, and strategy: Emerging views and next steps. *Strategic Management Journal*, 38(1), 141–160. 2017. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/smj.2596> Acesso em 22. dez. 2020.
- MENDES, A. M.; VIANNA, G. M. Entre monstros e super-heróis: retratos dos principais atores da crise política de 2016 nas capas de revistas brasileiras. *Comunicação Pública: Vol. 13, nº 24*, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.2262>
- MONTARDO, S. Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. *Galaxia (São Paulo, online)*, ISSN 1982-2553, n. 41, mai-ago., 2019, p. 169-182. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019237688>.
- MIGUEL, L. F. Democracia fraturada: o golpe, os limites do arranjo concorrencial e a perplexidade da ciência política. *In*: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. *Encruzilhadas da Democracia*. Porto Alegre (RS): Zouk, 2017. pp. 45-64.
- MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MOUNK, Y. *O povo contra a democracia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUSSE, R. Governo Bolsonaro: calamidade triunfal. *in* AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 51-66.

NASCIMENTO, L.; ALECRIM, M.; OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, M.; COSTA, S. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.25.1, 2018, p.135-171. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2018.149019>

OLIVEIRA, B. S.; MAIA, R. C. M. REDES BOLSONARISTAS: o ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. *Confluências | Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito*, 22(3), 83-114, 2020. Disponível em de <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/45506> Acesso em 16 jan. 22.

OLIVEIRA, R. C.; GOULART, M. H. H. S. A “nobreza armada”: militares na ditadura militar e no governo Bolsonaro. *Capitais sociais, educacionais, culturais, familiares e políticos*. Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses. Dossiê Produção e Reprodução de Desigualdades, Curitiba, v. 7, n. 1, jun. 2021. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/81612/43962> Acesso em 16 jan. 22.

PHILIPS, W.; WILNER, R. M. *The Ambivalent Internet: Mischief, Oddity, and Antagonism Online*. Polity Press, 2017.

PIRES, L. N.; CARVALHO, L. B.; RAWET, E. D. Multi-dimensional inequality and Covid-19 in Brazil. *Investigación Económica* 80, no. 315 (2021): 33–58. <https://www.jstor.org/stable/26965502>.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/255717536_A_Cartografia_como_metodo_para_as_ciencias_humanas_e_sociais Acesso em 16 mai. 21.

PIAIA, V.; ALVES, M. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Intercom - RBCC São Paulo*, v. 43, n. 3, p.135-154, set./dez. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/interc/v43n3/1809-5844-interc-43-3-0135.pdf> Acesso em 25 jan. 22.

PIAIA, V.; NUNES, R. Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório. IESP nas Eleições, 2018. Disponível em <http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/> Acesso em 16 jan. 22.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. *revista Fronteiras – estudos midiáticos* 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> Acesso em 22 dez. 2020.

REIS, F. W. Crise política: a opinião pública contra o eleitorado. *In*: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. *Encruzilhadas da Democracia*. Porto Alegre (RS): Zouk, 2017. pp. 15-44.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas. • SUR 27 - v.15 n.27 • 71 - 83 | 2018. Disponível em <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6131> Acesso em 28 mar. 21.

RIBEIRO, R. J. O Brasil voltou cinquenta anos em três. *In*: GEISELBERGER, H. A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos - e como enfrentá-los. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. The Conservative Reaction and the June 2013 Revolts *in* The Bolsonaro Paradox: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil. Springer, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-79653-2>

ROMANCINI, R. Do “Kit Gay” ao “Monitor Da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 87-108, ago. 2018/ nov. 2018. Disponível em <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17628/pdf> Acesso em 16 jan. 22.

ROCHA, C.; SOLANO, E. A ascensão de Bolsonaro e as classes populares. *In*: AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (orgs.) Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RUNCIMAN, D. Como a democracia chega ao fim. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2018.

SEMICEK, P. H.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E.; LIMA, M. R. V. “This is your digital life”: networks, social media and the impact of the Cambridge Analytica case on Facebook’s Data Policy. *revista Fronteiras - estudos midiáticos*. Vol. 23 Nº 3 - setembro/dezembro 2021. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/21628/60748904> Acesso em 17 jan. 22.

SILVA, M. G.; RODRIGUES, T. C. M. O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro. DOSSIÊ - O Populismo e a Construção Política do Povo. *MEDIAÇÕES*, Londrina, v. 26, n. 1, p. 86-107, jan-abr. 2021. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/42098/pdf> Acesso em 23 jun. 2021.

SINGER, A. BRASIL, JUNHO DE 2013: Classes e ideologias cruzadas. Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções • *Novos estudos*. CEBRAP (97) • Nov 2013 • <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>

SINGER, A. O lulismo em crise - um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, C.; FONTANELLI, F. Antídotos institucionais do federalismo brasileiro: a Covid-19 mudou a dinâmica federativa? *in* AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 135-150.

STABILE, M.; VON BÜLOW, M. O velho não morreu, o novo já está aqui: informação e participação digital na era do bolsonarismo. *in* AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 481-494.

TATAGIBA, L. Desdemocratização, ascensão da extrema direita e repertórios da ação coletiva. *In* AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (orgs.) *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

TATAGIBA, L.; GALVÃO, A. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 25, nº 1, jan.-abr., p. 63-96, 2019. DOI 10.1590/1807-0191201925163.

TOWNSEND, L.; WALLACE, C. *Social Media Research: a guide to ethics*. Aberdeen: University of Aberdeen, 2016. Disponível em: https://www.gla.ac.uk/media/media_487729_en.pdf. Acesso em 16 mai. 2021.

TREZZI, H. O Executivo de farda: por que Bolsonaro mais do que dobrou o número de militares em cargos de confiança? *Caderno DOC*, jornal Zero Hora, Porto Alegre, 13 de março de 2021, pp. 6-9.

TUCKER, J., GUESS, A., BARBERÁ, P., VACCARI, C., SIEGEL, A., SANOVICH, S., NYHAN, B. Social media, political polarization, and political disinformation: A review of the scientific literature. Hewlett Foundation. 2018. Disponível em <https://www.hewlett.org/wpcontent/uploads/2018/03/Social-Media-Political-Polarization-and-PoliticalDisinformation-Literature-Review.pdf>. Acesso em 17 jan. 22.

ZAGO, G. Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede: a Copa do Mundo de 2014 no twitter. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2014.